



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL - PPGHB

ELISNAURO ARAÚJO BARROS

**SONHOS, SUOR E DETERMINAÇÃO:
O CONJUNTO DIRCEU ARCOVERDE E A POLÍTICA DE MORADIA
POPULAR EM TERESINA (1976-1982)**

TERESINA-PI
2020

ELISNAURO ARAÚJO BARROS

**SONHOS, SUOR E DETERMINAÇÃO:
O CONJUNTO DIRCEU ARCOVERDE E A POLÍTICA DE MORADIA
POPULAR EM TERESINA (1976-1982)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, para a obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Orientador: Dr. Marcelo de Sousa Neto

TERESINA-PI

2020

Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

B268s Barros, Elisnauro Araújo.
 Sonhos, suor e determinação: o Conjunto Dirceu Arcoverde
 e a política de moradia popular em Teresina (1976-1982) /
 Elisnauro Araújo Barros. – 2020.
 156 f.

 Dissertação (Mestrado em História do Brasil) –
 Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2020.
 “Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Sousa Neto”.

 1. Cidade. 2. História. 3. Memória. I. Título.

CDD 981.22

ELISNAURO ARAÚJO BARROS

**SONHOS, SUOR E DETERMINAÇÃO:
O CONJUNTO DIRCEU ARCOVERDE E A POLÍTICA DE MORADIA
POPULAR EM TERESINA (1976-1982)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, para a obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Dissertação aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo de Sousa Neto (UESPI)
Orientador

Prof. Dr. Thiago Coelho Silveira (IFMA)
Examinador Externo

Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento (UFPI)
Examinador Interno

Prof. Dr. Pedro Pio Fontineles Filho (UFPI)
Examinador Interno

Prof^a. Dr^a. Cláudia Cristina da Silva Fontineles (UFPI)
Suplente

Ao meu irmão, Erisvan Araújo Barros (in memoriam), que, na véspera da prova escrita do Mestrado, deixou sua matéria física e foi viver eternamente ao lado do Altíssimo, que, ao mesmo tempo, me fez perder e me encontrar durante o período de construção deste trabalho, partindo sem que eu pudesse ter dito que o amava. Mas quando eu também realizar minha partida para meu descanso eterno, tenho a certeza de lhe encontrar e dizer: eu te amo!

À minha avó, Maria de Araújo Paiva (in memoriam), que partiu deixando no meu coração uma saudade eterna, e nunca esquecerei aquela despedida, pois ainda sinto seu cheirinho de vozinha, me abraçando com tanto amor. Obrigado, por ter tido a honra de ser neto por todos estes anos, te amo, vó baixinha!

AGRADECIMENTOS

A meu Deus, primeiramente, pois Ele sabia do meu desejo enorme de realizar este Mestrado; que, mesmo após a fatalidade de perder um irmão na véspera da prova escrita de 2017, me deu força e não permitiu que eu desistisse, fazendo com que eu pensasse antes do teste: “que minha mente esqueça o coração neste instante”, assim sentei na quinta cadeira da primeira fila do auditório à direita, e agora estou no lugar onde tanto desejei. Obrigado, ao Senhor!

Agora, chegou aquele instante em que não podemos esquecer realmente as pessoas que colaboraram para este instante de realização de um sonho de ser Mestre em História. Vamos começar pela responsável diretamente por minha existência, minha mãe, Francisca Araújo Barros, agradeço profundamente por este tempo que também acreditou em mim. Obrigado, por ser seu filho e verdadeira mestra da minha vida. Te amo!

Ao meu filho, João Pedro Monteiro da Silva Barros, que iniciou comigo minha Monografia de Graduação, com apenas nove anos, digitando em pé, em frente ao computador, meu texto, enquanto eu escrevia no caderno o que seria usado no transcorrer; assim, sem que percebesse, entrou duplamente na minha história, seja como filho, como incentivador, seja como fator essencial, quando direciono meus objetivos de vida. Obrigado, meu filho, e saiba que te amo!

À minha companheira, parceira, esposa, mulher e incentivadora, Vânia Soares Silva, que, ao longo dessa trajetória, sempre me ouvia dizer do sonho de fazer um Mestrado, tanto que consegui êxito somente na quinta tentativa, persistência, perseverança, insistência, e mesmo teimosia, acompanhada por ela, sabendo o quanto isso seria primordial em minha história de vida. Obrigado, a você, meu amor!

À minha família, especialmente minha irmã Elizângela Araújo Barros, e sobrinhos: Franciele Barros, Franciel Barros e Paulo Geovane Araújo Barros, que estão presentes em minha vida, apesar do distanciamento físico; saibam que amo vocês. Obrigado, por tudo!

A meus amigos, Auriane Gomes e Elton Larry, um casal essencial para que este momento acontecesse, pois sempre acreditaram em mim; e fundamentais nos momentos que passei nestes últimos anos, e certamente pessoas que entraram na minha vida para nunca mais sair. Obrigado, amo vocês!

À Família Soares Silva, especialmente, Cleide, Orlando, Gabriel, Silvânia, Yasmin e Guilherme, pelo apoio prestado nesta transição de cidade, quando cheguei para residir em São Luís (MA), no decorrer do Mestrado. Obrigado, por tudo!

À eterna vizinha, Maria de Fátima de Jesus, a despeito de o seu tamanho físico não demonstrar sua grandiosidade como pessoa, foi minha primeira entrevistada e ponto de partida para escrever sobre o lugar onde tenho minhas raízes. Obrigado, por tudo!

A meus colegas de Graduação, que se tornaram amigos, Jordana Maria, Jorge Luís, José Nunes, e Klésio Wesley, que, por meio de seus questionamentos, auxiliaram na construção deste trabalho. Muito obrigado!

À minha eterna professora e amiga, Aldaíres Pereira da Silva, por suas palavras motivadoras e fundamentais para que eu chegasse até aqui, com o privilégio de ser seu aluno durante a Graduação, e sabendo agora que seus ensinamentos vão além da sala de aula, servem para toda a vida. Obrigado, por tudo!

A meus ex-colegas de trabalho e amigos da Fundação Municipal de Saúde de Teresina, Antônio Cardoso, Cesar Augusto, Franciano Leite, Francisco Furtado, Francisco Manoel, Francisco Moreira, Gracilene Silva, Hilton de Sousa, Luciano Bastos, Juvenal de Oliveira, Kleyton Willieme, Rogério Milkon, pelos estímulos nesta caminhada literalmente de sol a sol todos esses anos. Obrigado, por tudo!

A meus amigos encontrados no Mestrado, Gizeli da Conceição, Jackson Dantas, João de Deus, e Yasmin Escórcio, fundamentais para uma adaptação ao mundo acadêmico, neste período tumultuado mental, emocional e financeiramente. Muito obrigado!

A meus colegas do Mestrado, Anderson Miura, Daniela Fontenele, Débora Jordana, Jardine Lucena, Joaquim Conrado, Jonatas Lincoln, Júlio Cesar, Júlio Eduardo, Kelyel Fortes, Kézia Zelinda, Lanna Karen, Maryelle Nascimento, Rafaela da Costa, Simoni Portela, Thaise de Sousa, Thiago Rodrigues, Viviam Cathaline, que dividiram comigo o espaço da sala de aula e seus conhecimentos durante esta jornada “histórica” da 14ª Turma da PPGHB. Muito obrigado!

Aos meus professores, Edwar de Alencar Castelo Branco, Fabio Leonardo Castelo Branco Brito, Francisco Alcides do Nascimento, Francisco de Assis de Sousa Nascimento, José Petrucio de Farias Júnior, Johny Santana de Araújo, Túlio Henrique Pereira, com suas aulas que me deram a possibilidade de desenvolver minhas ideias na construção desse trabalho. Obrigado, por tudo!

A meu primeiro orientador, Dr. Pedro Pio Fontineles Filho, pelas primeiras orientações para o desenvolvimento de pesquisa ainda na Graduação. Muito obrigado!

A meu orientador, Dr. Marcelo de Sousa Neto, por sua confiança em mim desde o começo dessa peregrinação no campo da História, e sempre enaltecendo a sua relevância

acadêmica, principalmente, tendo a paciência e compreensão por minhas dificuldades. Muito obrigado!

À Profa. Dra. Cláudia Cristina da Silva Fontineles, porque durante uma aula de Prática Pedagógica I, realizada no dia 27 de setembro de 2008 (sábado) à tarde, quando cochilei por duas vezes, me fez perceber o que de fato eu queria: ser um professor de História. Muito obrigado!

A todos os entrevistados que se dispuseram a narrar suas memórias, Adalgisa Dorneles de Oliveira Sousa, Conceição de Maria Lopes Silva, Francisco de Assis Alves, Francisco Lucas da Costa, Gregória do Espírito Santo Bandeira, Marcos Venicio Gomes de Sousa, Maria da Conceição Santos e Silva, Maria de Fátima Jesus, Maria Nazaré Oliveira do Nascimento, Teresa Cristina Oliveira do Nascimento, pessoas notáveis e essenciais para fazermos este trabalho. Muito obrigado!

À Rairana e Eliete, secretárias do PPGHB, pela presteza sempre demonstrada. Obrigado!

Aos que diretamente estiveram envolvidos para o êxito da minha caminhada, para a obtenção do título de Mestre em História do Brasil, obrigado a todos!

RESUMO

Este trabalho pretende compreender o surgimento do Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde, com a aprovação do “Projeto Itararé” em 1976, até a inauguração do primeiro hospital em 1981, e seu pleno atendimento em 1982. Trazemos a precariedade da estrutura, afetando diretamente as famílias da região, que se desenvolveu através da ação individual e coletiva, fazendo com que os gestores voltassem seu olhar ao Conjunto. Por isso, contamos este processo utilizando a metodologia da história oral, com as obras de Alessandro Portelli (2016), Verena Alberti (2007/2010), Marieta Ferreira (2006) e Janaina Amado (2006) com os moradores. Inclui-se a questão da memória com Joel Candau (2018), Maurice Halbwachs (2003) e Michel Pollak (1989/1992), na compreensão das narrativas desses sujeitos, e o cotidiano, com Michel de Certeau (1998/2013) e fontes hemerográficas locais como *O Dia* e *O Estado*. Dividimos este trabalho em três capítulos. Primeiramente, discutimos as estruturas das casas, do transporte coletivo, do abastecimento d’água e questões políticas. Em seguida, abordamos os papéis das mulheres para a permanência de suas famílias no Conjunto. Finalmente, trataremos a questão do atendimento médico e higienização. Procuramos, assim, discutir o cotidiano e as dificuldades de viver no Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde.

Palavras-chave: História. Cidade. Memória. Cotidiano.

ABSTRACT

This work intends to understand the emergence of the Dirceu Arcoverde Housing Complex, with the approval of the “Itararé Project” in 1976, until the opening of the first hospital in 1981, and its full service in 1982. We bring the precariousness of the structure, directly affecting the families of the region, which developed through the individual and collective action, causing the managers to look at the ensemble. Therefore, we tell this process using the methodology of oral history, with the works of Alessandro Portelli (2016), Verena Alberti (2007/2010), Marieta Ferreira (2006) and Janaina Amado (2006) with the residents. The question of memory is included with Joel Candau (2018), Maurice Halbwachs (2003) and Michel Pollak (1989/1992), in the understanding of the narratives of these subjects, and the daily life, with Michel de Certeau (1998/2013) and sources local hemerographic areas such as O Dia and O Estado. We divided this work into three chapters. First, we discuss the structures of the houses, public transport, water supply and political issues. Then, we approached the roles of women for the permanence of their families in the Complex. Finally, we will address the issue of medical care and hygiene. Thus, we seek to discuss the daily life and the difficulties of living in the Dirceu Arcoverde Housing Complex.

Keywords: History. City. Memory. Daily.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1 – Governador Dirceu Arcoverde vistoriando a construção dos Conjuntos Bela Vista e Parque Piauí.....	26
IMAGEM 2 – Rondonistas visitando famílias na Operação “João de Barro”.....	29
IMAGEM 3 – Mapa com a localização do Conjunto.....	33
IMAGEM 4 – Espaço improvisado para realização de missas no Conjunto em 1979.....	37
IMAGEM 5 – Reconstrução digital da casa e planta baixa do tipo “A”	38
IMAGEM 6 – Reconstrução digital da casa e planta baixa do tipo “B”	39
IMAGEM 7 – Reconstrução digital da casa e planta baixa do tipo “C”	40
IMAGEM 8 – Casas do tipo “B” no Dirceu Arcoverde II[ca. 1980]	43
IMAGEM 9 – Foto atual do Oitavo Batalhão de Polícia Militar	53
IMAGEM 10 – Inauguração do Conjunto Dirceu Arcoverde II – 17 out.1980	59
IMAGEM 11 – Entrega das casas do Conjunto Dirceu Arcoverde II – 17 out.1980.....	60
IMAGEM 12 – Ônibus que iriam fazer linha para o Conjunto Dirceu Arcoverde II	62
IMAGEM 13 – Moradores do Dirceu Arcoverde quebram os canos da AGESPISA	85
IMAGEM 14 – Fachada do HGV em 1941	110
IMAGEM 15 – Fachada do HGV na década de 1970	111
IMAGEM 16 – Foto de divulgação de nova técnica de parto em 1978	124
IMAGEM 17 – Moradores do Conjunto Dirceu Arcoverde em 1979.....	125

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACUI – Associação Comunitária Unida do Itaré

AGESPISA – Água e Esgoto do Piauí S/A

AMI – Associação dos Moradores do Itaré

ARENA – Aliança renovadora Nacional

AVC – Acidente Vascular Cerebral

BNDE – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico

BNH – Banco Nacional de Habitação

CEPISA – Companhia Elétrica do Piauí S/A

CFAP – Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças

COHAB – Companhia de Habitação

CSU – Centro Social Urbano

EBTU – Empresa Brasileira dos Transportes Urbanos

ENCOPI – Engenharia e Construção do Piauí

EJC – Encontro de Jovens com Cristo

EMTRACOL – Empresa de Transporte Coletivo

FINAME – Financiamento para Aquisição de Máquinas e Equipamentos Industriais

HGV – Hospital Getúlio Vargas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INAN – Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

JUFRAN – Juventude Franciscana

LBA – Legião da Brasileira de Assistência

MDER – Maternidade Dona Evangélica Rosa

PDLI – Plano de Desenvolvimento Local Integrado

PIB – Produto Interno Bruto

PLANASA – Plano Nacional de Saneamento

PSD – Partido Social Democrata

RFFSA – Rede Ferroviária Federal S/A

VASP – Viação Aérea São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 HABITAR E RESISTIR: A QUESTÃO DA MORADIA NOS PRIMEIROS ANOS DE OCUPAÇÃO DO DIRCEU ARCOVERDE	20
1.1 Morar, sobreviver e tecer as primeiras lembranças do Dirceu Arcoverde.....	21
1.2 Lazer e diversão: a utilização dos espaços públicos e privados entre os moradores.....	46
1.3 Agitações: o movimento político no Dirceu Arcoverde	54
2 AS TUAS FILHAS NÃO FOGEM A LUTA: OS MÚLTIPLOS PAPÉIS DESEMPENHADOS PELAS MULHERES NO DIRCEU ARCOVERDE	70
2.1 Senhoras de recordações: moradoras e suas experiências de vida	72
2.2 Labor feminino: trabalhadoras dentro e fora de casa	90
3 DIRCEU ARCOVERDE: UM OLHAR SOBRE A PRECARIEDADE NO ATENDIMENTO À SAÚDE	102
3.1 Acolher e tratar: um quadro sobre o atendimento médico aos moradores	105
3.2 Higiene e saneamento: a deficiência do sanitarismo no Conjunto Dirceu Arcoverde	113
3.3 A vida através de mãos abençoadas: a atuação das parteiras no Dirceu Arcoverde	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	133
APÊNDICE	144
APÊNDICE - TERMOS DE CONSENTIMENTO	148

INTRODUÇÃO

Um dos desejos das famílias da sociedade contemporânea é de possuir a casa própria. Arrisco-me a concordar com essa assertiva, haja vista, ao longo dos 20 anos (1998-2018), que trabalhei como Agente de Combate a Endemias da Prefeitura de Teresina, e, deste modo, ter podido perceber o quanto as pessoas, com as quais tive contato no exercício do trabalho, tinham como a principal realização da vida comprar uma casa. Por isso, compreendo a importância dos conjuntos habitacionais para estas famílias, e, neste caso, especificamente, do Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde, onde percorri literalmente de casa em casa, conhecendo histórias que estão intimamente ligadas a esta região de Teresina e seus moradores.

Assim, surgiu o interesse em pesquisar sobre o processo de ocupação da região, buscando compreender como se deu a urbanização, por meio da implantação de serviços básicos de infraestrutura, neste espaço que ficava distante do Centro Administrativo de Teresina, e tinha como ponto de referência o Terminal de Petróleo de Teresina na BR 343. Conforme dito, o interesse se deu através das fontes encontradas, que apontaram a demora em haver as mínimas condições de moradia, objeto de constante reclamação de seus moradores.

Convém destacar que o Dirceu Arcoverde faz parte da minha biografia, porque, neste ambiente, cheguei com apenas dois anos de idade, em 1978, quando o Conjunto completaria seu primeiro ano de existência, sendo trazido por meus pais, o Senhor Antônio Pinto Barros e Dona Francisca Araújo Barros, e meus irmãos, Elizângela Araújo Barros e Erisvan Araújo Barros. Enfim, foi neste espaço urbano da cidade de Teresina onde cresci e evoluí, passando por diversas situações, acrescentando que foram boas, em sua maioria, e que mesmo as ruins serviram para compor a minha identidade como morador da região.

Desta forma, inserido no contexto de um Regime de Ditadura Militar no Brasil, e com a política de expansão da malha urbana de Teresina, através de construções de casas populares, e de fomento de empregos por meio da construção civil, surge, na segunda metade da década de 1960, a implantação de conjuntos habitacionais em Teresina. Como informa Antonio Cardoso Façanha,¹ no período de 1966 a 1969, foram erguidos cinco conjuntos habitacionais, destacando-se entre eles o conjunto Parque Piauí, totalizando 2.294 unidades localizadas na zona Sul, sendo este espaço da cidade que acumulava a maior parte dos

¹ FAÇANHA, Antônio Cardoso. **Desmistificando a Geografia**: espaço, tempo e imagens. Teresina: UFPI, 2004.

conjuntos habitacionais de então, exceção feita ao Conjunto Primavera I, que se localizava na zona Norte.

Igualmente, o projeto de construção de habitações populares do governo continuou sua ampliação na década seguinte, ou seja, 1970, e, dentre os conjuntos que foram erguidos, encontra-se o Dirceu Arcoverde, que teve sua construção quando o Governo do Piauí apresentou ao Banco Nacional de Habitação (BNH),² em 1976, a concepção do chamado “Conjunto Itararé”,³ nome transmitido relacionado a fazenda que pertencia a Pedro de Almendra Freitas,⁴ governador do Piauí na primeira metade da década de 1950, situada no bairro São Cristovão.⁵

A construção deste residencial seria feita em duas fases, sendo que a primeira no governo de Dirceu Mendes Arcoverde (1975-1978), e a segunda no governo de Lucídio Portella (1979-1983).⁶ Vejamos que durante a última fase, aconteceu um imprevisto, uma modificação na designação do Conjunto. Conforme Sousa Neto,⁷ o Conjunto mudou seu nome, passando a se denominar Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde, para homenagear ao ex-governador e senador que havia falecido recentemente.

Essa construção buscava atender a população de baixa renda e, com atuação inicial da Operação João de Barro, que fazia parte do Projeto Rondon,⁸ e tinha também como objetivo

² SOUSA NETO, Marcelo de. **Com poucos tijolos e muitos votos:** o Conjunto Habitacional Itararé e as eleições de 1978 (Teresina-PI). Artigo apresentado no XIII Encontro Nacional de História Oral. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRG, 2016a, p. 2.

³ BRASIL. BNH. **Contrato de empréstimo entre o BNH e a COHAB-PI**, com a interveniência do Estado do Piauí [Projeto: Itararé. Objeto: 3040 casas]. Rio de Janeiro, 30 jun. 1976.

⁴ Exerceu várias vezes o mandato de vereador e de presidente da Câmara de sua cidade natal, José de Freitas, transferindo-se para Teresina em 1937 a fim de dirigir uma filial de sua empresa. Em 1946 foi nomeado pelo presidente Eurico Dutra membro do Conselho Administrativo do estado do Piauí, tendo deixado esse órgão na qualidade de seu presidente, função equivalente à de vice-governador do estado. No pleito de outubro de 1950 candidatou-se ao governo do Piauí na legenda do Partido Social Democrático (PSD), concorrendo com Eurípedes Clementino de Azevedo, candidato da União Democrática Nacional (UDN), e com Agenor Barbosa de Almeida, candidato do Partido Social Progressista (PSP). Vitorioso nas urnas, tomou posse em 31 de janeiro de 1951, sucedendo a José da Rocha Furtado. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pedro-de-almendra-freitas>. Acesso em: 27 mai. 2020.

⁵ FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva; SOUSA NETO, Marcelo. **Para além das margens:** o Conjunto Habitacional Itararé e as remodelações dos espaços urbanos em Teresina (década de 1970). *Revista de História Oral*. v. 22, n. 2, 2019.

⁶ SOUSA NETO, Marcelo de. **Moradia popular e eleições:** o Conjunto Itararé e as disputas eleitorais em Teresina-PI (1978-1996). *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 211, set./dez. 2016b.

⁷ SOUSA NETO, op. cit., 2016b.

⁸ Idealizado no período dos Governos Militares, e ganhou forte incentivo durante o governo Geisel, de forma a estimular a participação intensa dos estudantes nos processos da política de desenvolvimento social e econômica proposta pelo Estado. Trabalho de encaminhamento de famílias de favelados, que ficou a cargo da Prefeitura de Teresina, conjuntamente com o Projeto Rondon na segunda metade da década de 1970. Cf.: MONTE (2010), em Teresina o João de Barro contou com a participação de estudantes dos cursos de graduação da UFPI. In: FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva; SOUSA NETO, Marcelo de. **Nasce um**

realizar a mudança de famílias para áreas mais afastadas do núcleo administrativo ou região de crescimento imobiliário,⁹ destacada por Regianny Lima Monte¹⁰ que, estavam os bairros ricos de Teresina, Jóquei Clube e São Cristovão, que conviviam com casas rudimentares, que provocava desavença e apelos de soluções imediatas aos poderes públicos.

Merecem ser destacados os moradores que disponibilizaram suas memórias para compor este trabalho, por entendermos que a memória, preserva as linhas do tempo que narra, uma constituição feita de resquícios e pensamentos do período em que aconteceu.¹¹ Agradecemos, portanto, a Adalgisa Dorneles de Oliveira Sousa, Conceição de Maria Lopes Silva, Francisco de Assis Alves, Francisco Lucas da Costa, Gregória do Espírito Santo Bandeira, Marcos Venicio Gomes de Sousa, Maria da Conceição Santos e Silva, Maria de Fátima Jesus, Maria Nazaré Oliveira do Nascimento, Teresa Cristina Oliveira do Nascimento, pessoas essenciais para o êxito deste trabalho.

Vejamos que a entrega das casas foi feita em duas etapas. A primeira foi entregue durante o Governo de Dirceu Mendes Arcoverde, de forma que as famílias pudessem o quanto antes habitar as residências, embora o Conjunto ainda não apresentasse condições mínimas de habitação, o que já daria amostra do que essas pessoas passariam durante os primeiros anos da comunidade.

Para a construção desta pesquisa, ressalta-se a importância da utilização de fontes bibliográficas, ao trabalharmos o período em que a cidade passava por transformações na sua malha urbana. Assim sendo, foi indispensável recorrermos aos documentos oficiais da época, para vermos a atuação direta do poder público. Usamos jornais, com matérias da cidade anterior, e posterior a construção do Conjunto Dirceu Arcoverde, encontrados no acervo do Arquivo Público de Teresina (Casa Anísio Brito), além dos sites oficiais, selecionando as informações e imagens que pudessem contribuir no desenvolvimento deste trabalho. É fundamental que possamos esclarecer a utilização dos jornais *O Estado*¹² e *O Dia*,¹³ em todos

bairro, renasce a esperança: história e memória de moradores do Conjunto Dirceu Arcoverde. Teresina: EDUFPI, 2017

⁹ SOUSA NETO, Marcelo de. **Nasce um bairro, renasce a esperança, resiste a cidade:** História e memória de moradores do Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde (Teresina-PI, décadas de 1970 e 1980). Artigo apresentado no VII Simpósio Nacional de História Cultural. Universidade de São Paulo-USP, 2014.

¹⁰ MONTE, Regianny Lima, **A cidade esquecida [manuscrito]:** (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970 / Regianny Lima Monte. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

¹¹ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** /Maurice Halbwachs; Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

¹² O jornal *O Estado* foi fundado em Fortaleza em 1936, por um grupo de políticos do PSD (Partido Social Democrata), tendo sobre o seu comando o deputado federal José Martins Rodrigues, e em seguida, em situação crítica, foi adquirido pelo empresário Sérgio Filomeno, mas em 1963 foi vendido e repassado para o Dr. Venelouis Xavier Pereira, e no dia 25 de março de 1970 o jornal *O Estado* foi inaugurado em Teresina. A

os capítulos, para o desenvolvimento da análise, pois possibilitaram compreender os discursos da imprensa a respeito do cotidiano dos moradores do Conjunto.

Segundo as historiadoras Jéssica de Souza Maciel e Cláudia Cristina da Silva Fontineles,¹⁴ é essencial mencionar-se que este jornal, *O Estado*, desde sua inauguração durante a década de 1930 em Fortaleza (CE), atuou em caráter político-partidário, à mercê de partidos políticos. Mas ao se estabelecer em Teresina, em 1970, passou a ter um caráter efetivamente empresarial.

O segundo periódico pesquisado trata-se de, *O Dia*, o único que ainda se encontra em atividade, mesmo após 69 anos de fundação na capital, tendo correspondentes nas demais regiões do estado, atuando numa linha editorial com entretenimento, política, esportes etc..¹⁵ Ressalta-se que, ao trabalhar com estes jornais durante os três capítulos, buscou-se uma forma de ver Teresina, destacando a ampliação territorial da cidade, e como isso pode ter influenciado os primeiros anos de habitação do Conjunto, e também pelo fato das fontes hemerográficas, consistirem em um conjunto documental de grande interesse desde o século XVIII, na história ocidental. A imprensa, portanto, é uma fonte de transmissão pública de grande reconhecimento, assumindo destaque cada vez maior, à medida que chegamos ao período atual.¹⁶

direção desse jornal foi composta pelo diretor-presidente Helder Feitosa Cavalcante e depois por Teresinha Belchior Cavalcanti, contando com colaboradores como, o editor-chefe: Feitosa Costa, secretário de redação: Edmundo Moreira, Francisco Viana, Pedro Alcântara, Elvira Raulino, Climério Lima, Iracema Santos Rocha e Josias Clarence Carneiro da Silva. In: MACIEL, Jéssica de Souza. **A campanha das “diretas já” na perspectiva dos jornais *O Estado* e *O Dia* em Teresina (1983-1984)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018. (Nota de Rodapé)

¹³ O jornal *O Dia* foi fundado no dia 14 de Julho de 1923 pelo professor Abdias da Costa Neves, na sua segunda fase, mais precisamente no ano de 1951, este jornal foi repassado para o professor Raimundo Leão Monteiro, nessa época de acordo com Regianny Lima Monte esse periódico contava com a colaboração do jornalista Bugyja Brito adotando uma linha liberal e política. *O Dia* era inicialmente um jornal semanário, pois nessa época não tinha condições de imprimir uma publicação diária e nem a capital piauiense contava com tantas notícias para um impresso diário. A partir de 1963, um grande impulso para o crescimento do jornal foi dado quando o empresário coronel Octávio Miranda comprou a empresa, ou seja, a terceira fase desse jornal contou com a participação do coronel do exército Octávio Miranda como diretor-presidente, a diretora-administrativa Valcira Miranda Trabulo de Sousa e com o diretor-chefe Volmar Miranda. O jornal *O Dia* é dirigido e pertence a esse grupo familiar desde 1963 até os dias atuais, portanto, segundo Regianny Lima Monte todo o período da Ditadura Militar, a linha editorial desse jornal seguiu sem mudanças significativas. In: MACIEL, op. cit., 2018, p. 16 (Nota de Rodapé).

¹⁴ MACIEL, Jéssica de Souza; FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. **A campanha das Diretas já na perspectiva dos jornais impressos em Teresina (1983-1984)**. *Revistas Escritas*, v. 8, n. 2, ISSN 2238-7188, 2016, p. 134.

¹⁵ Portal O Dia. Disponível em: < <https://www.portalodia.com/>>. Acessado em: 27/05/2020.

¹⁶ ARÓSTEGUI, Júlio. **A pesquisa histórica**. Teoria e método. Tradução: Andréa Dore. Edusc. Bauru, SP, 2006, p. 491. Apud LACERDA, Benilton Torres. **O altar politizado: o bairro Parque Piauí (Teresina - PI) e a ação da Igreja Católica na organização dos movimentos populares (1968 - 1985)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

Merecem ser mencionada, a utilização durante os três capítulos, da metodologia da história oral, sendo importante durante as entrevistas realizadas com as fontes orais do Conjunto, propiciando que pudéssemos empregar a técnica adequada no desenvolvimento das narrativas e das histórias de vida dos moradores. Sabendo respeitar nosso entrevistado, pois o trabalho com história oral pede do historiador o máximo de consideração pelo diferente, pelos sentimentos, costumes e maneiras.¹⁷

No primeiro capítulo, iremos abordar o processo que levou à construção do Dirceu Arcoverde, buscando contextualizar com a ampliação urbana de Teresina, ocorrida neste período, e como isso refletiu na história de vida dos moradores. Por isso, empregou-se a história oral, com as observações a respeito do quadro social, e utilizando algumas reportagens de periódicos para ilustrar melhor o cenário desta região de Teresina. Ao mesmo tempo, trazemos alguns acontecimentos ocorridos no transcorrer dos primeiros anos do Conjunto, como festas, cenário político, lazer etc., que marcaram a memória de muitos moradores.

O segundo capítulo destacará a história de vida das mulheres, e sua atuação decisiva para que houvesse a fixação das famílias no Conjunto, direta ou indireta, cumprindo jornadas de trabalho dentro, e fora de casa no intuito de manter suas famílias, ou que tenha acompanhado este cotidiano. Por isso, utilizamos novamente entrevistas especificamente dessas moradoras procurando compreender sua contribuição, visto que os ambientes sociais transportam significados, uma vez que nestes ambientes ocorre uma reunião de diferentes formas de conduta, indivíduos simples e compelidas a residir neste espaço coletivo a que nomeamos de comunidade.¹⁸ Logo, recorreremos à história oral com mulheres apresentando idades distintas, entre, cinquenta e dois, e, setenta e nove anos, residentes desde os primeiros meses de habitação, buscamos, assim, as narrativas que contemplem uma visão de quem chegou ao Conjunto, entre, os onze, e, trinta e oito anos.

No terceiro capítulo, discutimos a deficiência no atendimento a saúde e higienização, ocasionando o surgimento de doenças, que fizeram parte do cotidiano dos moradores, e de suas histórias de vida, agravado pela dificuldade do deslocamento destes indivíduos ao centro da cidade, a procura de um melhor atendimento, neste caso, essencialmente, falamos da Maternidade Dona Evangéline Rosa (MDER), para as gestantes, e o Hospital Getúlio Vargas

¹⁷ ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

¹⁸ BARROS, Elisnauro Araújo; SOUSA NETO, Marcelo. **Sob o olhar feminino: Teresina e o processo de ocupação do conjunto Dirceu Arcoverde (1977-1979)**. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides; BRITO, Fabio Leonardo Castelo Branco; SÁ ALVARENGA, Julio Eduardo Soares de. **Caleidoscópico de histórias: cultura, gênero, políticas e cidades**. Teresina: EDUFPI, 2020.

(HGV), para o restante da população. Mais uma vez empregamos a história oral, buscando entender as formas utilizadas pelos moradores para lidar com este quadro de atendimento, assim como, a presença de parteiras¹⁹ que prestaram relevantes serviços as parturientes na comunidade, em razão do difícil acesso de algumas ao atendimento médico.

Portanto, a cidade avançava na ampliação de espaço urbano, ganhando novas áreas, novos olhares, novas famílias, vindas principalmente das cidades interioranas do Estado, durante o processo migratório, causado essencialmente pelo modo de produção, baseada na atrasada lavoura clássica,²⁰ isto é, apenas no plantio de subsistência familiar, deixando o agricultor à mercê do clima geralmente desfavorável, provocando esse “boom populacional” em Teresina, que começava a carregar o símbolo do progresso, mostrando que seu verde tão citado e recitado pelos poetas, daria início a cor acinzentada de várias construções como veremos a seguir.

¹⁹ Mulher que não é médica, mas, ajuda e auxilia a gestante antes, durante, e após o trabalho de parto.

²⁰ BACELAR, Olavo Ivanhoé de Brito. **Fluxos migratórios e crescimento urbano piauiense**. *Carta CEPRO*. Teresina, v. 6, n. 1, p. 25, jan./jun. 1980.

1 HABITAR E RESISTIR: A QUESTÃO DA MORADIA NOS PRIMEIROS ANOS DE OCUPAÇÃO DO DIRCEU ARCOVERDE

Desde que se tornou sedentário no período Neolítico, o homem tem, entre seus objetivos de vida, possuir um lar, uma residência, ou seja, uma casa própria onde ele possa se fixar e, com este abrigo, vir a constituir uma família. Logo, ao discorrer sobre o Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde, iremos relatar algumas histórias de moradores que se notabilizaram, por enfrentar as mais diversas dificuldades, para poder habitar este ambiente na cidade de Teresina. Buscamos, inicialmente, mostrar a precariedade apresentada na infraestrutura do Conjunto, e como isso foi tratado durante os primeiros anos de habitação, e de que forma contribuiu para que vários moradores fossem reivindicar melhorias, fazendo ecoar suas vozes através dos meios disponíveis.

Na intenção aqui proposta, navegaremos por fatos que modelaram os aspectos físicos da região, ganhando uma forma que a distingue bastante das demais de Teresina, onde a resiliência poderia perfeitamente se encaixar no sobrenome de cada morador, que, com muita luta e dignidade, fez do Conjunto o que ele é atualmente, um exemplo de como é possível lidar com as dificuldades estruturais, e formando verdadeiramente uma comunidade.

Raymond Williams,¹ destaca a origem da Comunidade no século XIV, e percorre até o século XX, em uma trajetória de modificações, que sofre influência das transformações sociais e se torna algo bastante complexo. Para este autor, comunidade:

Pode ser a palavra calidamente persuasiva para descrever um conjunto existente de relações, ou a palavra calidamente persuasiva para descrever um conjunto alternativo de relações. O mais importante, talvez, é que, diferentemente de todos os outros termos de organização social (*Estado, nação, sociedade* etc.), ela parece jamais ser usada de modo desfavorável e nunca receber nenhum termo positivo de oposição ou de distinção.²

Desta forma, para que possamos compreender esta comunidade, estamos trabalhando neste capítulo com fontes orais, utilizando a metodologia da história oral como um dos elementos necessários, junto com jornais e documentos oficiais, que contribuiriam no intuito de compormos este mosaico de vida que é este Conjunto. Aqui, vale lembrar que, ao usar as entrevistas de moradores, procuramos relacionar sua memória, e os fatos descritos nos jornais

¹ WILLIAMS, Raymond. **Palavras-Chave:** um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

² WILLIAMS, op. cit., 2007, p. 104.

e documentos oficiais, buscando assim uma melhor compreensão de suas lembranças das questões presenciadas no cotidiano do Conjunto Dirceu Arcoverde.

1.1 Morar, sobreviver e tecer as primeiras lembranças do Dirceu Arcoverde

Ao trazer esses elementos na constituição desta narrativa, procuramos nos aproximar daquela realidade encontrada, pois é importante compreender que nossa recordação não pode se fundamentar somente em nossa memória, se faz necessário que muitas vezes aconteça um reforço de outras pessoas, para que exista um rigor daquilo que for lembrado.³

Essas lembranças denotam maior importância, por sabermos que os espaços urbanos brasileiros são repletos de significados e conflitos, gerados essencialmente pela luta de espaço, em que as modificações estruturais da cidade, com a convivência social, trazem fatores que influenciam o comportamento do ser humano, razões essas que adentram por lugares palpáveis, ligados ao conforto e desconforto, por isso o significado de termos uma cidade dotada de condições para exercer sua operacionalidade e concretizações, tudo dentro de uma organização espacial urbana.⁴

Os elementos que compõem Teresina, seja no aspecto humano seja estrutural, tiveram grandes modificações durante os primeiros anos da década de 1970, no auge do Regime da Ditadura Militar no Brasil,⁵ como consequência de uma política de investimento em infraestrutura das capitais e das grandes cidades brasileiras. Assim, a capital piauiense volta os olhares para sua área administrativa, ou seja, o Centro da cidade, e, ao mesmo tempo, para regiões afastadas, buscando assim uma ampliação de seu espaço territorial. Se faz oportuno lembrar que a cidade foi:

Originalmente estruturada sob um rígido formato xadrez, com ruas paralelas partindo do rio Parnaíba, a Oeste, em direção ao Poti, contendo um espaço urbano inicialmente delimitado por 18 quadras ao sentido Norte-Sul e 12 no sentido Leste-Oeste, começou a crescer em volta da Praça da Constituição, atual Marechal Deodoro da Fonseca, em 1852.⁶

³ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Maurice Halbwachs. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

⁴ CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2003.

⁵ Refere-se ao regime instaurado em 01 de abril de 1964, e que durou até 15 de março de 1985, sob o comando de presidentes pertencentes ao quadro das Forças Armadas Brasileiras. Período marcado pelo autoritarismo com imposição de Atos Institucionais, que marcou a sociedade brasileira, como um dos mais repressivos de sua história.

⁶ LIMA, Antônia Jesuíta de. **Favela COHEBE: uma história de luta por habitação popular**. Teresina: EDUFPI, 1996, p. 18.

Deste modo, Ítalo Calvino⁷ destaca que a cidade, é constituída das afinidades entre os limites de seu ambiente e os eventos do seu passado, uma forma de observarmos a evolução de sua estrutura física, moldada geralmente para atender a necessidade de uma época, e isso fica evidente pela descrição feita por Irlane Gonçalves Abreu e Iracilde Maria de Moura Fé Lima, ao afirmarem que:

Teresina recebeu uma malha ortogonal como modelo de ocupação: 43Km² de arruamento, praças e Igrejas. A principal delas, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo, serviu para marcação do ponto central, o centro é um quadrilátero que abrange a praça central e englobava sete ruas na direção Leste-Oeste e outras sete ruas na direção Norte-Sul, ruas essas que se cruzavam, formando ângulos retos. Essas diretrizes permitiram a formação de um traçado reticulado e simétrico, tendo 1.500 braças para o sul e 1.500 braças para o norte. No entanto não se observava uma hierarquia de ruas e a cidade ficava circunscrita aos dois rios, Poti e Parnaíba.⁸

Desde sua concepção, Teresina demorou bastante até que acontecesse um processo profundo em sua estrutura física, contudo, durante a segunda metade do século XX, a cidade mostra que não ficaria para trás na questão de modernização de sua infraestrutura, fazendo com que apresentasse um salto populacional que a fizera passar de uma população de 90.723 habitantes em 1950, para 363.666 durante a década de 1970.⁹ Ou seja, os habitantes quadruplicaram de forma rápida em pouco mais de 20 anos, e isso gerou efeitos negativos em Teresina, capital que seduzia milhares de famílias, vindas principalmente do interior do Estado, à procura de melhor condição de vida para si e seus entes.

Como observa Débora Silva Viana:

Ao migrarem para a cidade, os homens e mulheres carregavam consigo malas, repletas não apenas de objetos materiais, concretos, mas seus sonhos e suas esperanças de uma vida melhor, desejos de realização, de felicidade. Almejavam emprego, casa própria, escola para os filhos, hospitais para curar as feridas provocadas pelas mazelas, pela fome, pelo desamor de grandes proprietários de terras que os expulsavam. Trata-se de uma legião de esperançados, que vislumbraram no processo de modernização da capital uma oportunidade de inclusão.¹⁰

⁷ CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

⁸ ABREU, Irlane Gonçalves; LIMA; Iracilde Maria de Moura Fé. **Igreja do Amparo: o marco zero de Teresina**. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, n. 32, p. 21, out. 2000.

⁹ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Sonhos e pesadelos dos moradores da periferia de Teresina nas décadas de 1960 e 1970**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25, 2009, Fortaleza. **Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética**. Fortaleza: ANPUH, 2009.

¹⁰ VIANA, Débora Silva. **Entre o concreto e o etéreo: trabalho e memória dos trabalhadores da construção civil em Teresina na década de 1970**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – UFPI, 2013, p. 26.

Esses novos grupos familiares que chegavam à cidade precisavam ser atrelados a uma expansão territorial que trouxesse melhor condição de vida para seus habitantes, fato que desencadeava discursos de progresso com a transformação da cidade numa espécie de canteiro de obras, usando essencialmente a modernização de seu ambiente urbanístico com a ampliação de Teresina. Michel de Certeau¹¹ faz alusão à cidade, onde indivíduos possuem suas próprias histórias, entretanto sem papéis centrais, atento somente ao seu espaço e sua exposição do cotidiano.

Desta forma, percebemos que o desenvolvimento das cidades fez com que no Centro, espaço igualmente compreendido como núcleo urbano, surgisse em seu entorno uma nova zona, rotulada de *periferia*,¹² que:

Entendida como uma espécie de território livre da iniciativa privada, onde, de forma independente, surgiram bairros de luxo (para abrigar os ricos emigrados do centro), bairros pobres (onde moravam assalariados e recém-emigrados do campo), unidades industriais maiores, depósitos. Estes novos setores da cidade foram com o correr do tempo, fundindo-se num tecido urbano mais compacto.¹³

Compreendemos que este tecido urbano, começava a ficar mais evidente em Teresina, por causa da ampliação de sua zona periférica, reflexo de um período de transformações em que o Brasil passava por uma política de Estado com atuação direta do Governo Federal. Não podemos esquecer que o centro de Teresina também passou por este processo de urbanização, pois eram o local onde se concentrava a maior parte de seu comércio, repartições municipais e estaduais. Assim, a cidade, na primeira metade da década de 1970, foi alvo de ações de infraestrutura pelo Governador Alberto Silva (1971-1975), e pelo Prefeito Joel Ribeiro (1971-1975).

Com duas obras em vias de acabamento – o Hotel Piauí e a nova Praça Marechal Deodoro – e com os trabalhos que se desenvolvem rapidamente na Praça Rio Branco, e também com a próxima Praça Pedro II, ainda este semestre, Teresina terá um centro admiravelmente arquitetado. Desde a margem do Rio Parnaíba onde existe a notável Avenida Maranhão, até o rio Poti. Teresina será, neste prazo, uma cidade digna do orgulho de seus habitantes e da admiração dos que a visitarem. Menos de dois anos do governo de Alberto Silva e administração Joel Ribeiro bastaram para

¹¹ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes do Fazer. 3. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

¹² SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 16. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2014.

¹³ SPOSITO, op. cit., 2014, p. 56.

transformar a face de Teresina em sua zona central. É um trabalho merecedor dos melhores encômios.¹⁴

Esses fatores contribuíram para que Teresina fosse, aos poucos, alargando sua urbanização, assim, como consequência, levaram ao surgimento de vários conjuntos habitacionais, e, dentre estes, encontramos o Conjunto Dirceu Arcoverde. Deste modo, para melhor compreensão de nosso objeto, recordamos que o Conjunto, em sua primeira etapa, contava:

[...] mais 3.040 casas populares em Teresina, dando continuidade à política habitacional adotada pelo Governo Dirceu Arcoverde. Ao fazer ontem essa comunicação ao Presidente da Companhia de Habitação do Piauí, o BNH salienta que outros detalhes sobre o empréstimo serão dados pela Diretoria Regional do banco, por delegação do gerente em exercício, da carteira de Operação de Natureza Social, Sr. Alberto Trambella. As novas residências serão construídas no bairro São Cristóvão com a denominação de conjunto Itararé.¹⁵

A construção inseria-se entre as formas de atender uma demanda crescente de casas populares existentes neste período, em Teresina, assim como as demais cidades brasileiras, onde as condições precárias de moradia eram pautas que frequentavam as discussões nos gabinetes das instâncias superiores do Poder Executivo. Buscava-se de alguma forma os meios necessários para a implementação de uma política habitacional que pudessem atender a todos os que necessitavam de casa própria, mesmo sabendo das dificuldades de instalação desses conjuntos habitacionais, visto que muitos residenciais somente foram adquirir uma boa estrutura após anos de sua ocupação.

A instalação deste Conjunto estava ligada ao atendimento a famílias de baixa renda, ou seja, a pessoas carentes que precisavam deste aporte social tão necessário a uma vida digna, para que não ficassem à mercê da sorte de um casebre improvisado. Buscava-se um processo de *desfavelamento*,¹⁶ que, por sua vez, contribuía para que houvesse um segregamento habitacional, no ambiente citadino, trazendo uma distinção entre as classes sociais, uma espécie de demarcação de território.¹⁷ Todavia, é preciso esclarecer:

¹⁴ URBANIZAÇÃO dos Bairros. **O Estado**, ano IV, n. 144. Teresina, 25 jan. 1973, p. 06.

¹⁵ TERESINA vai ter mais 3 mil casas populares. **O Dia**, ano XXV, nº 4523. Teresina, 3 jul. 1976, p. 03.

¹⁶ Termo usado pela Prefeitura de Teresina, Governo do Estado, e por periódicos, para o processo de eliminação da(s) favela(s) com a remoção das famílias que ocupam estes lugares, dificultando o discurso de ampliação urbana deste período.

¹⁷ VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. **A cidade contemporânea** (Org.). 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2018.

Teresina, até meados dos anos de 1970, não se configurava como uma cidade com grandes e numerosas favelas, posto que ainda não se evidenciara o processo de favelamento propriamente dito, o qual somente adquiriria visibilidade em fins da década ampliando-se nos anos subsequentes. Contudo, o fenômeno já se fazia presente, embora circunscrito a pequenos e reduzidos núcleos.¹⁸

Por essa razão, reconhecemos a relevância do acesso à moradia no recorte estudado, e é essencial destacamos a importância deste cenário apresentado em Teresina, quando citamos a obra de Fontineles e Sousa Neto, que observam:

A implantação deste Conjunto não significou apenas uma política habitacional do poder público na década de 1970, mas interferiu efetivamente na forma de sentir e de viver dos seus habitantes, uma vez que repercutia na conquista de um dos desejos mais intrínsecos do convívio familiar e social: a moradia.¹⁹

Trata-se de sentimentos que vão além do aspecto físico da moradia, pois estão intimamente relacionados àquilo que Michel de Certeau, Luce Giard e Pierre Mayol,²⁰ colocam como o espaço onde as pessoas procuram e encontram sua tranquilidade, mesmo diante das dificuldades enfrentadas no dia a dia. Por isso, ainda que aconteçam atropelos no caminho para a aquisição da casa própria, como visto no Conjunto Dirceu Arcoverde, é indispensável conhecer-se que o ambiente de convívio familiar requer, acima de tudo, a privacidade.

Percebe-se, no entanto a existência da falta de calçamento, água, transporte público, atendimento médico, e saneamento básico, que marcariam estes residentes na tentativa de viver neste ambiente que nascera inóspito. Todavia, essas duas etapas ficariam conhecidas como Dirceu Arcoverde I e II, após a morte de Dirceu Arcoverde, em 18 de março de 1979, em razão de um derrame cerebral, durante seu primeiro discurso como Senador.²¹ Tal fato provocou uma manifestação da Associação Unida do Itararé, à época, presidida por Francisco de Assis Alves,²² que era amigo e assessor de Dirceu Arcoverde, a formular um abaixo-assinado que contava com mais de oito mil assinaturas dos moradores do Conjunto, para encaminhar à Câmara de Vereadores de Teresina, solicitando a mudança do nome do

¹⁸ LIMA, op. cit., 1996, p. 74.

¹⁹ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017, p. 35.

²⁰ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. Michel de Certeau; Luce Giard; Pierre Mayol. 12. ed. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

²¹ PIAUÍ inteiro comovido chora a morte prematura de seu senador. **O Dia**, ano XXVIII, n. 7022. Teresina, 19 mar. 1979, p. 04.

²² Morador, e suplente de vereador de Teresina, designado pelo Governador Dirceu Arcoverde, para fazer a remoção de famílias para o Conjunto, exercendo as funções de liderança comunitária, e política da região.

Conjunto de Itararé para Dirceu Arcoverde,²³ e que logo foi atendido. Achemos importante ao falar deste ex-chefe do poder executivo estadual, dar-lhe um rosto, por isso, vejamos o governador Dirceu Arcoverde (ao centro, de paletó claro), ao lado de assessores civis e militares, visitando obras, a seguir:

Imagem 1 – Governador Dirceu Arcoverde vistoriando a construção dos Conjuntos Bela Vista e Parque Piauí



Fonte: DIRCEU visita obras de 912 casas da Cohab. **O Dia**, Ano XXV, nº 4524. Teresina, 03 jul. 1976, p. 07

Observa-se, durante esse período, uma cidade preocupada em expandir-se através das construções conjuntos habitacionais, como vimos na foto acima, pois Teresina começou a seduzir grande contingente de grupos familiares, chegados especialmente do interior do Estado, à procura de moradia, bem-estar, ensino e trabalho,²⁴ ocasionando o surgimento de favelas na capital do Piauí. Assim, eram oferecidas casas nos conjuntos habitacionais numa tentativa de acabar com este cenário e gerar emprego na construção civil, período em que a cidade:

Como espaço produzido vai ganhando novos sentidos, conferidos pelos modos de apropriação do ser humano, objetivando a produção da sua vida. Deste modo, a apropriação revela-se como uso dos lugares em tempos definidos para cada atividade – produtiva ou não-produtiva.²⁵

²³ MORADORES do Itararé na câmara pedindo mudança. **O Estado**, ano X, n. 1851. Teresina, 03 abr. 1979, p. 04.

²⁴ VIANA, op. cit., 2013, 25-26.

²⁵ CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007, p. 23.

Estas modificações do ambiente urbanístico de Teresina, ocasionadas pela ampliação de sua estrutura urbana, reflexo de um processo existente desde a segunda metade do século XX, na década de 1970, fizeram com que a cidade ganhasse uma atenção especial por parte dos poderes locais, devido à rapidez do incremento populacional, ocasionando consequentemente a necessidade da procura por moradia.

Esse crescimento do número de habitantes em Teresina trouxe consequências para o Dirceu Arcoverde, principalmente na questão do atendimento médico as milhares de famílias do Conjunto. A precariedade se fez presente, e, em vez de resolver, foram tomadas medidas paliativas ao longo dos quatro primeiros anos do Conjunto. Percebia-se apenas a tentativa de amenizar esta situação, seja através de um posto de saúde improvisado seja com seu deslocamento para o Centro Social Urbano (CSU).²⁶

Este quadro problemático de atendimento a saúde, ocasionou a inauguração de um hospital público em 10 de dezembro de 1981, na comunidade, cerimônia que contou com representantes federais, através da presença de dois ministros, Waldyr Arcoverde, da Saúde, irmão do Senador Dirceu Arcoverde, e Jair Soares, da Previdência Social.²⁷ Assim, o chamado “Hospital do Dirceu Arcoverde II” teria a incumbência de atender a este Conjunto que crescia nesta região da capital. O funcionamento deste prédio, não significou de imediato o abrandamento das queixas da qualidade do serviço de saúde.

Apesar disso, é importante compreender-se que essa expansão de Teresina aconteceu de forma gradativa, conforme Nísia Trindade Lima,²⁸ tratava-se de um retrato do cenário nacional, em que a habitação e infraestrutura das cidades fizeram com que a taxa populacional na zona rural, que era de 31,2 %, em 1940, passasse a 67,6 % em 1980.

Entendemos que esse impacto nas cidades, ocasionou uma demanda no meio ambiente e social das cidades, pelo choque na infraestrutura de prestação pública e na qualidade da habitação.²⁹ Deste modo, as condições sofrem interferência das políticas habitacionais, pois aparecem dificuldades para a aquisição da casa própria, quando, por vezes, não depende da

²⁶ Prédio onde se realizava ação social (assistencialismo) do Estado, como a entrega de cesta de alimentos do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição – INAN, sob a direção de Francisco Alves e Irmani Veloso. O prédio contava ainda com atividades profissionais, como o curso de corte e costura. Durante o período de férias escolares era usado como colônia de férias para os estudantes da região.

²⁷ BARROS, Elisnauro Araújo. **A saúde no Dirceu**: discurso médico e higienização do Bairro Dirceu Arcoverde. Monografia (Graduação em História) – UESPI, Teresina, 2012.

²⁸ LIMA, Nísia Trindade. **Habitação e infraestrutura urbana**. In: IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatística do século XX**. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Centro de Documentação e Disseminação de informações. Rio de Janeiro, 2006.

²⁹ LIMA, op. cit., 2006.

quantidade de residências, pois a obtenção de uma habitação digna não está sujeita ao tempo para a construção de mais moradias, mas na capacidade de pagar por elas. Assim, Maria Encarnação Beltrão Sposito,³⁰ nos diz que apenas um pequeno número pode fazê-lo e, para a maioria, o acesso a uma habitação digna representa um grande sacrifício.

Observamos que, o martírio daquele desejoso de adquirir uma casa própria, voltasse para a questão financeira, a qual Sposito³¹ aponta, que os trabalhadores do sistema capitalista ganham remunerações distintas produzindo o mesmo produto. Geralmente atrelado ao salário mínimo, fazendo com que não consiga suprir a alimentação de sua família, quiçá ter acesso a uma residência, seja aquisição ou aluguel.

Destacamos, além da existência desses fatores que influenciam na construção de conjuntos habitacionais, o fator geográfico, pois o local onde serão erguidas as moradias, ou seja, a região na qual irá pertencer o conjunto acarreta significados que irão contribuir para a obtenção do imóvel pelo futuro proprietário. Percebe-se, desta maneira, como destaca Paulo Cesar da Costa Gomes, que:

Na linguagem cotidiana do senso comum, a noção de região parece existir relacionada a dois princípios fundamentais: o de localização e o de extensão. Ela pode assim ser empregada como fato ou fenômeno, ou ser ainda uma referência a limites mais ou menos habituais atribuídos à diversidade espacial.³²

A organização do espaço urbano, por sua vez, nos leva a pensar a posição de Roberto Lobato Corrêa,³³ de que, o ambiente é idealizado como *lócus* da propagação e criação das afinidades sociais, ou seja, representação social. Nesse sentido, ao analisar a cidade e sua relação com o nosso objeto de estudo, somos levados a concordar com este autor, que entende o espaço urbano como sendo também:

[...] o lugar onde as diversas classes sociais vivem e se reproduzem. Isso envolve o cotidiano e o futuro próximo, bem como as crenças, valores, mitos criados no bojo da sociedade de classes e, em parte, projetados nas formas espaciais: monumentos, lugares sagrados, uma rua especial etc. O

³⁰ SPOSITO, op. cit., 2014.

³¹ SPOSITO, op. cit., 2014.

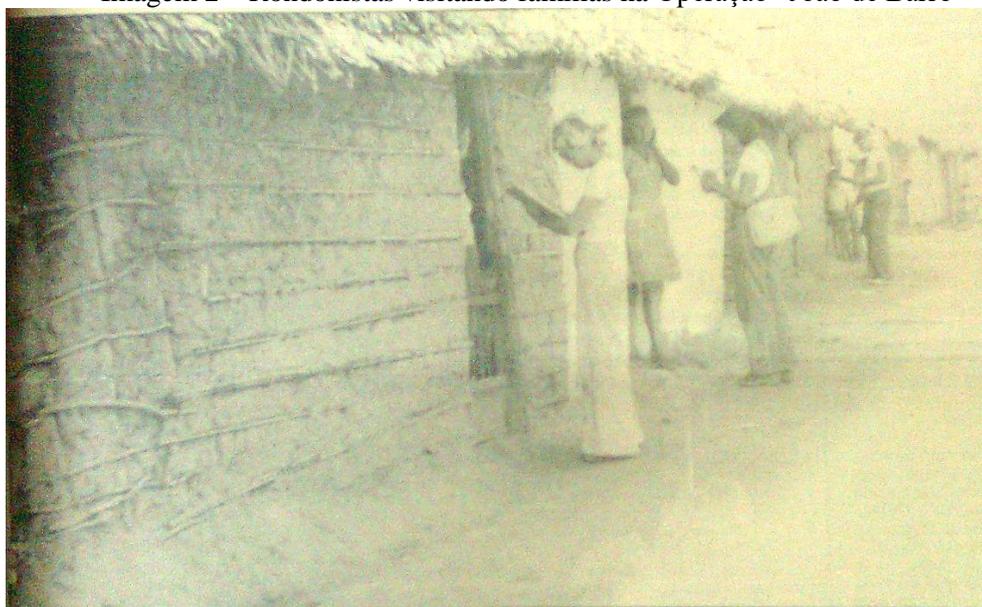
³² GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O conceito de região e sua discussão.** In: CASTRO, Iná Elais de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas.** 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017, p. 53.

³³ CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço, um conceito-chave da geografia.** In: CASTRO; GOMES; CORRÊA, op. cit., 2017.

espaço urbano assume assim uma dimensão simbólica que, entretanto, é variável segundo diferentes grupos sociais, etários etc.³⁴

Entendemos ainda, que a cidade atual é a decorrência cumulativa das cidades anteriores, modificadas, extintas, revigoradas, geradas pelas alterações sociais acontecidas ao longo do tempo, produzidas por afinidades que provocam essas alterações,³⁵ como as que foram vistas na remoção dos indivíduos para o Conjunto Habitacional Itararé, fato noticiado pelo *Jornal O Estado*, em 20 de julho de 1977, à época do Projeto Rondon.³⁶

Imagem 2 – Rondonistas visitando famílias na Operação “João de Barro”



Fonte: DESABITADAS as favelas da zona leste da cidade. **O Estado**, 20 jul. 1977, p. 05

Assim, inicialmente, foram removidas mais de 300 famílias de favelas existentes na zona Leste para o Conjunto Habitacional Itararé, recebendo orientações dos alunos universitários, pertencentes a este programa, sobre relações humanas e comportamento educacional,³⁷ isto é, fazer com que aprendessem normas para ajudar na adaptação da região.

³⁴ CORRÊA, op. cit., 2003, p. 09.

³⁵ SPOSITO, op. cit., 2014, p. 11.

³⁶ O Projeto Rondon foi criado, pelo Decreto nº 62.927, de 28 de junho de 1968, que estabeleceu um Grupo de Trabalho (GT) denominado de “Grupo de Trabalho Projeto Rondon”, subordinado ao Ministério do Interior. Posteriormente, em 1970, esse GT foi transformado em Órgão Autônomo da Administração Direta pelo Decreto nº 67.505, de 6 de novembro de 1970, e em 1975, pela Lei Nº 6.310 de 15 de dezembro, foi instituída a Fundação Projeto Rondon. É uma ação interministerial do Governo Federal realizada em coordenação com os governos Estadual e Municipal que, em parceria com as Instituições de Ensino Superior, reconhecidas pelo Ministério da Educação, visava somar esforços com as lideranças comunitárias e com a população, a fim de contribuir com o desenvolvimento local sustentável, e na construção e promoção da cidadania. Disponível em: <https://projektorondon.defesa.gov.br/portal/index/pagina/id/343/area/C/module/default>. Acesso em: 20 out. 2018.

³⁷ FAMÍLIAS são instruídas sobre relacionamento. **O Estado**, ano VIII, n. 1355. Teresina, 20 jul. 1977, p. 05.

Esse acompanhamento está inserido no desejo de colocar essas famílias o quanto antes para residir no conjunto, posto que essa inserção de pessoas estava intimamente voltada para que houvesse a liberação de mais recursos para a continuação das obras de construção do restante das casas.

Hoje este Conjunto Habitacional se apresenta como referência para falarmos a respeito da zona Sudeste na capital, pois ele agrega vários Conjuntos Habitacionais em seu entorno, como os Renascenças I, II, III, Parque Jurema, São Paulo, Parque Itararé, Alto da Ressurreição, enfim, uma população estimada em 200 mil habitantes,³⁸ tornando-se um núcleo de vida, elementos sociais e econômicos deste espaço urbano de Teresina.³⁹ Sendo assim, por seu gigantismo e funcionamento como um núcleo de atração de mais pessoas, percebe-se a influência sobre outras famílias que vieram habitar a região, modificando e sendo modificada com o passar do tempo.

Nesta procura pelo ambiente que nos remete à sensibilidade de um aconchego, podemos descrever que a moradia é acima de tudo:

Espaço privado, via de regra, quase não se trabalha, a não ser o indispensável: cuidar da nutrição, do entretenimento e da convivialidade que dá forma humana à sucessão dos dias e à presença do outro. Aqui os corpos se lavam, se embelezam, se perfumam, se abraçam e depois se separam. Aqui o corpo doente encontra refúgio e cuidados, provisoriamente dispensado de suas obrigações de trabalho e de representação no cenário social. Aqui o costume permite passar o tempo “sem fazer nada”, mesmo sabendo que “sempre há alguma coisa a fazer em casa”. Aqui a criança cresce e acumula na memória mil fragmentos de saber e de discurso que, mais tarde, determinarão sua maneira de agir, de sofrer e de desejar.⁴⁰

Tais características nos trazem a valorização e busca frequente pela aquisição da casa própria, ao tempo em que se percebe o quanto um Conjunto Habitacional poderia transformar as vidas dos indivíduos que fossem habitá-lo, fazendo-se constituir a partir daquele momento as primeiras lembranças voltadas a seu lar tão almejado, posto que esta moradia é tão desejada em muitas ocasiões e sob aspectos diversos; é principalmente o ambiente que gostamos de voltar ao anoitecer, após um dia cansativo de trabalho, depois de uma viagem de férias, ao sairmos do hospital,⁴¹ enfim, é o espaço que escolhemos como nosso refúgio particular.

³⁸ IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estimativa da população [2018]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/teresina/panorama>. Acesso em: 13 dez. 2018; a população de Teresina era de 861.842 habitantes.

³⁹ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017.

⁴⁰ CERTEAU; GIARD; MAYOL, op. cit., 2013, p. 205.

⁴¹ CERTEAU; GIARD; MAYOL, op. cit., 2013.

As relações encontradas no Dirceu Arcoverde foram construídas através de um trabalho inicial de deslocamento de várias famílias para este espaço, que, segundo Fontineles e Sousa Neto, eram pessoas procedentes, em boa parte, da ação migratória ocorrida em Teresina na década de 1970,⁴² e em situação de extrema dificuldade de adaptação à região onde se encontrava o Conjunto, registrado por meio de jornais, nos quais se faziam indagações a respeito de:

Quem não conhece o conjunto Itararé, pergunta-se como pode viver a tal distância da cidade grande, porque seus moradores já o consideram um aglomerado humano, onde as necessidades mais permanentes são assistência médica, água e transporte [...]. Entretanto, para ser habitável, o Itararé está exigindo da prefeitura e da COHAB e das autoridades do setor uma imediata instalação de um posto médico e um sistema de abastecimento d'água.⁴³

É importante entender, portanto, que as condições precárias apontadas pelo periódico, deixavam à mostra um cenário de obstáculos que os moradores teriam que enfrentar para residir no Conjunto. Desta forma, Francisco de Assis Alves, então líder comunitário, em seu relato, esclarece a respeito das condições de abastecimento d'água à época:

O consumo da água foi aumentando; até então o pessoal ainda pegava água da Construtora, mas chegou a um ponto que estrangulou, eu fui da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste), e consegui um carro-pipa.[...] Trazia 4, 5, às vezes 6 vezes o carro-pipa aqui, saía nas casas enchendo as caixas [d'água], também estrangulou, não dava mais, aí fizemos um chafariz ao lado da Igreja [São Francisco de Assis], fizemos um chafariz ali, e ali deu muito história, briga, porque o pessoal pegava água durante a noite, a maioria, cerca de 90%. Eu trabalhava, era uma briga, uma confusão, era lata batendo em lata, brigas de mulheres, certa vez uma arrancou a orelha da outra com o dente [...], era uma confusão.⁴⁴

Presenciamos, nesta narrativa, a situação caótica, e a existência de uma memória que ovaciona as ações tomadas para solucionar aquele cenário de desordem, por isso, se faz necessários termos cuidado ao tratar esses casos, uma vez que, como nos alerta Halbwachs,⁴⁵ a reminiscência é uma reconstituição do que passou, com o auxílio de informações recebidas de transferências recentes, e organizadas por diferentes reconstituições realizadas em períodos prévios e, de onde a figura de tempos passados já nasceu muito modificada. Podemos

⁴² FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017.

⁴³ ITARARÉ: uma cidade está se erguendo em Teresina. **O Dia**, ano XXVI, n. 4868. Teresina, 20 ago. 1977, p. 05.

⁴⁴ ALVES, Francisco de Assis. **Entrevista** concedida a Cláudia Cristina da Silva Fontineles, Marcelo de Sousa Neto e Elisnauro Araújo Barros, na residência do entrevistado. Teresina, 3 ago. 2018.

⁴⁵ HALBWACHS, op. cit., 2003.

observar que tal situação fazia parte daquele momento histórico, em que o discurso oficial do Estado se pautava essencialmente para o atendimento a estas famílias, cujo papel foi enfatizado por Fontineles e Sousa Neto, ao apontarem que:

A intervenção na paisagem urbana [...] era uma ação conjunta entre governos estadual e municipal, que tinham à frente de seu comando executivo, respectivamente, Dirceu Mendes Arcoverde e Raimundo Wall Ferraz. Ambos os governos pareciam ver no novo Conjunto Habitacional o local de envio dos moradores “indesejáveis” da zona Leste.⁴⁶

O desejo das administrações públicas, no entanto, não levava em conta a grande dificuldade, conforme João Batista Sousa do Nascimento,⁴⁷ o trajeto se dava contornando a Avenida João XXIII, para em seguida se encaminhar até o Conjunto por ruas cobertas de poeira. E para agravar a situação, existia um sistema de transporte coletivo pouco eficiente, que não satisfazia aos moradores. Neste sentido, devemos expor que este transporte estava a cargo da EMTRACOL, cujo proprietário era o senhor Nilo Campelo de Matos.⁴⁸

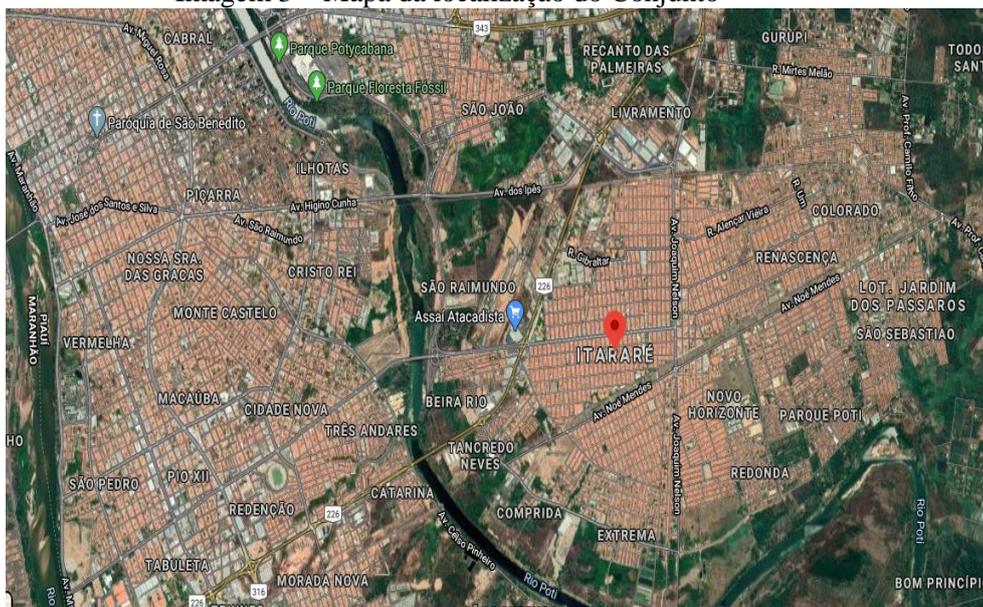
As dificuldades descritas, referente ao percurso, não difere da atualidade, pois, apesar das décadas de existência, o transporte público da região se encontra deficitário, e hoje ainda é possível vermos a distância entre o Conjunto, e o centro da cidade, um fato recorrente na memória dos seus moradores, principalmente, no transcorrer dos primeiros anos. Por isso, vimos a necessidade de localizarmos este espaço, que ainda leva a referência o nome de Itararé, dentro do espaço urbano de Teresina. Vejamos o seguinte mapa:

⁴⁶ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017, p. 56.

⁴⁷ NASCIMENTO, João Batista Sousa do. **Itararé**: um olhar histórico e social entre 1976 e 1983. Monografia (Graduação em História) – UESPI, Teresina, 2005.

⁴⁸ Ex-Prefeito de São Miguel do Tapuio-PI (1976-1980), que fundou a Empresa de Transportes Coletivos (EMTRACOL) em 1976, que ficava sediada neste período na Avenida João XXIII. Atualmente é uma das maiores empresas de ônibus coletivo de Teresina.

Imagem 3 – Mapa da localização do Conjunto



Fonte: Google Earth/Maps.

Logo, a imagem do Conjunto, corrobora a importância desta comunidade para a História de Teresina, caracterizado por obstáculos lembrados por muitos moradores que enfrentaram as dificuldades de moradia, aqueles que, pela idade, e mesmo pela inocência, encontraram maneiras de diversão, até mesmo utilizando o transporte coletivo, como foi o caso do senhor Marcos Venício Gomes de Sousa,⁴⁹ de cinquenta anos, que chegou ao Conjunto em setembro de 1977, aos nove anos de idade, vindo de uma favela no Bairro Ilhotas, próximo ao trilho da linha férrea, zona Sul de Teresina. Lembrando-se de sua infância a respeito das condições que se encontravam os ônibus da EMTRACOL, descreve:

[...] não era pra dizer que aquilo era ônibus, era sucata mesmo, e a poeira, de uma certa forma pra gente que chegou no bairro, criança, pra nós andar de ônibus era uma novidade muito grande, a gente não queria saber se o ônibus estava caindo os pedaços, se era sucata, era, era muito prazeroso naquela época aqui no Dirceu, tanto é, que aqui não tinha calçamento, tinha uns buracos que pulava, muita gente ficava sorrindo, então de certa forma era muito divertido, a vida era muito divertida.⁵⁰

Presenciamos neste instante, a arte da memória descrita por Certeau,⁵¹ pois, quando somos jovens, maior nossa força para guardar uma lembrança, e reconhecendo seu essencial significado, quando formos mais velhos. O entrevistado, quando rememora a passagem de sua

⁴⁹ Natural de Teresina, filho criado somente pela mãe e empregada doméstica, senhora Raimunda Maria de Sousa, sendo o terceiro de cinco irmãos. Atualmente exerce a atividade de cabeleireiro no Conjunto.

⁵⁰ SOUSA, Marcos Venício Gomes de. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência do entrevistado. Teresina, 1 ago. 2018.

⁵¹ CERTEAU, op. cit., 1998.

infância em meio a tantos problemas, demonstra que este o espaço produziu recordações ingênuas, algo que hoje pareceria uma simples bobagem, como andar de ônibus, traz saudosismo, e boas recordações deste período. Entendemos assim, que a narrativa é singular, porém compõe um ambiente necessário para o entendimento da história de sua classe social.⁵²

Devemos compreender que, esse processo, sobretudo, as lembranças, a maneira de se olhar a constituição através da memória de seus moradores, a despeito do processo árduo de viver, ou mesmo sobreviver no ambiente, era totalmente desfavorável. Tentava-se criar condições para que seus habitantes procurassem soluções, seja através de atitudes individuais ou coletivas, buscando o reconhecimento para uma região que não desistia de travar lutas constantes por melhorias com objetividade. Por isso, lembramos que a demanda por avanços estruturais, foi desde cedo o principal item das reclamações por parte dos moradores, fazendo com que ficasse guardado nas lembranças, o ambiente encontrado no Conjunto.

O Conjunto Dirceu Arcoverde passou ao longo de sua história por momentos distintos, e carregados de significados que adentraram pelas vidas de muitos de seus primeiros habitantes, que até hoje residem no lugar, deixando marcas indelévels. No entanto, para esta construção narrativa, estivemos atentos ao que nos alerta Janaína Amado, ao observar que precisamos:

Distinguir entre o vivido e o recordado, entre experiência e memória, entre o que se passou e o que se recorda daquilo que se passou. Embora relacionadas entre si, vivência e memória possuem naturezas distintas, devendo, assim, ser conceituadas, analisadas e trabalhadas como categorias diferentes, dotadas de especificidade.⁵³

Com isso, deve-se ter o cuidado, e fazer a distinção do que será analisado, no intuito de não cometer erros durante a exposição, feita pelos entrevistados. Assim, ao tratarmos a respeito do que é experiência de vida, e reminiscência, apresentamos um morador que possuem ambas, tratasse do senhor Francisco Lucas da Costa,⁵⁴ de oitenta e oito anos (seu Chicó), que chegou para residir no Conjunto no início de 1978:

Eu cheguei aqui faltava dez minutos para meia noite no dia 10 de janeiro de 1978. [...], eu me escrevi e por felicidade ganhei uma casa do conjunto. [...] tinha gente que dizia que aqui só morava gente pobre, aqui só morava os

⁵² ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

⁵³ AMADO, Janaina. **O grande mentiroso**: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. *Revista História*, São Paulo, v. 14, p. 131, 1995.

⁵⁴ Natural da localidade de pulsazeiro no município de Buriti dos Lopes (PI), filho de lavradores daquela cidade, casado com a senhora Maria José Carvalho da Costa, pai de cinco filhos.

excluídos, era os excluídos, e não era assim né, foi ignorância daqueles que teve muitos que abandonaram as casas deles, venderam, trocaram a troca de casca de árvore, [...]. Nós éramos conhecidos quando chegávamos ao centro de Teresina, as pessoas nos conheciam pelo pé, coberto de poeira, aqui era terra, essa terra que é sagrada em todo lugar, eles nos criticaram, a gente chegava lá com o pezinho, fosse ensapatado e tal, e coberto de poeira, aí nós éramos criticados, por isso, é porque eles nem sabem que a terra é sagrada em todo lugar (risos), e muito obrigado meu Deus!⁵⁵

Ressalte-se que os depoimentos carregam emoções, e são fontes, vestígios, e conhecimento do passado,⁵⁶ sobre o qual precisamos manter certo distanciamento. No momento em que dispomos dessas memórias, estamos também revivendo fatos que marcaram esse entrevistado ao longo de sua trajetória de vida. E este percurso exige a observação atenta às reações dessas pessoas, quando perguntadas a respeito de algo mais íntimo de sua vida. Contudo, é importante sempre mencionar-se que a metodologia oral requer muitos cuidados durante sua utilização, um zelo indispensável na busca de uma narrativa livre de interferência externa, procurando dosar as questões a serem tratadas durante a entrevista, pois é comum:

O historiador muitas vezes deixa-se envolver pelo ambiente das entrevistas, pelas histórias [...], pela emoção [...], “esquecendo-se” de representar o papel profissional [...] e criando fortes laços pessoais com os informantes, tanto de admiração, amizade e amor, quanto de antipatia, rejeição e mesmo ódio.⁵⁷

Muitos sentimentos podem brotar com o desenrolar da entrevista, sendo possível até mesmo a perda da questão a ser abordada no depoimento. Destarte, temos que ter o máximo de atenção para que não ocorra esta situação que poderá botar em risco toda a execução da pesquisa; por isso, buscamos trabalhar os testemunhos a respeito do Conjunto Dirceu Arcoverde, procurando certo afastamento dos fatos relatados, essencialmente aqueles que, por empiria, sabemos como ocorreram, deixando a fonte oral narrar da sua forma tal acontecimento.

Halbwachs,⁵⁸ defende que um ou mais indivíduos, ligando suas reminiscências, realizam uma descrição mais precisa de acontecimentos ou elementos que testemunhamos no mesmo período, restabelecendo a continuação de nossa ação e linguagem em determinado caso, sem que aconteça uma recordação de tudo. Compreendemos que durante este processo a

⁵⁵ COSTA, Francisco Lucas da. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência do entrevistado. Teresina, 26 jul. 2018.

⁵⁶ ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

⁵⁷ AMADO, Janaína. **A culpa nossa de cada dia**: ética e história oral. *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, n. 15, abr. 1997, p. 148.

⁵⁸ HALBWACHS, op. cit., 2003.

memória consegue absorver parte significativa do que é dito, fazendo acontecer uma restauração que poderá contribuir para a narrativa oral. Igualmente, precisamos ter atenção a esses detalhes, já que estas iniciativas podem desencadear dificuldade, caso não consigamos trabalhar esta fonte adequadamente. Dessa forma, podemos compreender a recordação do entrevistado, narrando como ficou sabendo da existência do Conjunto, principalmente relacionado ao aspecto físico de sua residência.

Nós sabíamos que nesse conjunto as casas era em cima da areia, mentira que não se pode fazer, e aí eu acreditando ou não, eu fiquei em dúvida, eu tirei uma das casas mais pequena, tinha A, B, C, uma das maiores, eu tirei uma das mais pequenas, com medo mesmo de não ter segurança nos alicerces da casa, que quando eu cheguei, logo ali eu comecei a construir com muito medo da casa desabar, eu fiz, eu tinha tanto medo que nos alicerces dessa casa tem um metro de fundura, eu fiz quatro metros por trás, aumentei logo a casa, graças a Deus, com dois anos eu vendi a minha casa lá na minha cidade , aí eu fiz essa parte da frente, e outros quatro metros aqui na frente, aí fui colocando a casa num tamanho maior, e graças a Deus aqui estamos, graças a Deus.⁵⁹

Essa exaltação constante a Deus demonstra que, a fé era importante para os moradores, algo necessário, assim como outros elementos, objetivando a permanência, mesmo numa casa pequena, que precisava de uma melhor estrutura. No entanto, isso remete as considerações feitas por Certeau,⁶⁰ de que a casa, revela sem máscara a condição salarial e as pretensões sociais de seus moradores.

Verificamos que, mesmo sem contar com uma boa infraestrutura, o primeiro templo religioso construído, foi a Igreja de “São Francisco de Assis, com sua pedra fundamental lançada em 14 de outubro de 1978, e sendo inaugurada em 21 de setembro de 1980”.⁶¹ O terreno onde seria erguido o templo religioso, contou provisoriamente, com um espaço dedicado a realizações de missas, como veremos abaixo:

⁵⁹ COSTA, op. cit., 2018.

⁶⁰ CERTEAU; GIARD; MAYOL, op. cit., 2013.

⁶¹ SANTOS apud FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017.

Imagem 4 – Espaço improvisado para realização de missas no Conjunto em 1979



Fonte: Arquidiocese São Francisco de Assis

Ressaltamos, ainda, que se fez uma arrecadação de fundos pela comunidade católica do Conjunto, visando o erguimento desse santuário, ou seja, participação direta dos moradores. A dimensão que foi dada a tal evento pode ser mensurada por meio da compreensão de percebermos a existência de uma troca, em que o historiador abre o caminho para ouvir e conversar, respeitando os narradores, estabelecendo receptividade recíproca, fundamentada na diversidade, abrindo campo a narração para o entrevistador penetrar,⁶² fomentando um caminho natural em que a conversação se torne algo prazeroso para ambos, valorizado, como destacado por Alberti:

A história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.⁶³

Enxergamos o quanto pode ser salutar problematizar-se a fonte oral, e seus conceitos já consolidados, procurando usar implicações com extrema cautela, para que este não se

⁶² PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

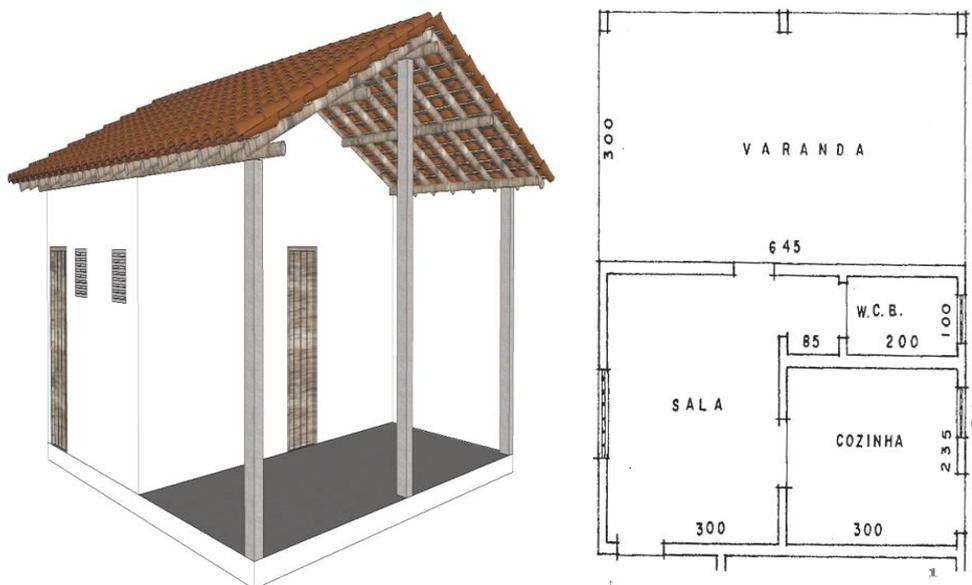
⁶³ ALBERTI, op. cit., 2007, p. 18.

ofenda, ou sinta uma provocação.⁶⁴ Por isso, é essencial que o historiador saiba a melhor forma de colocar estas questões a serem tratadas com o entrevistado. É durante essas discussões que, Verena Alberti,⁶⁵ propõe que devemos intercalar várias indagações, sobre diferentes assuntos, para provocar a memória e a vontade de falar do entrevistado.

Compreende-se que, provocar uma narrativa do entrevistado, também tem seus limites, pois, ao percebermos algum incômodo durante a entrevista, seja, pelo tom da voz, expressões no rosto, ou física, devemos interpretar imediatamente, e, se for o caso, interromper para não causar um desgaste entre entrevistador e entrevistado. Necessitamos, portanto, fazer uso da sensibilidade para preservar esta fonte oral, e sua narrativa.

Ao parar e ouvir, é possível que possamos compreender o lado oposto, onde se encontra a vontade do entrevistado de dialogar e de estar aberto com determinado limite que possibilita que os historiadores executem seu trabalho.⁶⁶ Portanto, para que possamos visualizar a descrição feita das casas do Conjunto, a que se referiu anteriormente, o senhor Francisco Lucas, é imprescindível a utilização de imagens, que possam nos referenciar sobre a estrutura dos imóveis, por isso, na sequência pode ser vistos, reproduzidos, os três modelos de casas e suas plantas baixas que foram disponibilizados às famílias.

Imagem 5 – Reconstrução digital da casa e planta baixa do tipo “A”



Fonte: ALBUQUERQUE, Alcília Afonso; TAVARES, Iago. **Itararé** – A república dos desvalidos.

Disponível em: <http://extensaoepesquisa.blogspot.com/2011/12/esta-pesquisa-realizou-uma-investigacao.html>. Acesso em: 10 out. 2019.

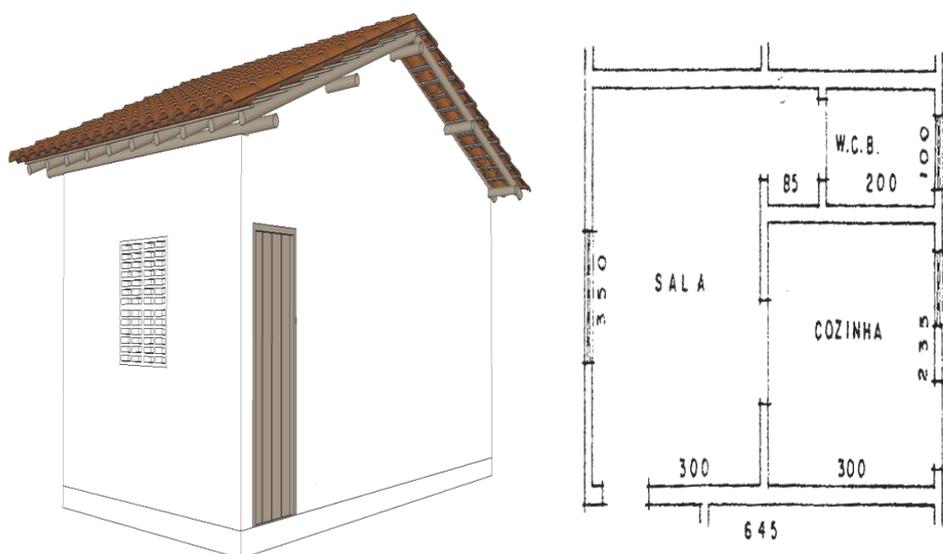
⁶⁴ ALBERTI, op. cit., 2007.

⁶⁵ ALBERTI, op. cit., 2007.

⁶⁶ PORTELLI, op. cit., 2016.

Esse modelo tipo “A” tinha a maior prestação; era direcionado aos que tinham melhor renda, mesmo que sua estrutura não fosse condizente com o que se diziam os documentos na COHAB, quando confrontados os testemunhos dos moradores. Apresentando uma varanda, ou seja, um espaço coberto de telhas, e três compartimentos internos, sala, quarto e banheiro, as casas apresentavam as seguintes dimensões: 6,45 metros de frente/fundo, e laterais, com 6,80 metros, contando com a área da varanda,⁶⁷ erguida em terreno de 10x20 metros. Assim, ao todo, foram construídas 792 unidades.⁶⁸

Imagem 6 – Reconstrução digital da casa e planta baixa do tipo “B”



Fonte: ALBUQUERQUE, Alcília Afonso; TAVARES, Iago. **Itararé** – A república dos desvalidos.

Disponível em: <http://extensaoepesquisa.blogspot.com/2011/12/esta-pesquisa-realizou-uma-investigacao.html>. Acesso em: 10 out. 2019.

O modelo tipo “B” era direcionado àquelas famílias consideradas de menor poder aquisitivo; com 2188 casas construídas,⁶⁹ estas possuíam apenas três compartimentos internos, sala, quarto e banheiro, com as seguintes dimensões: 6,45 de frente/fundo, e laterais com 3,80 metros, erguidas em um terreno de 10x20 metros.⁷⁰ Novamente percebemos que a

⁶⁷ ALBUQUERQUE, Alcília Afonso; TAVARES, Iago. **Itararé** – A república dos desvalidos. Disponível em: <http://extensaoepesquisa.blogspot.com/2011/12/esta-pesquisa-realizou-uma-investigacao.html>. Acesso em: 10 out. 2019.

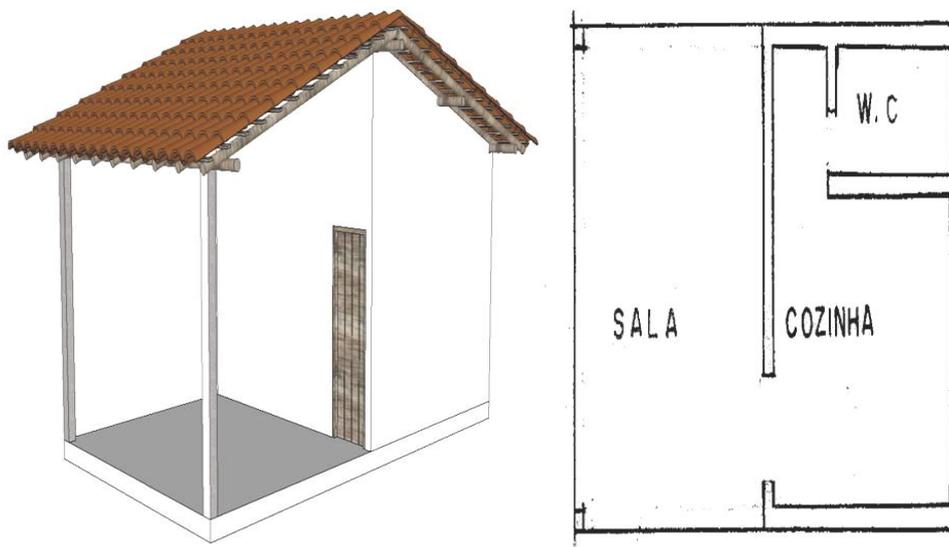
⁶⁸ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017.

⁶⁹ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017.

⁷⁰ ALBUQUERQUE; TAVARES. op. cit., 2019.

estrutura da casa ainda ficava bastante distante do ideal. Contudo, ainda havia condições piores, como iremos ver a seguir.

Imagem 7 – Reconstrução digital da Casa tipo “C”



Fonte: ALBUQUERQUE, Alcília Afonso de; TAVARES, Iago. **Itararé** – A república dos desvalidos, 2011.

Disponível em: <http://extensaoepesquisa.blogspot.com/2011/12/esta-pesquisa-realizou-uma-investigacao.html>. Acesso em: 10 out. 2019.

As casas modelos tipo “C” eram as menores entre as oferecidas. Esta terceira opção de moradia foi construída em apenas três quadras, perfazendo o total de sessenta unidades,⁷¹ divididas, internamente, com uma sala, cozinha e banheiro, com dimensões de 3,22 de frente/fundo, e laterais com 3,80 metros, possuindo externamente um alpendre. Assim como as outras, estava edificada dentro de um terreno de 10x20 metros.⁷² Devemos lembrar que estes três modelos foram projetados por Epifânio Borba Filho e Raimundo Soares da Cruz.⁷³

Ainda merece ser dito que algumas casas apresentavam uma caixa d’água feita de *manilha de concreto*,⁷⁴ essencialmente aquelas que foram entregues aos primeiros moradores; fato que denotava a urgência da entrega desses imóveis, utilizando este material de baixa qualidade. Posteriormente, o restante das casas já possuía caixa d’água de fibra de amianto, material mais leve, e mais utilizado neste período.

⁷¹ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017.

⁷² ALBUQUERQUE; TAVARES, op. cit., 2019.

⁷³ Projetistas responsáveis pelas tipologias residências do “Projeto Itararé”, em 1976. In: ALBUQUERQUE; TAVARES, op. cit., 2019.

⁷⁴ Tubo de concreto armado utilizado na construção civil para escoamento de esgoto, e passagem de água da chuva em obras de saneamento.

Essas estruturas mencionadas, apesar de diferenciadas pelo tamanho, não eram compatíveis com as grandes famílias. Mesmo sob estas condições, muitas tiveram que se adaptar ao desconforto, que geralmente era combatido, enfatizado por Certeau,⁷⁵ com as *táticas de sobrevivência*. Tentava-se solucionar o problema, com a ampliação das casas através de um “puxadinho”;⁷⁶ para tanto, escavava-se o quintal de suas casas para a retirada de argila, com a intenção de erguer paredes nas casas do Conjunto, pois o material de construção era muito oneroso para grande parte das famílias.

Essa descrição enfatiza ainda mais a questão da qualidade das casas que seriam entregues a essas pessoas. Desta forma, e agindo com cuidado, iremos compreender a narrativa dos moradores e a dificuldade de residir no Conjunto, em razão da grande deficiência de infraestrutura da região.⁷⁷ Um de seus pontos marcantes, salientados por Lima,⁷⁸ era o fato de a cidade atravessava um período limitado pela grande propagação de favelas em algumas zonas da cidade.

Este cenário ficou ainda mais evidente ao observarmos que existiam muitas habitações irregulares em algumas zonas de Teresina, principalmente na zona Leste, afetando o objetivo pretendido relacionado em valorizar os imóveis daquela região de Teresina, causando ainda desconfiança do discurso de desenvolvimento propagado no Brasil e, em particular, no Piauí, na década de 1970.⁷⁹ Portanto, os conjuntos habitacionais também seriam uma saída para colocar essas famílias que viviam nesta situação de casas irregulares.

Entretanto, sabemos que há condições em que ocorre uma separação dos diferentes grupos sociais, que tentam fugir da concepção de arena na qual se vive. São frutos dessa sociedade e pré-requisito de sua existência, com a capacidade de exercer influência nos diferentes modos de vida e propagação das desigualdades.⁸⁰ Ressaltamos que existiam várias famílias de outras regiões da cidade, como foi o caso do senhor Marcos Venicio, que, com sua família, se fixou na comunidade, e nos relata que conseguiram vir:

Foi na época que começou as inscrições para as casas aqui no Dirceu, Itararé, na época era Itararé, aí minha mãe se inscreveu, e não tínhamos onde morar mesmo, vivia de aluguel, então ela fez a inscrição e conseguiu a casa.

⁷⁵ CERTEAU, op. cit., 1998.

⁷⁶ Expressão que se usava quando se construía mais cômodos para aumentar a área da casa com a utilização geralmente de argila para as paredes e cobertura de palha de babaçu visto em conjuntos populares.

⁷⁷ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017

⁷⁸ LIMA, op. cit., 1996.

⁷⁹ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017.

⁸⁰ VASCONCELOS; CORRÊA; PINTAUDI, op. cit., 2018.

Era só uma sala, um quarto, e um banheiro, mais pra gente era muito bom...
97, casa 16, no lugar que a gente ainda está morando hoje.⁸¹

Com base nessas palavras, percebemos o quanto as pessoas desejavam ter uma casa, na qual nem mesmo a falta de espaço físico constituía empecilho. Buscava-se pertencer a um ambiente, quase uma demarcação, a posse de um espaço na sociedade, em que o indivíduo pode ser reconhecido tanto positiva quanto negativamente,⁸² contanto que o primordial estivesse no sentimento de pertencer a este lugar.

Desde que o ser humano percebeu que viver em sociedade poderia abrir-lhe a possibilidade de ampliar seu tempo de vida, com recursos que somente o sedentarismo poderia trazer, busca meios para que isso ocorra, como busca também, nesta contemporaneidade, o lugar social dentro da cidade. Como salientam Certeau, Giard, Mayol,⁸³ pode ser a rua, o bairro, conjunto habitacional, ou seja, a coletividade, um espaço igualitário que leva a uma conduta prática por meio do qual todo sujeito se adapta ao método comum de se reconhecer, conferindo uma fração de si à influência do restante.

O fato de desejar este reconhecimento fazia com que até mesmo os pontos contrários do ambiente, aqueles especialmente ligados à precariedade, fossem encarados como algo que não seria capaz de afugentar muitas dessas famílias, pois o que estava em jogo era o anseio da casa própria, e isso valia o sacrifício, quando até mesmo o fundamental como o calçamento ou saneamento eram inexistentes, conforme relembra um de seus moradores:

Não tinha estrutura nenhuma, era o barro mesmo, não tinha estrutura nenhuma, tinha casa e barro, muita casa, muita casa, não tinha estrutura nenhuma não, não tinha mercado, não tinha nada ainda, não tinha água, não tinha luz, era tinha só um chafariz, ali perto da Igreja [São Francisco de Assis], não nem era um chafariz direito ainda.⁸⁴

Em meio a essas condições descritas e ao aspecto do Conjunto, que não contava com infraestrutura adequada, só houve alguma modificação quando o Prefeito Raimundo Wall Ferraz (1975-1979), durante sua primeira administração da cidade, iniciou a pavimentação das ruas, algo constantemente reivindicado por seus moradores, devido à poeira que acumulava nas casas, gerando doenças e desconforto. Deste modo, como noticiava periódico à época, o chefe do Poder Executivo municipal:

⁸¹ SOUSA, M. op. cit., 2018.

⁸² CERTEAU; GIARD; MAYOL, op. cit., 2013.

⁸³ CERTEAU; GIARD; MAYOL, op. cit., 2013.

⁸⁴ SOUSA, M. op. cit., 2018.

Autorizou a abertura de uma frente de serviço para a construção de 40 mil metros quadrados de calçamento, e que completam todas as ruas do populoso bairro. O calçamento será construído com recursos financeiros pelo Banco Nacional da Habitação e deverá ficar pronto até o final da atual administração. A Prefeitura completará assim mais de 120 mil metros de calçamento somente no conjunto Itararé.⁸⁵

Essa melhoria na pavimentação, usando o calçamento “cabeça de jacaré”⁸⁶ nos logradouros, pode ser visualizada na imagem a seguir:

Imagem 8 – Casas do tipo “B” no Dirceu Arcoverde II [ca. 1980]



Fonte: Portal O Dia.

Disponível em <https://www.portalodia.com/noticias/piaui/dirceu-arcoverde>

Ao analisar a imagem, observamos que algumas casas apresentavam um cercado rudimentar, feito geralmente de talo de coco, ou seja, com o caule da folha do *babaçu*,⁸⁷ evidenciando a baixa renda das famílias, que não podiam construir muros de alvenaria, devido a impossibilidade de arcar com as despesas deste tipo de construção,⁸⁸ e forma utilizada para delimitar o espaço do lote residencial. Esta palmeira também pode ser vista ao fundo,

⁸⁵ WALL manda pavimentar todo o Itararé. **O Estado**, ano VIII, n. 1362. Teresina, 28 jul. 1977, p. 05.

⁸⁶ Termo regional, usado para descrever calçamento que utiliza pedra-do-pará, um arenito cimentado por limonite semelhante à cabeça de jacaré.

⁸⁷ É uma das mais importantes representantes das palmeiras brasileiras, distribuindo-se por mais de 18 milhões de hectares em todo o Brasil. É constituído por um conjunto de seis espécies de palmeiras do gênero *Orbignia*, sendo as mais importantes *O. speciosa* e *O. oleifera*. Como espécie típica precursora, alastrou-se espontaneamente por uma grande área nos Estados do Maranhão, Tocantins, Goiás, Pará e Piauí, vindo a constituir maciços muito densos chegando a ter mais de mil indivíduos por hectare. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/alimentos/babacu>. Acesso em: 27 fev. 2019.

⁸⁸ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2019.

demonstrando que o conjunto se encontrava numa região com aspecto rural. Também merece destaque a presença de postes de iluminação pública da Companhia Elétrica do Piauí S/A (CEPISA).

Essa realidade nos deixa a convicção de que, acima de tudo, permanecer morando no conjunto não era simples. Significava a consequência da necessidade de um lar, integrando-se tudo isso ao baixo poder aquisitivo e à carência de aspectos favoráveis, aliados ao anseio de se agregar à urbe por meio de uma casa aceitável, oferecida como uma residência legitimada.⁸⁹ Entendemos como um acontecimento positivo para grande parte das famílias o fato de possuir uma moradia, que servisse como uma espécie de legitimação de seu papel de habitante de uma cidade, no caso Teresina, mesmo em meio a sérios problemas.

Enfatizamos, o reconhecimento da memória como um componente representado no sentimento de identificação, do indivíduo ou coletividade. A memória no conceito precioso do desejo de continuidade e de união de um indivíduo, ou comunidade em sua própria reconstituição.⁹⁰

Para ressaltar esse conhecimento, Joël Candau,⁹¹ assinala que não existe procura identitária sem memória e, de modo inverso, a procura da memória é continuamente seguida de uma percepção de identificação, pelo menos particularmente. Desta forma, o nosso modo de falar, agir e sentir tem influência direta do cotidiano, da nossa construção de caráter, e de como enfrentamos o mundo, e tudo o que está ao nosso redor.

Tais elementos podem contribuir para a construção de valores e para a noção de pertencimento que temos de um espaço, seja qual for sua designação, inclusive quando falamos de conjuntos habitacionais como o Dirceu Arcoverde. Isso gera frutos para o nosso modo de viver em sociedade, como também nos sujeita ao julgamento de indivíduos que não pertencem àquele ambiente, e não passaram pelas dificuldades enfrentadas pelas famílias do Conjunto, principalmente por aquelas residentes no Dirceu Arcoverde desde o início. Esses sujeitos estranhos ao meio raramente são levados a sério em suas opiniões. Assim, Michel Pollak enfatiza:

A memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações,

⁸⁹ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017, p. 117.

⁹⁰ POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

⁹¹ CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. 1. ed. 4. reimp. [Tradução: Maria Letícia Ferreira]. São Paulo: Contexto, 2018.

nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual. Quando a memória e a identidade trabalham por si sós, isso corresponde àquilo que eu chamaria de conjunturas ou períodos calmos, em que diminui a preocupação com a memória e a identidade.⁹²

Percebe-se que os laços entre os moradores e o Conjunto Dirceu Arcoverde colaboraram para a memória e identidade dessas famílias, por meio das quais podemos ver os acontecimentos ocorridos na comunidade como algo positivo. E também, de certa forma, para evitar que aconteça a perda dessas lembranças, pois, conseqüentemente, seria a perda de sua identificação,⁹³ como foi presenciado na entrevista do senhor Francisco Lucas, ao destacar:

A lembrança mais forte assim que eu tenho é que nós deixamos de ser aquelas pessoas visto como uns mendigos, aí passamos a ser conhecido como uma classe muito trabalhadora, que fundamos um bairro que passou de tão pequeno a ser quase uma banda da capital, Teresina, porque é hoje aqui o Dirceu Arcoverde I, incluindo todos os bairros quase uma banda de Teresina, eu tenho um grande prazer, não sinto tristeza, um grande prazer em nós ter trabalhado com fé em Deus, e chegamos até aqui, e aqui estamos, e vamos viver felizes com o poder de Deus.⁹⁴

O entrevistado demonstra a sua satisfação de pertencer a essa comunidade, mencionando até mesmo não sentir nenhuma amargura ao ter passado por constrangimento, ao lembrar que era visto com preconceito, rotulado de mendigo por pessoas de outras zonas da cidade pelo fato de residir no Conjunto, e que, mesmo assim, tem orgulho de morar numa região que se transformou em uma das maiores de Teresina, evocando sua fé acima de tudo.

Neste momento, precisamos chamar a atenção para a capacidade de nossa memória, pois um indivíduo sem *aptidão da relembrar* seu passado se esvazia, vivendo exclusivamente para o instante atual, perdendo suas aptidões de conceito e cognição. Sua identificação como sujeito acaba desaparecendo.⁹⁵ Por isso, devemos enaltecer todos os que possuem a capacidade de contar sua história pessoal, mesmo que, por vezes, tenhamos a impressão do excesso cometido ao narrar suas experiências.

Com base na ação do esquecimento, adquire-se importância para o ofício de historiador, pois sabemos que fontes orais não são descobertas como os documentos históricos, mas sim passam por um processo de cocriação.⁹⁶ Trabalhando dessa forma e cultivando o hábito de saber ouvir nossos entrevistados, podemos encontrar êxito nas

⁹² POLLAK, op. cit., 1992, p. 206.

⁹³ CANDAU, op. cit., 2018.

⁹⁴ COSTA, op. cit., 2018.

⁹⁵ CANDAU, op. cit., 2018.

⁹⁶ PORTELLI, op. cit., 2016.

discussões quaisquer que sejam, e assim compreender Portelli, quando se refere à história oral como:

Uma arte da escuta, uma arte baseada em um conjunto de relações: 1. A relação entre entrevistados e entrevistadores (diálogo); 2. A relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista (memória); 3. A relação entre a esfera pública e a privada, entre autobiografia e história – entre, digamos, a História e as histórias; 4. A relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador.⁹⁷

Durante o encontro que pode ser visto na composição da narrativa, quando o ajuntar de várias informações tecem respondendo parcial ou totalmente aos pontos principais da pesquisa, e usando Candau,⁹⁸ quando indica que, necessitamos de um senso apurado para entendermos que as deficiências da memória, as amnésias e as recordações impregnadas de sentimento significam uma vinculação a uma consciência que atua no presente, onde nossa percepção do tempo está fortemente influenciada pelo fato de estarmos vivendo na atualidade, e isso tem que ser observado ao empregarmos as declarações feitas por nossas fontes orais.

Por isso, mesmo que procurássemos nos afastar dessas impressões, estaríamos nos enganando, por não aceitar o fato de vivermos o tempo presente, quando fazemos alusão à movimentação através do uso de espaços públicos e privados, quando havia o encontro de seus habitantes, e outros vindos de fora, geralmente de bairros próximos, uma sociabilidade marcada profundamente em seus primeiros anos da comunidade.

No quesito de utilização desses espaços, o Conjunto apresentou opções como se quisesse de alguma forma atenuar o cotidiano de precariedade existente na comunidade, mesmo que fosse por apenas algumas horas, quer seja com atividades artesanais ou culturais. Desta forma, o fato pode ter contribuído para que seus moradores pudessem ter um lazer, mesmo que este não fosse aproveitado por todos.

1.2 Lazer e diversão: a utilização dos espaços públicos e privados entre os moradores

É importante para o homem ter seu espaço próprio de moradia, utilizando este lugar para seu descanso e celebrações, percebendo que essa importância ganha um maior significado ao aproveitarmos principalmente a nossa comunidade, instigando a percepção de pertencimento, um sentimento que surge ao transitarmos pelas ruas de nosso bairro a pé

⁹⁷ PORTELLI, op. cit., 2016, p. 12.

⁹⁸ CANDAU, op. cit., 2018.

deixando nosso lar. É o fragmento da urbe cortado por uma limitação descobrindo o ambiente particular do público.⁹⁹

Contudo, por nos sentirmos à vontade neste espaço onde residimos, temos a necessidade de viver outras experiências, buscando um lugar para o lazer, ou mesmo para desenvolver outro tipo de atividade. Notadamente isso também ocorreu entre os moradores do Dirceu Arcoverde, haja vista que, desde os primeiros anos da comunidade, sendo o “carro-chefe” disso o Centro Social Urbano (CSU), com atuação direta do Governo do Estado registrada por periódico à época:

Objetivando a valorização do trabalho e aptidões dos elementos da comunidade, o Centro Social Urbano do bairro Dirceu Arcoverde, promoverá a partir de domingo, uma programação mensal de caráter sócio-recreativa e cultural. Trata-se da feira de habilidades, iniciativa que visa estimular o melhor aproveitamento dos recursos humanos e materiais do antigo Itararé, dando destaque á atividade artesanal.¹⁰⁰

Neste prédio existiam as oficinas de bordado, corte e costura, direcionadas as mulheres do Conjunto, objetivando a formação dessas moradoras para incrementar sua renda. Tendo à frente deste espaço a assistente social Irmani Veloso, e o senhor Francisco de Assis Alves, popularmente chamado de Chico Alves, representantes do Governo Estadual no Conjunto, e que se notabilizaram como figuras políticas,¹⁰¹ acabaram por exercer grande influência entre os moradores.

Conforme o historiador João Batista Sousa do Nascimento, o Centro Social Urbano (CSU) era uma edificação que efetuava um projeto do Estado para fomentar o bem-estar social; teve notória importância na função de conservar essas famílias no Conjunto, e com o tempo começou a incrementar uma ação assistencialista.¹⁰² Esse tipo de assistência era algo comum neste período, vivenciado sob a tutela do regime militar, quando essas ações resultaram em importante expansão com a construção entre 1975 a 1984:

De mais de 500 unidades de centros sociais urbanos, espalhadas por todos os Estados do País, o que configurou à época uma rede de porte considerável. [...] O Programa expressou bem uma peculiar concepção de desenvolvimento social, baseada na intervenção do espaço urbano, através

⁹⁹ CERTEAU; GIARD; MAYOL, op. cit., 2013.

¹⁰⁰ FEIRA de habilidade no Dirceu Arcoverde. **O Dia**, ano XXVIII, n. 7075. Teresina, 25 maio 1979, p. 09.

¹⁰¹ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017.

¹⁰² NASCIMENTO, op. cit., 2005.

da implantação de equipamento especialmente concebido para essa finalidade – o Centro Social Urbano (CSU).¹⁰³

Esse prédio se fazia presente no cotidiano dos moradores, em uma concepção direcionada para apaziguar os ânimos das famílias; ou seja, era aproveitado como uma forma de demonstrar que o Estado estava presente, pois apresentava um sólido apoio físico para prestar benefícios públicos de grande valor social às famílias pobres, necessitadas de espaços urbanos desprovidos de infraestrutura e aparelhamentos semelhantes.¹⁰⁴ Seria então uma espécie de abrigo assistencial, voltado para conter os sentimentos daqueles que, de alguma forma, estavam com o sentimento de excluídos do restante da cidade.

É inegável que essa fórmula usada no Dirceu Arcoverde deixou marcas na memória dos residentes, uma vez que ao CSU foi conferido o papel de fomentar alguns tipos de afinidades sociais, conhecidas como “relações comunitárias”, apresentadas como desejáveis e indispensáveis à elucidação das dificuldades desses espaços.¹⁰⁵ Assim sendo, eventos periódicos naquele espaço eram realizados, conforme pode ser destacado por meio de jornal que circulou trecho à época:

Com o apoio da Secretaria do Trabalho e Promoção Social, o Dia do Trabalho, na próxima quinta-feira, será comemorado festivamente no Bairro Dirceu Arcoverde, com a execução de um programa que inclui desde a apresentação da banda de música da Polícia Militar do Estado a um passeio ciclístico. Visando proporcionar meio de desenvolvimento, mobilizar todos os recursos humanos da comunidade em vista a sua integração e satisfazer às necessidades da vida esportiva, o programa começa às 8 do dia 1 de maio, com o hasteamento das bandeiras do Brasil, do Piauí, e CSU, no Centro Social Urbano do bairro.¹⁰⁶

Além desse espaço público para a realização de eventos, o Conjunto Dirceu Arcoverde contava com locais privados, tais como os clubes dançantes, onde se promoviam festas com a participação dos moradores da comunidade. Ao analisar a insegurança que alguns ambientes proporcionavam a seus frequentadores, por possuírem instalações bastante rústicas, pudemos ver que tal fato chegou a ser retratado e denunciado em periódicos locais:

O “Dancing Club” do conjunto Itararé está mais parecendo um campo de concentração dos tempos da II Grande Guerra. O seu proprietário, Manoel

¹⁰³ BORBA, Sheila Villanova. **A produção de equipamentos urbanos como alternativa de política social** – o programa nacional de centros sociais urbanos. Porto Alegre: Ensaio, 1991, p. 405.

¹⁰⁴ BORBA, op. cit., 1991.

¹⁰⁵ BORBA, op. cit., 1991.

¹⁰⁶ CARVALHO fará festa no Itararé dia 1º. **O Estado**, ano XI, n. 2165. Teresina, 29 abr. 1980, p. 06.

Monteiro, cercou todo o clube com fios de alta tensão, para impedir a entrada de pessoas durante o dia. A medida adotada pelo comerciante é válida se a intenção for proteger o patrimônio contra vândalos e desocupados, mas haveria outras maneiras de conseguir o mesmo objetivo. Mais de 15 metros de fios de alta tensão estão dispostos em frente ao “Dancing” e uma pessoa e vários animais já foram vítimas desta armadilha, sofrendo vários ferimentos. O Sr. Manoel Pereira de Sousa, residente na quadra 6, casa 5, do Itararé, foi a primeira vítima dos fios de alta tensão. Ele passava nas proximidades em uma bicicleta, quando tocou nos fios e por pouco não morreu eletrocutado.¹⁰⁷

Ao atentar sobre o que diz a matéria, podemos observar que esta chama a atenção quando menciona que, o *Dancing Club* parecia um campo de concentração da II Guerra Mundial; há uma descrição do perigo que, inclusive, os vizinhos próximos corriam ao passar pelo local, por conta de pessoas e animais feridos. Na verdade, instiga à tomada de providências para evitar que houvesse vítimas fatais. Mas, ao mesmo tempo, não sabemos se está denúncia estava relacionado a agitação causada com a realização de festas, provocando o incômodo de alguns vizinhos, ou mesmo, de algum concorrente. O fato é que a matéria descreve o local de forma depreciativa. Enfatizamos que o senhor Manoel Pereira de Sousa não reside mais nesta residência, impossibilitando assim, o acesso a seu testemunho a respeito da reportagem.

Vejamos que neste mesmo período, existiu um espaço que marcou época para vários habitantes, e até mesmo para a cidade, e tinha como proprietário o senhor Francisco de Assis Alves (Chico Alves), que atuava, além do campo da política, como promotor de festas, influenciado diretamente pelo Cabo Miguel¹⁰⁸ proprietário do “fórró do talo”, que funcionou durante um breve período no Conjunto. Por isso, mesmo sem experiência na atividade, este espaço ficou conhecido como “Clube Recreativo Chico Alves”. Deste modo, vamos utilizar sua memória narrando às atrações que se apresentaram neste clube:

Eu não tinha nenhuma de festa, nunca fui a uma festa na minha vida, nunca dancei na minha vida (risos), mas um dia me disseram que tinha uma grande festa do lado de lá, aí eu fui lá e vi uma multidão de gente, rapaz vou fazer festa, simplesmente assim, vou fazer festa, primeiro alugando equipamento e contratando bandas. A inauguração daquele clube onde era a padaria (quadra 85, casa 10), nós fizemos com o Pinduca, foi uma multidão tão grande, que o pessoal que tava fora dava pra encher dez vezes [...].¹⁰⁹

¹⁰⁷ CLUBE do Itararé é cercado com fios elétricos e faz vítimas. **O Estado**, ano IX, n. 1809. Teresina, 9 jan. 1979, p. 07.

¹⁰⁸ Militar, e ex-morador, responsável pelo posto policial implantado durante os primeiros anos de habitação do Conjunto.

¹⁰⁹ ALVES, Francisco de Assis. **Entrevista** concedida a Cláudia Cristina da Silva Fontineles, Marcelo de Sousa Neto e Elisnauro Araújo Barros, na residência do entrevistado. Teresina, 3 ago. 2018.

Com o sucesso de seu empreendimento, o senhor Chico Alves, demonstrava sua necessidade de mais espaço para a realização dessas festas, por isso, foi necessária uma ampliação de espaço, sendo transferido para um terreno localizado no Loteamento Parque Flamboyant, em 1982, funcionando durante uma década. Mas em 1992, o senhor Chico Alves, relata que, “eu tive um encontro com o Senhor Jesus”,¹¹⁰ por isso, as atividades do clube encerram após “o carnaval de 92, na quarta-feira de cinzas, eu do meu escritório, e o pessoal que tinha trabalhado os seis bailes do carnaval, todo ali para receber o pagamento, e vem uma voz no meu ouvido direito, e diz: ‘não faça mais festa’”,¹¹¹ e contando durante um trecho de sua narrativa, com a participação do Ex-Governador Freitas Neto,¹¹² ressaltando:

Era a coisa que eu mais gostava de fazer da minha vida era festa, primeiro, porque dava muito dinheiro, juntava dentro de um saco para contar no dia seguinte, porque não dava pra contar no mesmo dia, era só jogando dentro do saco, dinheiro muito, muito dinheiro, [...] eu tinha quatro bares dentro do conjunto, eu vivia da renda dos bares, pagava todo o pessoal com a renda dos bares, e ainda vivia com, a bilheteria só pra investir, eu adorava fazer festa eu me sentia bem, eu tinha entusiasmo, e aquela voz estava dizendo: ‘não faça mais festa’, eu olhei para o pessoal, e olha eu vou pagar vocês, e não tem mais festa não, ninguém acreditou, mas eu não fiz mais festa, eu nunca gostei de dever desde menino, eu não gosto de comprar fiado, eu não gosto de dever, eu não precisava vender nada, eu tinha chácara com piscina, eu tinha tudo, um clube super equipado, como não nenhum aqui em Teresina igual, até energia própria nós tínhamos, um grupo gerador trifásico diesel, enorme, enorme, enorme, equipamento que ninguém tinha, pra mim vender o equipamento e estúdio, eu tive que dividir em pedaços (fazendo gesto com a mão esquerda como se tivesse fatiando algo) para quem quisesse comprar, eu tive que vender em 5 pedaços, então, não precisava vender nada do que eu tinha, não se passava alguns dias, 60, 70 dias por aí, não sei, nessa base por aí, a voz veio ao meu ouvido e disse assim: “se desfaça de tudo que você tem”, a minha família achava que eu tava louco, comecei a vender tudo que eu tinha, tudo, eu tinha uma casa aqui na divisa do Dirceu II com o Parque Jurema, quase 3 mil metros quadrado, 3 ruas, rua aqui, rua aqui, rua aqui (fazendo gesto com a mão esquerda da divisa das ruas) , só tinha vizinho aqui no fundo, vendi essa casa tão barato, que no dia o cidadão foi me pagar

¹¹⁰ ALVES, op. cit., 2018.

¹¹¹ ALVES, op. cit., 2018.

¹¹² Antônio de Almendra Freitas Neto, nasceu em Teresina no dia 13 de março de 1947, filho de Odilon Carvalho Almendra Freitas e de Maria Lídia Camarço de Almendra Freitas. Seu tio-avô, Pedro de Almendra Freitas, foi governador do Piauí de 1951 a 1955. Outro membro de sua família, Jacó Manuel Gayoso e Almendra, também foi governador do estado de 1955 a 1959. Seu primo em segundo grau, Hugo Napoleão do Rego Neto, foi deputado federal pelo Piauí de 1975 a 1983, governador de 1983 a 1986, e 1991 a 1994, senador em 1987, de 1989 a 1992, e de 1995 a 2001, ministro da Educação de 1987 a 1989, e ministro das Comunicações de 1992 a 1994. Heráclito Fortes, seu primo em segundo grau, foi deputado federal pelo Piauí de 1983 a 1987 e de 1995 a 2003, constituinte de 1987 a 1989, prefeito de Teresina de 1989 a 1992 e senador pelo Piauí de 2003 a 2008. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/freitas-neto>. Acesso em: 19 jun. 2020.

ele foi muito honesto e disse: “Chico Alves, o senhor tem certeza que está vendendo esta casa por este preço?”, eu disse claro, “não é que está muito barato, não, não, está feito o negócio”, e assim foi tudo, eu fui ao Freitas Neto que era governador, e falei pra ele da intenção de vender o clube, e desde que eu vim pra cá, eu tinha uma preocupação comigo de um dia ter na região um quartel da polícia, não um posto, mais um quartel mesmo, aí mostrei pra ele que seria o maior quartel da periferia de Teresina, se fosse colocado ali onde é o clube, ele: “Chico Alves faz o seguinte, vai na caixa econômica e manda avaliar, porque o estado só pode comprar, se a caixa avaliar, a caixa é o único órgão que pode fazer isso”, eu fui na caixa e avaliaram em 518 milhões o clube, dinheiro da época, quando eu mostrei pra o Freitas Neto: “tu é doido, o Estado do Piauí não tem condição de comprar isso aqui não Chico, esquece, esquece, esquece”, Coronel Braz era o comandante da polícia, eu fui conversar com ele, ele ficou entusiasmado de colocar o quartel ali, aí eu volto no Freitas Neto, vamos fazer o seguinte, quanto é que você pode me dar nisso aí? “Chico não chega nem perto disso aí”, eu, quanto? “rapaz 100 milhões”, tá fechado!(risos), porque era pra se desfazer mesmo, e assim eu me desfiz de tudo, de tudo, de tudo, fiquei sem nada.¹¹³

Compreende-se que Chico Alves descreve este período destacando sua participação na comunidade, enfatizando um Avivamento,¹¹⁴ que lhe fez converter-se, “sou da Assembleia de Deus, eu sou evangelista”,¹¹⁵ sendo isso, que desencadeou o processo de venda dos seus imóveis, inclusive o Clube Recreativo Chico Alves. Portanto, sua narrativa aponta que existem indivíduos que precisam registrar suas lembranças, invocando principalmente, realizações pessoais, fazendo ligações com objetos concretos, que neste caso, bens materiais, como o clube de Chico Alves, que atualmente é a sede do 8º Batalhão de Polícia Militar do Estado do Piauí, responsável pelo policiamento ostensivo da região, que começou a funcionar:

No dia 30 de março de 1993, a Polícia Militar do Piauí, vendo o potencial de crescimento da região sudeste, instalou uma subunidade: a 3ª Companhia do 5º Batalhão, nas antigas dependências do clube recreativo “Francisco Alves do Itararé”. Essa Companhia Policial Militar foi embrião do atual 8º BPM, patrimônio da população do Grande Dirceu e da Polícia Militar do Piauí. O 8º Batalhão Policial Militar é a Unidade da PMPI instalada no Bairro Parque Flamboyant, zona sudeste de Teresina, inaugurado em 24 de agosto de 1998. De lá pra cá, possui uma trajetória marcada pela busca da integração e participação na vida das comunidades da Região.¹¹⁶

¹¹³ ALVES, op. cit., 2018.

¹¹⁴ Chamado, vocacionado, escolhido pelo Senhor para sua obra. [...] Seja parente de sacerdote, ocupe cargos importantes, tenha uma boa postura, esteja na linhagem de sucessão ao cargo, se não há uma chamada específica, não haverá sucesso no empreendimento. [...] Disponível em: <https://estudos.gospelmais.com.br/avivamento-o-chamamento-divino.html> . Acesso em: 19 jun. 2020.

¹¹⁵ ALVES, op. cit., 2018.

¹¹⁶ PIAUÍ, Portal do Governo do. Disponível em: <http://www.pm.pi.gov.br/8bpm.php>. Acesso em: 19 jun. 2020.

Essa informação do desenvolvimento, e a necessidade de adotá-la de uma melhor infraestrutura, com a instalação deste batalhão policial militar, demonstram a importância adquirida pela região. Vimos que este imóvel mudou de atividade, mas, anteriormente, este espaço notabilizou-se, como um ponto de encontro da comunidade, não sendo o único, existiam outros clubes dançantes, que funcionaram neste período, as danceterias Halley,¹¹⁷ e Voyage,¹¹⁸ destinadas ao público jovem da região. É importante lembrar que, Chico Alves, desempenhava um papel político na comunidade. Essa característica exerce forte influência na sua memória, e enaltece com eloquência a grandiosidade deste espaço, assim descrito em seu relato:

O Clube Recreativo Francisco Chico Alves ultrapassou fronteiras, vinha gente de todo lugar, vinha gente de outros Estados só pra conhecer o clube, fretavam ônibus lá em Corrente do Piauí só pra vim a festa. Porque a multidão era grande... Nós trouxemos muitos cantores e artistas de nome pra cá, que faziam sucesso na época... Nós colocávamos ali, no clube recreativo, onde hoje é quartel, cerca de oito mil pessoas, não podia dançar ali, ficava só se mexendo assim (fazendo o gesto), o pessoal gostava era dessa multidão mesmo.¹¹⁹

Entendemos que este espaço, recebe o que Pierre Nora¹²⁰ nos apresenta como, *lugar de memória*, guardando as lembranças daqueles que frequentaram este clube, e demais moradores, pela movimentação que existia no Conjunto durante realizações de eventos. Vejamos que sua fachada ainda trás elementos daquele período, como veremos na próxima imagem:

¹¹⁷ Localizada na Rua Deputado Milton Brandão, 3229 (atrás do Carvalho Shopping Supermercado). Inaugurada no início da década de 1980, e atualmente no espaço funciona como churrascaria.

¹¹⁸ Localizada na Rua João Carneiro de Almeida, 3451. Inaugurada na segunda metade da década de 1980, e atualmente no espaço funciona o Colégio Pontual.

¹¹⁹ ALVES, op. cit., 2018.

¹²⁰ NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares. In: *Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1981.

Imagem 9 – Foto atual do Oitavo Batalhão da Polícia Militar



Fonte: G1 – o Portal de Notícias da Globo.

Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2019/05/05/suspeito-de-assaltos-e-morto-a-tiros-na-zona-sudeste-de-teresina.ghtml>

Atualmente, este lugar pertence ao Estado, e suas instalações ainda guardam as lembranças de quem participou destas festas. Essa memória dos frequentadores parece conectada, por meio da rememoração de quem percebeu que a dificuldade de viver no Conjunto, não tirava o prazer de aproveitar estes espaços públicos, ou privados, dentro da comunidade.

Esse espaço recreativo influenciou, de certa forma, o modo de agir dentro do Conjunto, e fazia com que o senhor Chico Alves ganhasse popularidade, até mesmo no cenário político de Teresina, visto que, sua atuação deixava evidente que existia uma forte presença do Estado, e, ao lado de sua esposa, Irmani Veloso, que ficaram casados de “1979 a 1988”,¹²¹ construíram uma carreira política, cujo principal aliado, era o reconhecimento por uma parte dos moradores do Dirceu Arcoverde, que lhes outorgavam poderes de decisão na comunidade.

Mas, como em todo local onde existe interesse político, este casal também tinha opositores a sua forma de agir, especialmente, José Anselmo de Oliveira Dias,¹²² ferrenho em sua oposição, fazia com que acontecesse o acirramento político na região, em que o enfrentamento de ambos se tornou frequente, principalmente em períodos eleitorais, sem

¹²¹ ALVES, op. cit., 2018.

¹²² Faleceu em 19/04/2014 em Teresina, vítima de Câncer aos 59 anos. Anselmo Dias (PCdoB) foi vereador de Teresina durante dois mandatos, em 1996 e 2000. Após o duplo mandato, o líder comunitário da zona Sudeste não conseguiu mais ser eleito. Disponível em: <https://www.viagora.com.br/noticias/ex-vereador-de-teresina-anselmo-dias-morre-vitima-de-cancer-52494.html>. Acesso em: 12 mar. 2019.

esquecermos a presença de autoridades do Poder Executivo estadual e federal no Conjunto, reforçando ainda mais essa questão política, como iremos destacar na próxima sessão.

1.3 Agitações: o movimento político no Dirceu Arcoverde

Chico Alves, proprietário do Clube Recreativo que trazia seu próprio nome, notabilizou-se não somente por sua atuação no entretenimento, como descrito anteriormente, mas também na seara política. Foi presidente da *Associação Unida do Itararé*, fundada em 24 de janeiro de 1978,¹²³ com o objetivo de criar mecanismos para reivindicar melhorias para as famílias, como também alavancar sua figura como a principal liderança política nos primeiros anos de ocupação do Conjunto. Ele somente ficou sabendo do Conjunto através do próprio Governador, no caso, Dirceu Mendes Arcoverde:

Um dia eu cheguei lá no gabinete (riso leve), a secretária disse: “o Governador ligou pro senhor”, aí eu liguei, “Chico dá um pulinho aqui no palácio”, aí eu fui, “nós estamos com um problema, nós estamos construindo é 7 mil e poucas casas lá no Itararé, um projeto de favela humanizada”, ou seja, a intenção do projeto aqui era pegar os favelados de Teresina, as pessoas que moravam à margem de ferrovia, à margem do rio, meio de rua, e trazê-los pra cá, quem morasse em casa de palha, casa de adobe, onde tivesse a mínima condição, esse era o projeto aqui inicial era trazer essas, essas pessoas pra cá.¹²⁴

Essa intimidade para tratar deste assunto era motivada pelo perfil político de Francisco Alves, que estava ligado à Aliança Renovadora Nacional (ARENA), e partidário dos governos de Dirceu Arcoverde e Lucídio Portela. Posteriormente, foi o principal articulador junto ao Legislativo Municipal para que houvesse a mudança do nome do Conjunto de Itararé para Dirceu Arcoverde,¹²⁵ após o falecimento deste. Comenta o episódio da alteração:

Quando o Doutor Dirceu Arcoverde foi homenageado duas vezes, as pessoas não sabem disso, quando ele faleceu a COHAB homenageou dando ao conjunto o nome de Dirceu Arcoverde, o presidente da COHAB fez isso, aí o Zé Raimundo Bona Medeiros, que era o Prefeito da época, disse: “Chico Alves, se tiver, se tiver um abaixo-assinado, a gente assina um decreto, denominando toda aquela região, Dirceu Arcoverde, não só o conjunto, mais toda a região”, e eu fiz um abaixo-assinado com quase 8 mil assinaturas, um maço de papel, um maço de papel, os vereadores ficaram revoltados com isso (risos), por causa desse negócio, e eu tinha isso, eu tinha isso, eu tinha a copia desse decreto denominando toda esse região de Dirceu Arcoverde,

¹²³ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017.

¹²⁴ ALVES, op. cit., 2018.

¹²⁵ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017.

certo, pela Prefeitura Municipal de Teresina, ou seja, se fosse obedecida esse decreto, quem mora lá no Renascença, não era um bairro,... Tinha que colocar conjunto Renascença 1, 2 ou 3, bairro Dirceu Arcoverde. Só que não vigora porque as pessoas não têm conhecimento, cada loteamento, cada conjuntinho pequeno, pessoal diz que é um bairro, [...].¹²⁶

A narrativa de Chico Alves nos instigou a buscar informações quanto a esse documento da nomeação, que não mudava somente o nome do Conjunto Itararé, e sim, de toda a região para Conjunto Dirceu Arcoverde, atualmente, zona Sudeste,¹²⁷ porém, não tivemos êxito nesta procura. Verificamos até mesmo o fato de rememorar esta passagem como um atestado de reconhecimento da importância desse conjunto para Teresina.

Se faz importante destacarmos a memória coletiva, alusivo a Halbwachs,¹²⁸ que, formada por lembranças pessoais, porém não se misturam, progredem seguindo suas normas e, em certas ocasiões, as reminiscências a envolvem, e alteram seus aspectos desde o instante de sua substituição dentro da coletividade deixando de ser uma percepção individual. O autor nos instiga a compreender então, a existência de ganhos e feições de todos que compõe esta memória, como um fruto em que todos dão sua contribuição para germinar. Essa reminiscência provoca reações que nos direcionam a eventos importantes, quando o entrevistado descreve um momento político da História do Piauí, a morte do ex-governador Dirceu Mendes Arcoverde, quando exercia a função de Senador, e citando personalidades, como Maria José Ferraz Arcoverde,¹²⁹ Átila Freitas Lira,¹³⁰ e Paulo Salim Maluf,¹³¹ narrando que:

¹²⁶ ALVES, op. cit., 2018.

¹²⁷ De acordo com a nova reorganização do zoneamento da capital do Piauí, realizada pela Prefeitura de Teresina, os Conjuntos Habitacionais Dirceu Arcoverde I e II, que pertenciam a zona leste, deixaram de pertencer àquela zona da cidade conforme o estabelecido na Lei Orgânica de Teresina de 1993. Disponível em: <https://semplan.teresina.pi.gov.br/teresina-em-bairros-1993/>. Acesso em: 12 jun. 2020.

¹²⁸ HALBWACHS, op. cit., 2003.

¹²⁹ Mulher de Dirceu Mendes Arcoverde, ex-primeira-dama do Piauí. Dona Mazé, como era conhecida, exerceu relevante papel na área social quando foi primeira-dama do Estado do Piauí de 1975 a 1978. Ela é mãe do deputado estadual e presidente regional dos Progressistas, Júlio Arcoverde. Faleceu em 17 de junho de 2018, aos 86 anos. Disponível em: <https://www.politicadinamica.com/noticias/politica/mae-de-julio-arcoverde-morre-aos-86-anos1529257972-10971.html>. Acesso em: 11 jun. 2020.

¹³⁰ A convite do então governador Dirceu Arcoverde (1975-1978), assumiu a Secretaria do Trabalho e Ação Social do estado, onde permaneceu até março de 1979. Nesse ano, com a posse do novo governador Lucídio Portela, foi nomeado presidente do Instituto de Assistência Médico-Hospitalar, cargo que exerceu até 1982, quando assumiu a presidência da Fundação Estadual do Trabalho... Casou-se com Maria das Graças Melo e Lira, com quem teve três filhos. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/atila-freitas-lira>. Acesso em: 11 jun. 2020.

¹³¹ Em 1967 foi nomeado presidente da Caixa Econômica Federal, cargo no qual criou inovações como empréstimo para compra da casa própria, recebimento das contas de água, luz, telefone e gás e linhas de poupança com correção monetária... Foi eleito em 1978 pela convenção do colégio eleitoral o 25º governador do Estado de São Paulo... Candidatou-se pelo PDS à Presidente da República, mas foi derrotado no colégio eleitoral por Tancredo Neves em 1984. Venceu as eleições de 1992 para a Prefeitura de São Paulo e teve a

O dia que ele faleceu, ele teve aquele problema lá do AVC, na sexta feira, primeiro discurso que ele iria fazer, eu estava inspecionando uma festa no CSU do Parque Piauí, [...] o secretário era o Àtila [Lira], e ouvi o comentário que, o Dirceu tal e tal, [...], fizeram de tudo para que eu não soubesse o que estava acontecendo, até que abriram o jogo: “não rapaz o Doutor Dirceu estava discursando e teve um AVC na tribuna”, aí eu fiquei louco (choro). Eu me lembro que sai do CSU, e fui lá para o apartamento de Dona Mazé (voz embargada), que era ali na Coelho de Resende, [...] cheguei lá, subi estava num maior alvoroço, e se não me engano, o Maluf ia mandar um avião, e não tinha mais vaga estava lotado, corri pra casa do gerente da VASP, ele disse: “Chico tá lotado!”, eu disse pra ele que tenho que viajar, eu tenho que viajar, eu tenho que chegar lá de qualquer jeito, ele tirou um passageiro para me colocar, e eu fui pro hospital fiquei lá na UTI, não queriam deixar, mais eu fiquei, o irmão, o irmão dele, me fogue o nome daqui, era presidente do IPES, e a Dona Mazé não, “converse com o diretor do hospital, porque o Chico Alves é um filho pra ele, é como se fosse um filho dele”, aí ele foi à única pessoa, eu fiquei lá dentro e de vez enquanto eu vestia aquela roupa, calçava, ao ia lá perto, ficava perto dele e voltava, e passei a semana toda assim (choro), e voltei com o corpo dele (voz embargada), alias, foi eu que levei a roupa pra vestir ele, a Dona Mazé estava lá em cima com os meninos, e eu subi, Dona Mazé precisa de uma roupa pra vestir Doutor Dirceu, e eu me lembro que levei na sacola, cheguei lá embaixo tava ele lá nu, em cima daquela pedra de mármore, eles passando formol essa imagem que tenho dele.¹³²

Vejamos que Chico Alves fazia parte da intimidade da família de Dirceu Arcoverde, pois seu deslocamento para acompanhar de perto a situação em que se encontrava o ex-governador, demonstra seu conhecimento, e proximidade com outras figuras políticas deste período. A reminiscência, segundo Pierre Achard,¹³³ coloca a resistência adquirida com o tempo como essencial e caracterizando sua força ao adquirir componente vivo de uma memória coletiva. Por essa razão, achamos pertinente refletirmos que Chico Alves estaria de fato respaldado por suas amizades no meio político, e assim, fazer valer este reconhecimento diante na comunidade, exercendo múltiplas funções durante este período.

Assim, considerado como o principal palanque das atuações de Chico Alves e Irmani Veloso, o CSU não somente promovia festas e lazer aos habitantes, ele era o local escolhido para o recebimento de alimentos, com a entrega de uma cesta básica do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN), criado através da Lei n. 5.829, de 30 de novembro de

gestão aprovada por 93% da população. Em 2000, perdeu as eleições para Marta Suplicy do PT ao governo de São Paulo... Disponível em: https://www.ebiografia.com/paulo_maluf/. Acesso em: 11 jun. 2020.

¹³² ALVES, op. cit., 2018.

¹³³ ACHARD, Pierre. **Papel da memória.** / Pierre Achard... (et al); Tradução e introdução José Horta Nunes. – Campinas, SP: Pontes, 1999.

1972.¹³⁴ De maneira especial, uma parte da população ficava à mercê desse repasse de alimento, sendo que a gestora dessa política pública era Irmani Veloso.

Nota-se que até mesmo o acesso aos alimentos básicos distribuídos por um Programa vinculado ao Ministério da Saúde, ocorria sob o controle e supervisão do CSU, o que permitia à assistente social do bairro receber os créditos pelas ações, sendo tratada como primordial responsável por esses benefícios. Isso contribuía para fortalecer a vinculação política entre a população e Irmani Veloso e seus aliados políticos [...].¹³⁵

Neste cenário de ações políticas, um momento marcante para ser mencionado foi a inauguração oficial da ampliação do Conjunto designado de Dirceu Arcoverde II, em 17/10/1980, contando com 4.254 casas, e com a participação do Presidente General João Batista Figueiredo (1979-1985), que, na ocasião, aproveitando a presença estimada de 4 mil pessoas,¹³⁶ proferiu um discurso em que destacava as ações de seu governo ao público presente:

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Não desejo mais do que agradecer as generosas palavras que acabo de ouvir do Governador do Estado. Se é verdade, como disse o Ministro Andreazza, como salientou o Ministro Eliseu Resende, de que alguma coisa tem sido feita no meu Governo pelo Estado do Piauí, eu devo reconhecer de sã consciência que ainda foram poucos os recursos alocados para o que o Estado merece.

Confesso a todos os Senhores que a minha intenção de dar mais ênfase ao social está sendo travada pelas dificuldades econômicas que atravessa o País. De um lado decorrente da conjuntura mundial e do outro lado decorrente da nossa precariedade de recursos para fazer face à crise energética e para fazer frente ao pagamento do petróleo importado. Se mais recursos não são destinados à habitação, à saúde, à educação e ao lazer é porque necessito também de recursos ponderáveis para que o ritmo do nosso desenvolvimento não caia a ponto de não poder gerar novos recursos para que eu os possa alocar ao setor social.

Além do mais, de nada me adianta ter a satisfação de ver o trabalhador brasileiro com uma casa condigna apoiada na saúde e com seus filhos na escola, se eu não possibilitar a ele condições de trabalho que lhe possibilite o sustento de sua família. E essas condições de trabalho só existirão se eu

¹³⁴ Através do Decreto n. 72.034, de 30 de março de 1973 instituiu o Programa Nacional de Alimentação e Nutrição (PRONAN), que em seu primeiro artigo deixava clara a finalidade de acelerar a melhoria das condições de alimentação e nutrição da população, e conseqüentemente, contribuir para a elevação de seus padrões de saúde, índices de produtividade e níveis de renda. Disponível em: <https://www.diariodasleis.com.br/legislacao/federal/61818-institui-o-programa-nacional-de-alimentauo-e-nutriuuo-pronan-aprova-o-i-pronan-e-da-outrasprovidencias.html>. Acesso em: 20 mar. 2019.

¹³⁵ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017, p. 198.

¹³⁶ GOVERNO não quer queda da inflação com crise social. **O Dia**, ano XXIX, n. 7382. Teresina, 18 out. 1980, p. 03.

conseguir manter o ritmo de desenvolvimento que até agora temos mantido.¹³⁷

O Presidente João Figueiredo, último general dos governos militares (1964-1985) a ocupar o maior posto do Executivo,¹³⁸ no transcorrer de seu discurso, buscava justificar a falta de investimento no setor social, naquele instante, responsabilizando a conjuntura de crise mundial do petróleo,¹³⁹ ocorrida na década de 1970, e procurando enaltecer as atitudes tomadas para combater este problema no cenário nacional. Em sua fala destaca ainda:

E se é verdade que o combate à inflação que, com enfrentando se esperar, é tanto empenho, eu e o Ministério estamos não tem trazido os resultados que eram de porque determinei que o processo de enfrentamento desse mal, que é a inflação, fosse feito de tal maneira que, de um lado, possibilitasse o desenvolvimento razoável para o País e de outro não trouxesse uma depressão dê tal natureza que houvesse um desemprego ponderável. O esforço sobre-humano que o Governo faz para evitar o desemprego e para gerar novos empregos eu posso confessar que é um dos fatores responsáveis para que a taxa de inflação não caia a uma velocidade bem maior. E nem conviria que essa inflação caísse repentinamente a índices como outros países da América do Sul, à custa de uma crise social, à custa de um desemprego em massa.¹⁴⁰

Mas essa exposição feita nestes trechos de sua fala aos populares e autoridades presentes, demonstrava as dificuldades que viriam, em seguida, para os moradores do Conjunto, pois a carência testemunhada na comunidade moldou o modo de vida dessas pessoas, que, diante dessa tensão social, apontada pelo próprio presidente, deixariam marcas profundas que até hoje são lembradas por estes indivíduos. Conforme Pierre Achard:

Numa cerimônia política [...], com múltiplos jogos que surgem entre a referência, de um lado, a uma memória social já existente (o Panteão, os heróis republicanos) e, do outro lado, à produção de uma nova memória.

¹³⁷ BRASIL. **Conjunto Habitacional «Dirceu Arcoverde II» Teresina-PI**: improvisado ao inaugurar o conjunto habitacional. Biblioteca da Presidência da República. 17 out. 1980. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/expresidentes/jbfigueiredo/discursos/1980/84.pdf/view>. Acesso em: 13 out. 2014.

¹³⁸ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017.

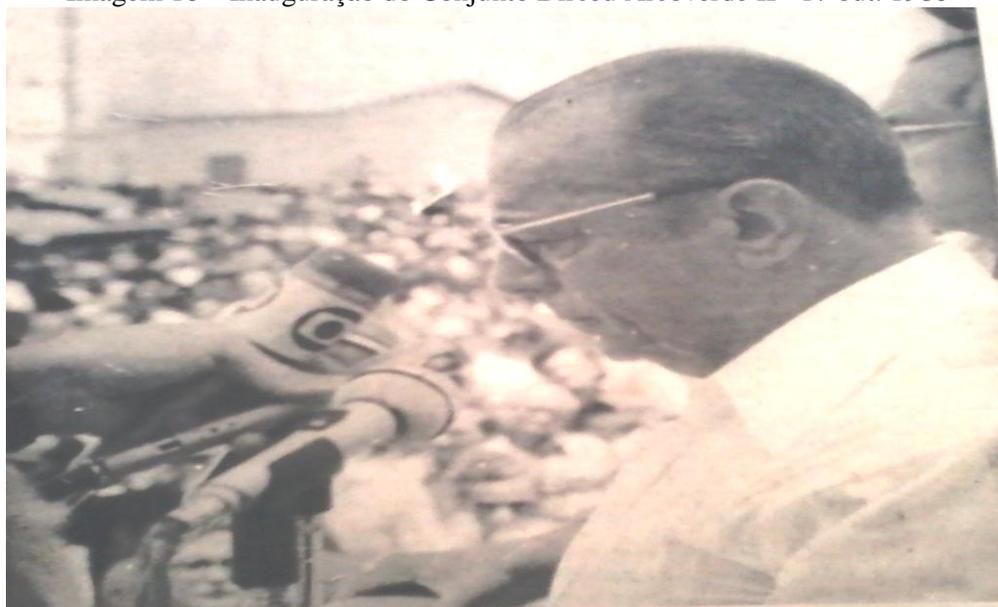
¹³⁹ No dia 16 de outubro de 1973, em plena Guerra do Yom Kippur, os países árabes descobriram um modo menos violento de atingir seus objetivos, com a criação no início dos anos 1960, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), liderada por Arábia Saudita, Irã, Iraque e Kuwait, aumentou o preço do barril de US\$ 3 para US\$ 5. Logo em seguida, os países árabes decretaram boicote aos Estados Unidos e Holanda, aliados de Israel. No começo de novembro, os produtores da região cortaram sua produção em 25% e, na véspera do Natal, a Opep fixou um novo preço para o barril: US\$ 11,60. Era o começo de uma crise que iria provocar recessão de alcance mundial. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/opep-mergulha-mundo-na-crise-do-petroleo-nos-anos-70-causando-recessao-10230571#ixzz5lpTFhhLO>. Acesso em: 22 abr. 2019.

¹⁴⁰ BRASIL, op. cit., 1980.

Pois o registro do “acontecimento” deve constituir memória, quer dizer: abrir a dimensão, entre o passado originário e o futuro, a construir, de uma comemoração.¹⁴¹

Assim, para que possamos entender melhor este significado, as imagens que vêm a seguir mostram um pouco como foi essa cerimônia desta segunda etapa, o Dirceu Arcoverde II.

Imagem 10 – Inauguração do Conjunto Dirceu Arcoverde II - 17 out. 1980



Fonte: GOVERNO não quer queda da inflação com crise social. **O Dia**, 18 out. 1980, p. 03

Vemos, na imagem, a presença da imprensa através dos microfones, significando a importância prestada ao evento e à expressão do Presidente Figueiredo, ao fazer seu discurso com o público formado, em sua maioria, pela forte presença dos moradores da região, especialmente aqueles que iriam adquirir a sonhada casa própria com a inauguração do Conjunto, denotando a ampla representatividade política da comunidade perante a administração pública.¹⁴²

¹⁴¹ ACHARD, op. cit., 1999, p. 24.

¹⁴² SOUSA NETO, Marcelo; BARROS, Elisnauro Araújo. **Os filhos excluídos da cidade generosa: o processo de ocupação do Conjunto Dirceu Arcoverde em Teresina-PI (1976-1980)**. *Revista Escritas*. Vol. 11, n. 2, p. 193-209, 2018.

Imagem 11 – Entrega das casas do Conjunto Dirceu Arcoverde II - 17 out. 1980



Fonte: GOVERNO não quer queda da inflação com crise social. **O Dia**, 18 out. 1980, p. 03

Na imagem anterior, podemos observar o sorriso da moradora que recebe a chave de sua casa das mãos do Presidente João Figueiredo, simbolizando um gesto de alegria por adquirir a casa própria, ou seja, “a imagem é um operador de simbolização”.¹⁴³ Por isso, reiteramos a necessidade de guardar esta passagem da história desses habitantes, já que é uma ocasião que marcou profundamente, e deve ser guardada na memória das pessoas envolvidas.

Há grande significado nestas ocasiões para aqueles que delas participaram; em sua memória, preservam a realização de vida, idealizada antes de adquirirem a casa própria, um objeto que, antes, durante, e até o presente, faz parte dos sonhos de muitos brasileiros. Para Halbwachs, assim como a memória, envolvida continuamente em fatos, não mais tem por base um grupo:¹⁴⁴

O próprio evento que nele esteve envolvido ou que dele teve consequências, que a ele assistiu ou dele recebeu uma descrição ao vivo de atores e espectadores de primeira mão – quando ele se dispersa por alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades que não se interessam mais por esses fatos que lhes são decididamente exteriores, então o único meio de preservar essas lembranças é fixá-los por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem.¹⁴⁵

Em meio a lembranças deste período, é importante destacar o surgimento de críticas a respeito da forma de construção das casas, principalmente pelo material empregado no

¹⁴³ ACHARD, op. cit., 1999, p. 30.

¹⁴⁴ HALBWACHS, op. cit., 2003.

¹⁴⁵ HALBWACHS, op. cit., 2003, p. 101.

erguimento das moradias, pela negligência vista com a falta de aparelhamento, e alto custo das prestações desses imóveis, denunciadas pelo Senador Alberto Silva em 1980,¹⁴⁶ justamente quando se iniciou a referida obra de edificação do Conjunto Dirceu Arcoverde II, a qual teve sua inauguração descrita anteriormente. Cabe ressaltar que, Alberto Silva, fazia oposição ao Governador Lucídio Portela, neste período, quando o acirramento, por meio dos discursos principalmente, se fazia presente na vida política do Piauí.

A posição do Senador Alberto Silva era que essa continuação do “Projeto Conjunto Itararé” em nada beneficiava quem fosse residir, já que foram oferecidas péssimas condições em comparação a outras linhas de crédito do BNH daquele idêntico período.¹⁴⁷ Essas colocações do representante do Senado Federal, demonstravam, que os imóveis seriam inviáveis sob todos os aspectos.

Diferente do Dirceu Arcoverde I, e suas queixas, dos ônibus sucateado que atendeu o Conjunto inicialmente, o Dirceu Arcoverde II, teve a implantação de um sistema de transporte coletivo, contando com investimento em ônibus novos para atender a comunidade. Dessa vez, a operacionalidade ficaria a cargo da Empresa Gomes, do empresário Marijesus Gomes,¹⁴⁸ que foi:

Resultado de convênio firmado BNDE, EBTU, Finame, Prefeitura Municipal, e tendo como órgão repassador o Banco do Estado do Piauí, a Empresa Gomes Ltda, colocou em circulação, oito ônibus novos, num investimento maciço de Cr\$16 milhões (10 % da EBTU, 70 da Finame, e 20% recursos próprios). Os veículos com capacidade para 120 passageiros (entre sentados e em pé), sob a chancela ao empresário Marijesus Gomes a linha Dirceu Arcoverde II. É mais uma atitude do empresariado piauiense em face, a mentalidade modernista da cidade, que a cada dia, passa dá ao visitante, o modelo de uma capital em desenvolvimento e, de par com as outras capitais da região, qualificam seu transporte coletivo como sinal de respeito pela coletividade.¹⁴⁹

Verifica-se que a aquisição destes veículos também foi usada como uma forma de ressaltar o desenvolvimento da cidade, e da importância do financiamento para que isso

¹⁴⁶ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017.

¹⁴⁷ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017.

¹⁴⁸ Atuou em Teresina no sistema de transporte coletivo de 1970, ao início da década de 1980, sendo um dos primeiros a estabelecer uma linha para o conjunto Parque Piauí, e herdou também antigos itinerários como IAPC via Centro, e Três Andares via Centro, com a falência da *Empresa Manoel Ribeiro*. Ainda existe e sua garagem fica no bairro Vermelha, mas não atua mais com coletivos urbanos. Disponível em: <https://teresinaantiga.com/onibus-antigos-de-teresina.htm>. Acesso em: 06 jun. 2020.

¹⁴⁹ EMPRESA Gomes coloca novos ônibus no Arcoverde II. *O Dia*, ano XXIX, n. 7383. Teresina, 19/20 out. 1980, p. 13.

ocorresse, através do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE),¹⁵⁰ Empresa Brasileira de Transporte Urbanos (EBTU),¹⁵¹ Fundo de Financiamento para Aquisição de Máquinas e Equipamentos Industriais (FINAME),¹⁵² e Prefeitura de Teresina. Outro ponto importante a ser destacado, é o fato da aplicação de recursos nesta região carente da cidade. Podemos visualizar estes ônibus na imagem abaixo:

Imagem 12 – Ônibus que iriam fazer linha para o Conjunto Dirceu Arcoverde II



Fonte: EMPRESA Gomes coloca novos ônibus no Arcoverde II. **O Dia**, ano XXIX, n. 7383 Teresina, 19/20 out. 1980, p. 13.

Compreendemos, assim, a ideia de acessibilidade a todos os moradores, inclusive o restante da população da cidade que desejasse se deslocar ao Conjunto, com a utilização de ônibus novos que fariam parte do cotidiano desta segunda etapa.

¹⁵⁰ A Lei nº 1.628, de 20 de junho de 1952, criou o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE). O objetivo da nova autarquia federal era ser o órgão formulador e executor da política nacional de desenvolvimento econômico. O início dos anos 80 foi marcado pela integração das preocupações sociais à política de desenvolvimento. A mudança se refletiu no nome do Banco, que, em 1982, passou a se chamar Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/quem-somos/nossa-historia>. Acesso em: 06 jun. 2020.

¹⁵¹ A Lei nº 6.261, de 14 de novembro de 1975, criou a Empresa Brasileira dos Transportes Urbanos (EBTU), compreendendo o conjunto dos sistemas metropolitanos e sistemas municipais nas demais áreas urbanas no Brasil, vinculados à execução das políticas nacionais dos transportes e do desenvolvimento urbano. Por meio da Lei 8.029/90, a EBTU foi extinta. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1970-1979/1990L6261.htm. Acesso em: 06 jun. 2020.

¹⁵² Criado pelo Decreto nº 55.275, de 22 de dezembro de 1964, com o nome de Fundo de Financiamento para Aquisição de Máquinas e Equipamentos Industriais - FINAME, tinha como finalidade, concorrer para a expansão da sua produção; financiar a importação de máquinas e equipamentos industriais não produzidos no país e financiar e fomentar a exportação de máquinas e equipamentos fabricados no país. Os recursos do fundo eram administrados por uma Junta, cabendo a sua presidência pelo Presidente do BNDE (atual BNDES). Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/banco-nacional-do-desenvolvimento-economico-e-social-bndes>. Acesso em: 06 jun. 2020.

Destacamos, nesse ínterim, o surgimento de um grupo de jovens da Igreja Católica de São Francisco de Assis, conhecida como Juventude Franciscana (JUFRAN),¹⁵³ e dentre seus membros podemos destacar, José Anselmo Oliveira Dias e Humberto Coelho Silva.¹⁵⁴ A presença deste grupo, foi bastante significativo para muitos moradores. Por isso, é interessante destacar o papel do JUFRAN:

O grupo foi responsável pela formação, ou ao menos pelo despertar, de lideranças importantes na história do Conjunto e da cidade que, ao promover a reflexão religiosa de acolhimento, justiça e igualdade entre as pessoas, fomentou também o engajamento político como meio para conquistar a garantia de direitos sociais e políticos.¹⁵⁵

Dentre essas lideranças surgidas neste grupo, é essencial ressaltarmos José Anselmo de Oliveira Dias, que fazia oposição ferrenha aos representantes do Governo do Estado no Conjunto, ou seja, Maria Irmani Veloso e seu marido Francisco Alves. Anselmo Dias, como era conhecido pelos moradores, começou aos poucos a exercer influência principalmente nas questões sociais, ligadas à melhoria das condições de vida, prática que se tornará comum na região.

Tais posições ficaram acirradas, sobretudo, pelas disputas políticas, já que desde o início de sua ocupação o Conjunto possuía um contingente eleitoral respeitável, e isso foi visto na eleição para o Senado Federal em 1978, a qual Alberto Silva ganhou em todas as regiões de Teresina, perdendo somente no Dirceu Arcoverde.¹⁵⁶ Assim, conforme a memória de Francisco Alves:

[...] em Teresina toda era 3 votos pro Alberto e 1 para o Dirceu, aqui nós invertemos, era 3 pro Dirceu e 1 para o Alberto, certo, aí eu fui, peguei uma Kombi aqui, tinha formado uma charanga que acompanhava o Doutor Dirceu essa charanga, e batuque, e tudo, pessoal que gostava de escola de samba, e fomos pra lá, quando ele, quando nós chegamos lá, ele saiu lá e foi me encontrar lá no carro, aí me abraçou, e, e só me faz lembra essa passagem que me deixa muito emocionado, ele entrou abraçado comigo na churrascaria, e tinha formado uma mesa imensa, aí estavam deputados, vereadores, tudo mundo ali, ele chegou bem aqui na cabeceira da mesa (apontando a posição onde estava sentado), pegou na minha assim, e disse, “esse aqui foi o único que acreditou em minha vitória”, (risos) aí em alto e

¹⁵³ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017.

¹⁵⁴ Natural do município de União (PI), Padre da Igreja Católica no Piauí, e ex-suplente de vereador em Teresina pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

¹⁵⁵ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017, p. 188.

¹⁵⁶ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017.

bom som pra todo mundo, olha como é que fico (mostrando o braço esquerdo arrepiado), é uma passagem assim que a gente recorda, [...].¹⁵⁷

Aqui compreendemos o poder que a memória exerce sobre o homem, pois sabemos que somos seres finitos, e, de acordo com Certeau,¹⁵⁸ ao nos depararmos com “O Inominável”, somos levados a sentir, através das palavras, a presença de um ente querido, mesmo que não se tenha algum parentesco, uma vez que se pertencer a uma mesma família, não significa que iremos sentir falta dessa pessoa, tendo em vista que o convívio e a amizade são essenciais para sentirmos a dor da perda. Ao expor seus sentimentos, o entrevistado, deixa transparecer o que aponta Halbwachs,¹⁵⁹ que a morte coloca fim a existência física, não interrompe de modo brusco o fluxo das ideias, como se aplicam no meio daquela pessoa que desaparece, e durante um tempo, retratamos esses indivíduos como se ainda estivessem entre nós. Continuamos:

Misturando à vida cotidiana, imaginamos o que diria e faria em tais ou quais circunstâncias. E no dia seguinte à morte que a atenção dos seus se fixa com mais força sobre sua pessoa. Nesse momento sua imagem está menos definida, transforma-se incessantemente, segundo as diversas partes evocadas de sua vida. Na realidade, a imagem de um desaparecido jamais se imobiliza. À medida que recua no passado, ele muda, porque certos traços se apagam e outras se destacam, conforme o ponto de perspectiva de onde examinamos, ou seja, segundo as novas condições em que nos encontramos quando nos voltamos para ela.¹⁶⁰

Apesar dessa reminiscência, ao voltarmos para os ânimos exaltados pelo cenário político do Conjunto, destacamos uma disputa marcada por vários embates, que chegou mesmo a sair dos discursos ideológicos, partindo para a agressão física. Estamos falando de Chico Alves e Anselmo Dias, que, durante o período de maior efervescência, criou-se um clima de animosidade entre ambos, provocando um conflito que teve como ponto máximo o descontrole de Chico Alves ao tentar agredir fisicamente Anselmo Dias, quando este se encontrava próximo à casa do agressor.

Muitos anos após o fato, Chico Alves, busca se justificar, usando o próprio tempo como remédio:

¹⁵⁷ ALVES, op. cit., 2018.

¹⁵⁸ CERTEAU, op. cit., 1998, p. 294.

¹⁵⁹ HALBWACHS, op. cit., 2003.

¹⁶⁰ HALBWACHS, op. cit., 2003, p. 94.

Um dia eu perdi a cabeça, e depois fui pedir perdão a ele, ele sabe disso, quando ele foi eleito vereador, eu acho que eu fui um dos primeiros a chegar na casa dele para parabenizar e abraçar ele, eu perdi a cabeça um dia,... fofoca do povo, não sei nem se realmente aconteceu, se foi verdade o que contaram, mais eu perdi a cabeça, era muito novo e atarefado, eu vivia assim, parecia que eu estava dopado, mais não era não, era de passar sono (risos), de passar sono [...],foi que aconteceu com ele, se eu pudesse apagar eu apagaria. Eu o apertei assim contra a parede [...]. Depois me tornei muito amigo dele, quando a gente se encontrava.¹⁶¹

Com isso, e nos inspirando em Janaina Amado,¹⁶² podemos dizer que a memória, em particular quando elaborada em narrativa, tem uma proporção simbólica, que a induz ligeiramente a libertar-se, a desprender-se do palpável, para levantar voos próprios. Porém, é indispensável fazermos uma crítica séria, pois a história oral tem por base a análise das fontes, assim como a cobrança prática e metodológica; dessa forma, podemos observar o que realça na narrativa de Chico Alves, quando continua mencionando o incidente envolvendo Anselmo Dias. Percebemos as questões que envolvem particularidades da vida:

Umás fofocas lá com relação à Irmani que já era minha esposa na época, que ele tinha dito isso e isso a respeito dela e tal, aí eu perdi a cabeça. Não sei nem se foi verdade não...o pessoal fofoca muito, e eu imaturo, e... Mas depois quando passou tudo, eu perdi perdão a ele, ele me perdoou.¹⁶³

Isso destaca que o tempo de recordação é decisivamente diverso do tempo existido, uma vez que a dúvida essencial a este último permanece dissolvida no primeiro.¹⁶⁴ Resta apenas fazermos uma colocação diante do fato de que realizar uma entrevista é examiná-la e analisá-la frequentemente.¹⁶⁵ Candau acrescenta:

Explicar os numerosos casos de embelezamento de lembranças desagradáveis que, ao serem lembradas, são aliviadas da angústia e do sentimento de contrariedade provocados pela incerteza da situação vivida durante a qual se teme sempre o pior. A lembrança é [...] algo distinto do acontecimento passado: é uma imagem [...], mas que age sobre o acontecimento [...], não integrando a duração e acrescentando o futuro do passado.¹⁶⁶

¹⁶¹ ALVES, op. cit., 2018.

¹⁶² AMADO, op. cit., 1995.

¹⁶³ ALVES, op. cit., 2018.

¹⁶⁴ CANDAU, op. cit., 2018.

¹⁶⁵ ALBERTI, op. cit., 2007.

¹⁶⁶ CANDAU, op. cit., 2018, p. 66-67.

De certa forma, esse entendimento propicia enxergarmos as representações que podem estar contidas nas lembranças, inclusive de propósito. Mas ao falarmos de Anselmo Dias, que teve grande ascensão quando Alberto Silva voltou a comandar o Executivo estadual, provocando um remanejamento dos cargos públicos na região, causando um desprestígio ao grupo de Irmani Veloso, e conseqüentemente, redução de sua influência,¹⁶⁷ e de Chico Alves. Observou-se que tanto Anselmo Dias quanto Irmani Veloso, tiveram suas vidas relacionadas com:

A trajetória pessoal e política de ambos no Conjunto Dirceu Arcoverde. Isso porque eles se projetaram no cenário político devido ao seu envolvimento pessoal com região. Independente das leituras que possam ser feitas desse envolvimento e de seus desmembramentos, os percursos seguidos por ambos têm a íntima relação com os desafios enfrentados pela população que primeiramente passou a residir nessa região, quando ainda era denominada de Itararé, pois, os dois, enquanto moradores deste bairro, conviveram diretamente com os desafios, embates, e conquistas vivenciadas na formação e no desenvolvimento desse Conjunto Habitacional e dos demais que se formaram em seu entorno [...].¹⁶⁸

Aos poucos a região onde se encontra o Conjunto foi ganhando mais importância com o surgimento de vários conjuntos habitacionais, vilas, loteamentos, enfim, todos os tipos de habitação eram vistos na região. Esse aumento considerável de famílias fez com que esta região de Teresina precisasse ser ouvida pelas entidades governamentais, especialmente na questão de melhorias estruturais. Assim, é salutar mencionar que antes mesmo desse aumento de famílias, surgiu a primeira associação de moradores a Associação Comunidade Unida do Itararé (ACUI),¹⁶⁹ fundada e presidida por Chico Alves em março de 1978, respaldando seu trabalho perante a comunidade em seus primeiros anos de existência.

Nós criamos essa associação, inclusive na carteirinha, no verso, constava todos os documentos da pessoa, a identidade dele, o CPF, tudo constava lá pra que ele através daquela carteira tivesse tudo na mão. Mas no fim, não foi pra frente, porque as pessoas não tinham essa mentalidade, sabe?¹⁷⁰

Somente alguns anos depois surgiu a Associação de Moradores do Itararé (AMI),¹⁷¹ fundada em 07 de junho de 1985, tendo como um dos idealizadores Anselmo Dias, que

¹⁶⁷ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017.

¹⁶⁸ FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017, p. 204.

¹⁶⁹ BARROS, op. cit., 2012.

¹⁷⁰ ALVES, op. cit., 2018.

¹⁷¹ Associação privada de Teresina-PI, fundada em 07 de junho de 1985. Sua principal atividade é a defesa de direitos sociais da população dos Conjuntos Dirceu Arcoverde I e II, atualmente zona sudeste da capital.

buscou uma forma legítima de reivindicar melhorias para a região com a representação forte que já nascia com esta entidade. E neste ponto de seu prestígio na comunidade, vejamos mais uma de suas lembranças:

Foi fundada a AMI (Associação de Moradores do Itararé), juntamente com o incentivo do Anselmo Dias, ele foi, o Anselmo Dias em termos assim, a gente teve representação política do Chico Alves e da Irmani Veloso, tinha, eles representavam muito bem, só que o Anselmo tinha uma visão mais avançada, uma visão mais organizada, o Anselmo era uma pessoa de ir a luta, de brigar por aquilo, e ele lutou pela AMI, então, pra mim o Anselmo foi o fundador da AMI, aí depois foram surgindo outras associações que não foram pra frente, mas a AMI foi a primeira, tanto que ela tinha uma representação tão grande, que ela serviu de certa forma [...] de exemplo para outros bairros criar associações, então a Associação do Dirceu a AMI, ela era um exemplo.¹⁷²

A reputação de Anselmo Dias crescia na região, culminando como já foi exposto anteriormente, com sua eleição por duas vezes consecutivas, ao Legislativo municipal, exercendo o cargo de vereador entre 1997 a 2004, período em que seus antigos adversários políticos, perderam relevância na política partidária da cidade. Assim, como Dirceu Arcoverde, Anselmo Dias ficou na memória coletiva¹⁷³ do Conjunto, e foi imortalizado para o restante da cidade através da Inauguração em 07/09/2016, da ponte que leva seu nome, isto é, Ponte Anselmo Dias,¹⁷⁴ interligando as zonas Sudeste e Sul de Teresina. Portanto, segundo Candau,¹⁷⁵ a colocação de um nome próprio ou mesmo de forma genérica no indivíduo, ou coletividade, é uma forma de domínio social do que é distinto do ser, e de sua existência como sujeito ou sociedade. Dessa forma, objetiva-se não controlar e reduzir do que é distinto, porém, em algumas situações, refazê-las. Nossa existência é outorgada pela existência de outros, e isso, vale até mesmo no campo político, como no caso do Dirceu Arcoverde.

Novamente, ao voltarmos à questão política, aconteceram episódios com outros moradores do Conjunto, contando com a presença de Chico Alves e Irmani Veloso, narrados

Disponível em: <https://www.econodata.com.br/lista.empresas/PIAUI/TERESINA/A./07695521000150-ASSOCIACAO-DOS-MORADORES-DO-BAIRRO-ITARARE-AMI>. Acesso em: 18 mai. 2019.

¹⁷² SOUSA, M. op. cit., 2018.

¹⁷³ HALBWACHS, op. cit., 2003.

¹⁷⁴ Após dois anos de obras e R\$ 72 milhões investidos, foi inaugurada, na noite desta quarta-feira (7), a ponte Anselmo Dias, nova ligação entre as zonas Sudeste e e Sul de Teresina (PI). O tráfego de veículos será liberado na manhã desta quinta-feira (8). O nome homenageia o ex-vereador e ex-presidente da Associação dos Moradores do Itararé, Anselmo Dias (PCdoB), que faleceu em maio de 2014. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/229181/ponte-anselmo-dias-e-inaugurada-e-transito-sera-liberado-nesta-quinta-feira-8>. Acesso em: 12 jun. 2019.

¹⁷⁵ CANDAU, op. cit., 2018.

pela senhora Maria de Fátima de Jesus,¹⁷⁶ de cinquenta e dois anos, que chegou com sua família em 1977 no Conjunto, um fato envolvendo seu pai, Antônio José da Silva, servidor público responsável por três Unidades Escolares, Professora Júlia Nunes Alves, Professora Maria do Carmo Reverdoza da Cruz, e Professor Odylo de Brito Ramos, que chegou a ficar detido na ocasião, mencionando:

O papai sempre foi contra a política, ele não aceitava nem boca de urna aqui perto, nunca aceitou. Ah, o clima entre pai e o pessoal era forte, porque meu pai sempre trabalhou na secretaria de educação, aí eles queriam fazer moinho lá dentro do colégio, o meu pai não aceitava, porque ele era o responsável pelos os três colégios aqui da secretaria de educação, então onde ouvia o Chico Alves e a Irmani, se manifestando para poder fazer campanha contra alguém dentro da escola, ele comunicava a secretaria de educação e a polícia, por isso que o pessoal, e os políticos eram todos revoltados como meu pai, que ele não aceitava boca de urna e nem conflito dentro das escolas. [...], eles ainda tentarão pegar meu pai [...], deram uma surra nele, como a polícia já sabia do caso da rixa que eles tinha lá com o papai, aí foram, como papai já tinha o advogado dele que era o Ezequiel Miranda Dias, era o doutor Ezequiel, ele ajeitou, tentou, tirou o habeas corpus para meu pai, aí jogou o processo em cima do Chico Alves e da Irmani Veloso.¹⁷⁷

Quando presenciamos uma entrevistada descrevendo episódio como este, vemos os embates presente na comunidade, onde o grupo liderado por Chico Alves e Irmani Veloso, chegava a gerar conflito pela questão política, fazendo com que nossa entrevistada lembra-se desse evento pelo fato da agressão física sofrida por seu pai. Por isso, é preciso ter cuidado, conforme Candau,¹⁷⁸ com a intensa comoção instigada por um fato individualmente apavorante que pode mesmo acarretar à perda temporária, uma repreensão total da recordação. Neste caso, a recordação ficou preservada contribuindo para nosso trabalho.

Essas posições políticas demonstraram que, desde cedo, o Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde cresceu moldado pelos milhares de indivíduos que aqui chegaram, sendo necessário apontarmos que a mulher, mãe, dona de casa, e trabalhadora, constituíram figuras que exerceram papéis fundamentais na fixação de famílias na região, e hoje, podem contar essa história. Citamos, por exemplo, a senhora Gregória do Espírito Santos Bandeira,¹⁷⁹ de setenta e três anos, que relembra, “nós moramos na Tabuleta, Bairro São Pedro, Pirajá e São

¹⁷⁶ Natural da cidade de Monsenhor Hipólito (PI), filha de Antônio José da Silva, e Maria Matilde da Silva, sétima de doze irmãos, e mãe de dois filhos.

¹⁷⁷ JESUS, Maria de Fátima. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência do entrevistado. Teresina, 28 maio 2018.

¹⁷⁸ CANDAU, op. cit., 2018.

¹⁷⁹ Natural de Regeneração, casada com José Silva Santos, mãe de trezes filhos, que veio morar em Teresina em 1973.

Cristovão [...]”,¹⁸⁰ durante um período de quatro anos até sua vinda em definitivo para morar no Conjunto, em dezembro de 1977, após uma breve visita a outro conjunto, o Bela Vista, vindo em seguida com sua família, em razão de seu marido trabalhar na Água e Esgotos do Piauí S/A (AGESPISA), e as empresas públicas, “faziam aquelas inscrição dos funcionários, entendeu? Ele fez a inscrição lá, para o Bela Vista, chegou lá, e não gostou da casa, aí mudaram aqui para o Dirceu”.¹⁸¹

A trajetória de vida de mulheres, como a senhora Gregória do Espírito Santo, e seu protagonismo no Conjunto, será trabalhado no capítulo seguinte, buscando mostrar a influência decisiva do ser feminino na ocupação do Dirceu Arcoverde, e as formas de atuação para que suas famílias permanecessem na região com tantas dificuldades, onde até mesmo suas experiências de vida podem ter influenciado tal permanência, pois algumas desde a infância já trabalhavam para ajudar no sustento dos pais e irmãos.

Essas experiências de vida, juntamente com os demais fatores, seja positivo, ou negativo, foram decisivas para que o Conjunto pudesse seguir a trajetória histórica respaldada pela obstinação de seus moradores, com a participação de lideranças da comunidade, onde a memória plantou suas raízes, e fizeram germinar o desejo de prosperidade entre esses indivíduos, cabendo ao lazer e diversão, papéis importantes para sua fixação na região.

¹⁸⁰ BANDEIRA, Gregória do Espírito Santos. **Entrevista** concedida à Elisnauro Araújo Barros, na residência da entrevistada. Teresina, 4 ago. 2018.

¹⁸¹ BANDEIRA, op. cit., 2018.

2 AS TUAS FILHAS NÃO FOGEM A LUTA: OS MÚLTIPLOS PAPÉIS DESEMPENHADOS PELAS MULHERES NO DIRCEU ARCOVERDE

O papel desempenhado pela mulher ganha cada vez mais destaque na sociedade, por ser um reflexo das lutas iniciadas ainda no século XIX, pelo direito à educação, que seguiram fortemente no século seguinte com a conquista do sufrágio universal, buscando o reconhecimento de sua importância diante de um quadro social que lhe era desfavorável, uma independência forjada através de suas lutas diárias.

Mulheres que hoje defendem a equiparação do mesmo direito de trabalho que os homens, onde não aconteça uma diferenciação de salários, fazendo com que novas pesquisas surjam para discutir sua importância na sociedade, e campo historiográfico, procurando distanciar-se da ideia que, o nascimento de uma criança do sexo feminino, era menos glorioso do que uma do sexo masculino, causado pela diferenciação de suas qualidades, em que o menino seria aquele mais desejado pela família, do que a menina.¹ Desta forma, ambos já nasciam com essa separação e supremacia do homem sobre a mulher, isso nos provocou o desejo de discutir, sobre a importância do papel feminino para a formação do Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde em Teresina, quando compreendemos a existência de uma pluralidade social, em que todos contribuem para a formação de uma comunidade.

Precisamos destacar que, para atingir nosso objetivo, foi importante utilizarmos neste capítulo a metodologia da história oral, que versa no registro de entrevistas de natureza histórica e documental com sujeitos e/ou espectadores de fatos, momentos, agitações, estabelecimentos e maneiras da história de vida na contemporaneidade,² de quem participou dos eventos de interesse do historiador, em que:

Um de seus principais alicerces é a narrativa. Um acontecimento ou uma situação vivida pelo entrevistado não pode ser transmitido a outrem sem que seja narrado. Isso significa que ele constitui (no sentido de tornar-se algo) no momento mesmo da entrevista. Ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, relacionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido.³

¹ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Michelle Perrot. 2. ed. 6. reimp. Tradução Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2019.

² ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

³ ALBERTI, op. cit., 2010, p. 77.

Cabemos observar que, ao contrário do conhecimento das informações históricas, as fontes orais não são descobertas, todavia provocam sua existência pelo historiador,⁴ no seu trabalho de campo, onde deve se ater aos indivíduos que lhe possam prestar esclarecimento a respeito de um tema, usando a entrevista para este fim. Por isso, vamos discutir, neste capítulo, a importância das moradoras na fixação das famílias no Conjunto Dirceu Arcoverde, expondo como era a sua visão sobre o modo de vida neste ambiente em seus primeiros anos. Logo, é fundamental sabermos que as fontes orais devem ser entendidas dentro da expectativa em que vive, desta forma, a história oral relata o reconhecimento ao espaço e a definição do acontecimento dentro da história de seus narradores,⁵ uma ferramenta essencial para compreendermos estes residentes.

Esses elementos supracitados são indispensáveis para que possamos adentrar, de forma harmônica, pela construção desse tema, sendo a mulher o ator principal dessa abordagem ao buscarmos o direcionamento de sua atuação, fazendo com que fosse a senhora do seu destino, ancorado pelo sonho de ter uma casa própria, forjando na sua memória o atributo de guardar dados adequados⁶ para que possamos compreendê-la.

Assim, Halbwachs⁷ ressalta que, a história vivida se diferencia da história escrita, ela possui o necessário para edificar uma visão viva e espontânea, acima da qual podemos fundamentar uma ideia para preservar e redescobrir a representação do seu passado. Dentro dessas perspectivas, iremos discutir os caminhos percorridos por estas mães, esposas, donas de casa, trabalhadoras e moradoras, que resistiram às dificuldades para consolidar seu espaço dentro da história do Conjunto, nos fornecendo instrumentos para utilizarmos a história oral:

Precisamente na medida em que se constitui num encontro com sujeitos da história, pode contribuir para reformular o eterno problema de pertinência social da história e também o do lugar e do papel do historiador na cidade: por isso mesmo ela pode representar para a história, como disciplina, uma chance que não se deve subestimar.⁸

Ressalta-se que procuramos explorar, neste capítulo, a contribuição significativa das ações desempenhadas pelo segmento feminino. Além disso, ao tratarmos diretamente com

⁴ PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

⁵ PORTELLI, op. cit., 2016, p. 12.

⁶ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed., rev., [Tradução: Bernardo Leitão]. Campinas, SP: Unicamp, 2013.

⁷ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Maurice Halbwachs. [Tradução de Beatriz Sidou]. São Paulo: Centauro, 2003.

⁸ FRANÇOIS, Etienne. **A fecundidade da história oral**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. 6. ed., Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 10.

sujeitos que estão intimamente ligados à história do conjunto, é essencial recorrer à memória por compreendermos que ela é uma construção do passado, com o auxílio de informações adquiridas, e transferidas ao presente, distribuídas por diferentes reconstituições, realizadas em períodos prévios.⁹

2.1 Senhoras de recordações: moradoras e suas experiências de vida

Ao tratarmos de assuntos pertinentes a nossa memória, somos instigados geralmente a selecionar essas lembranças, como uma forma de identidade, conforme Kathryn Woodward,¹⁰ podendo ter uma relação marcada por meio de representação, e pela diferença que cada indivíduo possui. Portanto, essa forma de distinção que possuímos ecoa na memória. Halbwachs, afirma que o surgimento de recordações, provoca uma sensação de que:

Somos remetidos ao contato direto com algumas de nossas antigas impressões, por definição, a lembrança se distinguiria dessas ideias mais ou menos precisas que a nossa reflexão, auxiliada por narrativas, testemunhos e confidências dos outros, nos permite fazer de como teria sido o nosso passado.¹¹

Por isso, gostaríamos de expor as virtudes dessas mulheres com seu modo de ver, de adaptar-se e contar suas histórias. Pierre Nora¹² vem reforçando que, ao passarmos da memória para a história, estamos obrigados a uma redefinição de identidade para revigorar a nossa própria história. A necessidade de memória faz com que sejamos historiadores de nós mesmos; ou seja, contarmos fatos que realmente fazem parte de nossa trajetória de vida, guardados por vezes em narrativas íntimas.

Deste modo, ao provocarmos as memórias de nossos entrevistados, podemos compreender relatos como, a senhora Gregória do Espírito Santos, que morava de aluguel no bairro São Cristovão, chegando para residir no Dirceu Arcoverde, em dezembro de 1977, lembrando que, ao receber a casa, pensou primeiramente em um amigo de sua família, cedendo durante alguns meses o imóvel para esta pessoa que vinha da zona rural de Teresina,

⁹ HALBWACHS, op. cit., 2003, p. 91.

¹⁰ WOODWARD, Kathryn. **Identificação e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais./ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

¹¹ HALBWACHS, op. cit., 2003, p. 91.

¹² NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares. In: *Projeto História* - Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1981.

do Povoado São Felix, abrindo mão junto com sua família de residir durante os três primeiros meses do Conjunto.

Botamos um compadre meu para morar aqui, porque ele não tinha casa, ele morava no São Felix, ele não tinha casa, botamos ele aqui e pagávamos o aluguel de lá, e a casa daqui para ele morar, depois ele arranhou uma casa [...], O Coronel Jofre, arrumou uma casa pra ele, aí ele foi pra casa dele, e a gente veio [...] para nossa.¹³

Vemos que essa intervenção do Coronel Jofre do Rego Castelo Branco,¹⁴ marcou significativamente a memória da entrevistada, colocando em sua narrativa o fato de que o “Coronel Jofre era um político, ele não morava aqui, mas tinha casa. [...] era a Irmani Veloso do lado, e ele do outro, era a Irmani e o Chico Alves com uma política, e o Coronel Jofre com outra, de esquina”,¹⁵ isto é, eram opositores políticos.

Mesmo não residindo no Conjunto, Coronel Jofre, segundo as palavras da senhora Gregória do Espírito Santos, gozava de prestígio político, demonstrado por meio da obtenção da casa para este aparentado, fazendo com que surgisse uma nostalgia ao relembrar o fato. Desta forma, ao presenciar os relatos dos entrevistados, é preciso esclarecer que, a descrição do nosso cotidiano sempre vem seguida de certa saudade, mesclando emoções de arrependimento ou de bem-estar, que terminam assinalando o significado da narração.¹⁶

Concluimos que, ao trabalharmos fontes orais individualmente, estamos fugindo de uma visão que vem de cima, ou seja, daqueles grupos que geralmente buscam moldar os comportamentos e o modo de vida da sociedade, formados por pessoas de grande poder econômico, que trazem para si a responsabilidade de serem os donos da memória, e do esquecimento, quando falamos da memória institucional, e sendo essa forma utilizada para que possam dominar os demais grupos, quando esquecer, e ficar calado, atende suas necessidades, demonstrando assim, as estruturas usadas para manipular a memória coletiva.¹⁷ Por esse motivo, precisamos trabalhar essa memória, e nossa identidade, que conforme Tomaz Tadeu da Silva:

¹³ BANDEIRA, Gregória do Espírito Santos. **Entrevista** concedida à Elisnauro Araújo Barros, na residência da entrevistada. Teresina, 4 ago. 2018.

¹⁴ Prefeito de Teresina, administrando a cidade entre 1967 e 1969, quando foi substituído pelo Deputado Estadual Bona Medeiros. Após deixar o Palácio da Cidade, foi eleito vereador de Teresina (ARENA) em 1970, 1972 e 1976, e nomeado presidente da Câmara Municipal nos biênios de 1973/1975 e 1977/1979. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jofre_do_Rego_Castelo_Branco. Acesso em: 1 jun. 2019.

¹⁵ BANDEIRA, op. cit., 2018.

¹⁶ ALBERTI, op. cit., 2010.

¹⁷ LE GOFF, op. cit., 2013, p. 390.

A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente.¹⁸

Identidade necessária, inclusive, para entendermos, como chegamos ao ponto atual de nossas vidas, e componente essencial dentro de uma comunidade. Nota-se, assim, que somos fruto de nossas experiências de vida, mesmo boas ou ruins, e o aprendizado, é fundamental para percebemos a narrativa da senhora Gregória do Espírito Santos, ao destacar que, sobre o Conjunto, e o quadro de pobreza, visto desde seus primeiros tempos, “aqui tinha precisão, aqui a comida era piaba, nunca mais passou piaba (risos)”.¹⁹ Apesar de contar isso de forma descontraída, ao mesmo tempo revela que este peixe, usado como alimento, era o mais barato para atender a maioria das famílias.

Com base nos relatos, podemos dizer que não existe “o sexo frágil”,²⁰ pelo contrário, essa forma de designar a mulher não surtiu efeito no Dirceu Arcoverde, haja vista que coube a ela um dos papéis centrais no processo de ocupação urbanístico deste lugar, através da sua perspicácia em perceber a oportunidade de se estabelecer numa casa própria, deixando transparecer sua “ação batalhadora” por uma vida digna para sua família, buscando até mesmo uma identificação para o espaço que desejava se estabelecer, cabendo a sua memória individual, registrar, refrear, eliminar, a recordar, evidenciando o efeito legítimo de um serviço de estruturação,²¹ prosseguindo o que sugere Michel Pollak:

Em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.²²

¹⁸ SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/** Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 74.

¹⁹ BANDEIRA, op. cit., 2018.

²⁰ Segundo, Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”. BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, [1949], 2019, p. 09.

²¹ POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. *Estudos históricos*. Vol. 5, n.10, Rio de Janeiro, 1992.

²² POLLAK, op. cit., 1992, p. 204.

Podemos ligar esta percepção às moradoras quando tecem as formas de sobrevivências de suas famílias, mesmo antes de vir morar no Conjunto. Assim, as recordações deste período podem ser vista através da senhora Maria de Fátima de Jesus, lembrando a sua vinda para Teresina com sua família aos seis anos de idade:

O papai morava no interior, era magarefe, as coisas foram ficando fracas para sustentar doze filhos, e só de roça não dava, aí ele veio para Teresina em busca de benefícios, e melhorar de vida para os filhos, principalmente a escola, o estudo que lá não tinha.²³

Consequentemente, essas dificuldades fizeram seu pai levar toda a família para viver em Teresina, no tempo em que a cidade recebia grande contingente de indivíduos, retirantes da zona rural de vários municípios piauienses e áreas circunvizinhas, fugindo da estiagem que castigava o sertanejo nordestino,²⁴ com destino à capital do Piauí. Por isso as fontes orais ganham importância e fascinação, quanto à forma de não recordarem passivos os acontecimentos, contudo organizam a partir deles e produzem significação por meio dos afazeres de reminiscência e da seleção do vocabulário.²⁵ A escolha das palavras utilizadas pode ser percebida quando a senhora Maria de Fátima, conta sobre o porquê de vir morar no Dirceu Arcoverde, e sua primeira impressão do conjunto.

Nós morávamos de casa alugada, e nessa casa alugada a casa pegou fogo, aí nós perdemos tudo que foi de material da casa, aí meu pai ficou desesperado, e como já tinha feito a inscrição aqui pela COHAB, antiga COHAB, aí ele foi lá e pediu urgência, aí a diretora cedeu a casa pra gente, antes mesmo da inauguração do conjunto, a doutora Iêda. [...], o primeiro impacto é que é tudo igual, a gente chegou sem saber onde entrar, qual era a casa, qual era a certa, porque era tudo pequenininha, sem muro, sem ruas feitas, calçamento não tinha nada, não tinha nada separando uma casinha da outra, então foi a primeira impressão que ficou, fiquei admirada porque parecia umas casinhas de boneca, tudo pequenininha bonitinha, uma ao lado da outra.²⁶

Quando somos sujeitos atuantes, independente de nossa classe social, entendemos que a descrição senhora Maria de Fátima, possuem um significado inerente à difícil situação vivenciada por sua família, já que, vir residir em Teresina não era garantia de possuir uma casa, emprego, nem atendimento as necessidades básicas. Portanto, os conjuntos habitacionais

²³ JESUS, Maria de Fátima. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência do entrevistado. Teresina, 28 maio 2018.

²⁴ BACELAR, Olavo Ivanhoé de Brito. **Fluxos migratórios e crescimento urbano piauiense**. *Carta CEPRO*. Teresina. vol. 6, n. 1, p. 25, jan./jun. 1980.

²⁵ PORTELLI, op. cit., 2016, p. 16.

²⁶ JESUS, op. cit., 2018.

poderiam suprir essa necessidade tão almejada. Lembramos que a cidade neste período, através da administração pública, promovia um discurso de progresso com o embelezamento dos seus espaços públicos, reiteradamente visto nos periódicos locais, como *O Estado*:

Antigo refugio de desocupados, prostitutas, e até marginais, a praça Marechal Deodoro é, hoje, um dos mais bonitos e aprazíveis recantos da cidade, lugar ideal para o teresinense passar suas horas de lazer. A Praça já concluída vai constituir, juntamente com o Hotel Piauí, um belo conjunto urbanístico, talvez o mais atraente de Teresina.²⁷

A descrição demonstrava que a proposta do embelezamento, seria para atender principalmente, a população da cidade, pois os moradores necessitavam de um local, no centro, para um lazer que fosse aprazível, justificando assim, a reforma deste espaço.

Por isso, ao voltarmos a senhora Maria de Fátima, percebemos que nosso entendimento do passado é a assimilação fervorosa de sabermos que não somos pertencentes,²⁸ e que hoje somos apenas frutos dessas lembranças, em que as recordações fazem parte de nossa construção como indivíduos. Portanto, o campo aberto para fazermos uma descrição de nossas experiências de vida tem como maior significado evitarmos que se repitam coisas ruins e que se perpetuem as boas, mesmo sabendo que se trata de uma tarefa que foge ao nosso controle. Somos sujeitos do cotidiano e, como tal, estamos sob a influência de tudo o que acontece em nossa volta. E quando nos deparamos com situações das quais somos obrigados pela circunstância a não escolher, como, por exemplo, não termos onde morar, e mesmo que exista esse lugar sem qualquer tipo de assistência do tipo, água encanada, calçamento, transporte etc., apesar disso, persistimos em residir, como foi o caso do Conjunto Dirceu Arcoverde, onde:

Nota-se, então, que continuar residindo no Conjunto não era fácil. Representava o resultado da necessidade de moradia, associada à baixa renda e à ausência de perspectivas melhores, além do desejo de integrar a cidade pela via da residência regular, proporcionada pela casa legalizada.²⁹

Trata-se, de um cenário que fica gravado na memória das pessoas, que passaram por esta situação ao chegar ao Conjunto, pela estrutura das casas, que eram pequenas em relação à quantidade de pessoas que iriam habitar aquele espaço, por não atender as grandes famílias,

²⁷ PRAÇA e hotel vão ser inaugurados em 15 dias. **O Estado**, ano IV, n. 146. Teresina, 27 jan. 1973, p. 01.

²⁸ NORA, op. cit., 1981, p. 20.

²⁹ FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva; SOUSA NETO, Marcelo de. **Nasce um bairro, renasce a esperança: história e memória de moradores do Conjunto Dirceu Arcoverde**. Teresina: EDUFPI, 2017, p. 177.

constituindo empecilho para esses habitantes que se viam diante de grande problema, e tinham como única opção enfrentar a realidade que se lhes apresentava.

Portanto, com esta situação ruim enfrentada, a senhora Maria de Fátima, reitera o fato, “porque uma família grande que vinha com dez pessoas, não... doze, porque tinham duas primas que sempre moraram com a gente, uma casa com doze pessoas, com dois cômodos, e só dois cômodos, e um banheirinho, aí ficou muito apertado”.³⁰ Com tal lembrança, entendemos que a presença de sua família nessas condições deixou marcas na sua memória; pois nossa capacidade de guardar fatos tem como um dos elementos principais a família, que, neste caso, vivia na casa modelo tipo “B”, e novamente reforça a incompatibilidade do tamanho da casa com o número de pessoas.

Percebemos que a disposição da reminiscência, demonstra que, existem aspectos influenciadores da memória.

A memória humana é sempre conflitiva, dividida entre o lado sombrio e outro ensolarado: é feita de adesões e rejeições, consentimentos e negações, aberturas e fechamentos, aceitações e renúncias, luz e sombra ou, dito mais simplesmente, de lembranças e esquecimentos. A lembrança, tal como ela se dispõe na totalização existencial verbalizada, faz-nos ver que a memória é também uma arte da narração que envolve a identidade do sujeito [...].³¹

Compreendemos, portanto, a memória é revigorada a cada instante, lembramos o passado em busca de momentos que marcaram nossas vidas, agradáveis ou não; independente desse fator, temos a necessidade de saber como essas lembranças nos influenciaram, e como atuam em nós sujeitos da contemporaneidade. Assim, a senhora Maria de Fátima, veio residir com sua família no Conjunto, na quadra 91, casa 03, relembra que, “existia só a área verde mesmo; com a continuação é que foram [...] botando as estacas, e fazendo a terraplanagem para fazer o CSU, mas antigamente era só área verde, e muito mato, e cercado”.³² Reviver este passado traz elementos essenciais para a entrevistada, pois:

[...] os trabalhadores [...], nenhum morava aqui no bairro, e era uma construtora de fora que vinha. Eles traziam as quentinhas deles, e esse morador tinha uma casa que servia como de recolhimento pra eles, de abrigo, eles faziam a própria comida lá nessa casinha, e muito deles comia

³⁰ JESUS, op. cit., 2018.

³¹ CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. 1. ed. 4. reimp. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018, p. 72.

³² JESUS, op. cit., 2018.

aqui em casa, comia na casa da vizinha, que era a casa do Seu Celso, de antigamente, que era gente também muito boa, cedia água e alimentação.³³

A água, tão essencial à vida, também foi primordial para muitas mulheres no exercício de seu ofício do lar, quer fosse para preparar os alimentos, limpar a casa, ou mesmo profissional; algumas ainda trabalhavam como lavadeiras de roupas, e, na falta deste líquido, chegavam a se deslocar para os rios Parnaíba e Poti, como o único meio de cumprir com sua tarefa de lavar as roupas.

Quanto às moradoras que iremos tratar, entre outras coisas, antes, e depois, de sua vinda para esta comunidade, exerceram atividades que vão desde lavadeiras de roupas, nos Rios Poti e Parnaíba, a cobradoras de ônibus, e quebradeiras de coco, as quais, em suas múltiplas funções, de alguma forma, contribuíram, para dar prosseguimento as suas vidas no Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde.

Apresentamos a narrativa da senhora Maria da Conceição Santos e Silva,³⁴ de setenta e nove anos, que chegou para residir no Dirceu Arcoverde, com seu marido e filha, em março de 1978; fixou sua moradia em frente ao que seria posteriormente o Centro Social Urbano (CSU), “tudo aqui era debaixo de arame, aqui o Centro Social, não tinha”.³⁵ A moradora, antes de vir morar no Conjunto, residia em Timon (MA).

Passava o dia todinho com minha mãezinha que me criou, nos matos, nos interior, onde eu morava era um interior brabo, brabo, brabo, [...] passava o dia todinho sentada quebrando coco, às vezes eu quebrava, naquele tempo a gente chamava era prato, não era quilo, às vezes eu quebrava [...] dois pratos, aí vendia pra comprar aquele alimentozinho, às vezes quando nós não íamos quebrar, nós se largava no mundo cutucando coco, ajuntando, fazendo aquele monte, aí depois com dois dias, três, a gente ia se reunir para quebrar, aí botava quebradeira, pra ajudar a quebrar aqueles cocos, machado, côfinho ali, quebrando e jogando ali dentro, às vezes quando eu chegava, agora faz como o dizer, bucho cheio não, bucho lá dentro, fome, às vezes a gente ia cuidar de um bagulho pra comer, [...] minha vida foi sofrida.³⁶

Podem ser vistos, nesta narrativa, componentes que nos levam a perceber que este período de sua vida foi de grande dificuldade de sobrevivência, pelo fato de morar distante da cidade, praticando atividades de subsistência, buscando formas para que pudesse escapar da

³³ JESUS, op. cit., 2018.

³⁴ Natural na zona rural de Timon (MA), filha de Maria Francisca da Conceição e Martin André Ferreira do Nascimento, casada com Manoel Santos e Silva, mãe de uma filha.

³⁵ SILVA, Maria da Conceição Santos e. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência do entrevistado. Teresina, 6 abr. 2019.

³⁶ SILVA, M. op. cit., 2019.

fome, trabalhando como quebradeira de coco “desde criança até eu me casar”.³⁷ Por isso, a ação de lembrar um determinado evento ou qualquer informação modifica de indivíduo para indivíduo, segundo o valor que se produz a esse evento no instante em que acontece e no (s) instante (s) em que é lembrado.³⁸ Portanto, se faz necessário preservar as informações do entrevistado.

Entrevistas de história oral são fontes que documentam o passado – experiências pessoais, acontecimentos, conjunturas – e as concepções sobre o passado através de sequências narrativas, isto é, pequenas histórias cujo sentido está atrelado à forma com que são narrados, sendo impossível dar conta do primeiro (o sentido) sem considerar a segunda (a forma).³⁹

Pode-se dizer que os moradores do Dirceu Arcoverde, à época em estudo, são pessoas simples que revelam sua memória, como, por exemplo, a senhora Maria da Conceição, ao relatar sua transferência do meio rural, para a sede do município de Timon (MA), e passa a lavar roupas para ajudar na renda familiar. Observe-se sua narrativa:

Ali no cais, do lado de Timon, às vezes quando não era, era numas taubinhas, para lavar roupa, eu já morava [...] aqui em Timon, porque de lá onde eu morava, mudei aqui para Timon. Vim pra cidade, vim pra Timon, lavando roupa, muita mulher [...] no Parnaíba, lavadeira de roupa, eu alcancei sabe o quê? Bem ali no Mercado Velho, eu alcancei ali, ali era tudo cheio de lixo, de taboca, ali na frente do rio, entre o mercado, [...] ali na beira do rio, o troca-troca, ali era mato, ali era taboca, ali era lixão.⁴⁰

Essa descrição de quem viveu a experiência de lavadeira de roupas do Rio Parnaíba, merece ser ressaltada por sua visão, ao mencionar, as estruturas, que eram vistas por ela, como o Mercado Velho (Mercado São José), dizendo, que o local tinha um aspecto de abandono, citando entre outras coisas, a existência de um lixão. Percebemos então, que está região padecia de uma urbanização, e o mercado localizado no centro de Teresina, precisava de uma reforma, e melhoria do seu espaço. Assim, vimos que em 1973, foi noticiado que:

O velho mercado central de Teresina vai passar por uma reforma, e ser ampliado. As obras já foram iniciadas pela firma vencedora da concorrência – ENCOPI, e seu custo esta orçado em Cr\$ 1.300 mil. Com a reforma, as diversas bancas de frutas e bugigangas que ficavam do lado de fora, sujando

³⁷ SILVA, M. op. cit., 2019.

³⁸ ALBERTI, op. cit., 2007.

³⁹ ALBERTI, op. cit., 2010, p. 73.

⁴⁰ SILVA, M. op. cit., 2019.

e enfeando a cidade, não mais ficarão naquele local. Dentro de 120 dias os teresinenses contarão com um novo mercado, reformado e ampliado.⁴¹

Segundo a matéria, seriam retirados os vendedores que davam aparência de insalubridade, o que neste período não combinava com o cenário urbano da capital, esquecendo a questão que, o subemprego, era a forma que muitos teresinenses usavam para manter suas famílias. Conforme Silvana Maria Pintaudi,⁴² os mercados públicos modificaram e o que olhamos é somente o invólucro do original em determinadas situações; em outros, a conservação se dá apenas por ausência de alternativa comercial no lugar que ainda não abriu os olhos e importância do grande capital. A mesma autora ressalta que:

Era papel do Estado, [...] na área comercial a distribuição de gêneros alimentícios de primeira necessidade – caso dos gêneros alimentícios –, garantir certa estabilidade de preços e da oferta de mercadorias em meio à miríade de estabelecimentos comerciais que realizavam a circulação de toda a ordem de produtos. [...], o Estado construía mercados públicos cujos espaços internos eram alvo de concorrência pública para definição de quem poderia ocupá-los para realizar as vendas (atacado e varejo).⁴³

A construção, portanto, direcionada ao atendimento do consumo interno da população, incrementando a economia local com a definição de preços dos produtos comercializados, e cabendo o Estado, a função de controlar este espaço. Mas, de acordo com Pintaudi,⁴⁴ atualmente, com a entrada do grande capital neste setor, a função de regulação de preços de alimentos dos mercados públicos, está desaparecendo do cenário urbano.

Ao voltarmos à senhora Maria da Conceição, recorrendo a sua lembrança, descrevendo os elementos usados na fabricação do sabão com o qual se lavava as roupas, “eu fazia sabão de coco, o sabão a gente botava o óleo dentro de uma vasilha, e botava soda, aí podia ficar mexendo ali, até dá o ponto, aí você pegava daqui e botava na vasilha ali, aí ele ia, era bom, sabão de coco era bom, eu ainda me atrevo a fazer”.⁴⁵

A experiência de viver de lavadeira, também foi narrada pela senhora Maria Nazaré Oliveira Nascimento,⁴⁶ de setenta e oito anos, que começou a lavar roupa no Rio Parnaíba

⁴¹ MERCADO central vai ser ampliado. *O Estado*. Ano IV, n. 329. Teresina, 29 set. 1973, p. 07.

⁴² PINTAUDI, Silvana Maria. **Mercados públicos**: vestígios de um lugar. CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUSA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. 1 ed. 6. Reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

⁴³ PINTAUDI, op. cit., 2018, p. 172.

⁴⁴ PINTAUDI, op. cit., 2018.

⁴⁵ SILVA, M. op. cit., 2019.

⁴⁶ Natural de São Pedro do Piauí (PI), filha de Alcina Jesus de Oliveira e Benedito Ferreira de Castro, a segunda de sete filhos, casada com Raimundo Rodrigues Oliveira Nascimento, e mãe de seis filhos.

desde a infância, “[...] lavava roupa, ainda estava escuro, e a luz de Timon que dava na pedra, que dava pra nós lavar aquela roupa, quando o dia amanhecia a gente estava em casa com essa roupa para estender, para lavar, passar o ferro e gomar e deixar nas casas das pessoas”.⁴⁷ Essa proximidade de lavar o vestuário dessas pessoas, vem demonstrar que, “a lavadeira conhece os segredos da roupa íntima”,⁴⁸ reiterando a responsabilidade deste ofício neste período. Deste modo, a entrevistada ainda enfatiza seu cotidiano com sua irmã, Beatriz Oliveira Nascimento, quando entregavam as roupas na residência de Dona Rosinha Castelo Branco:

Nós era meninas novas, e eu mocinha, a Bia também, que a Bia é de um ano, eu sou de outro, e lá deixava a janta pra nós, e nós jantava, e vinha embora de pé, nós saíamos do Monte Castelo de pé, para perto do Quartel do vinte e cinco, pra casa de Dona Rosinha Castelo Branco, que era um pessoal rico demais, quando a gente chegava lá davam café pra nós, com um pedacinho de queijo, e um pedacinho de bolo, eu fui criada foi desse jeito.⁴⁹

Ressaltamos que essas narrativas, conforme Candau,⁵⁰ reproduzem uma memória de trajetória ou de uma biografia de vida que, relativamente, explicaria o destino pessoal. Essa interpretação auxilia para podermos compreender a forma de como nos enxergamos perante a sociedade. Além disso:

O fato de dotar de coerência sua trajetória de vida satisfaz uma preocupação que podemos qualificar como a estética: permite ao narrador transformar a seus próprios olhos a narrativa de si próprio em uma “bela história”, quer dizer, uma vida completa, rica em experiências de toda natureza. Nesse sentido, todo aquele que recorda domestica o passado e, sobretudo, dele se apropria, incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante da identidade.⁵¹

Nesta biografia de vida, a senhora Maria Nazaré, viveu vários anos fora do estado, mas, motivada por doença de seu esposo, teve que voltar para Teresina em busca de tratamento, deixando para trás a Colônia Agrícola do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), localizada no município de Altamira (PA). Ela reside no Conjunto desde julho de 1977. Observe-se o seu relato:

⁴⁷ NASCIMENTO, Maria Nazaré Oliveira. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência do entrevistado. Teresina, 26 jul. 2018.

⁴⁸ PERROT, op. cit., 2019, p. 112.

⁴⁹ NASCIMENTO, M. op. cit., 2018.

⁵⁰ CANDAU, op. cit., 2018.

⁵¹ CANDAU, op. cit., 2018, p. 74.

Um bicho ferrou meu esposo [...] ele ficou sem defesa, não segurava o pescoço, tinha que amarrar a chinela com um cordão, e deu uma ferida no pé, essa ferida nunca sarava, aí vendemos o lote por oitenta mil real [cruzeiros], e viemos embora [...]. Quando chegamos aqui tinha a Irmani Veloso que era assistente social, e tinha o Chico Alves que era o dono de um forró [...]. Minha mãe disse assim: estão dando casa lá no Itararé, o que é Itararé mamãe? Itararé é o nome dos índios, pra nós lá em Altamira. Nós chegamos pela manhã, quando deu seis da manhã eu tava aí, ela era assistente social, ela não tinha nada com o Chico Alves, o Chico Alves vivia a vida dele, e ela vivia a dela, aí quando cheguei lá na Doutora Irmani eu disse assim, “a senhora que é a Doutora Irmani assistente social? Sou minha filha o que você quer? Eu estou sem lar e nem abrigo, eu vim do Pará e eu estou bem aqui no Monte Castelo, meu marido está um pouco doente e eu quero uma casa pra mim morar”, ela pegou no meu braço e me colocou naquele lugar onde é hoje aquele negócio para cadastrar para receber trabalho, ela pegou a chave e sentou na beira da mesa e me deu a chave, e o carro para ir pegar meus troços, e aqui estou hoje aqui com quarenta e poucos anos, [...].⁵²

É preciso considerar que a entrevistada descreve inicialmente o quadro apresentando por seu marido, e seguidamente, menciona as figuras de Chico Alves e Irmani Veloso, que naquele momento não eram casados, sendo, Irmani Veloso, assistente social, prestava atendimento às pessoas que quisessem residir no Conjunto, levando-as até o escritório da COHAB, próximo ao mercado público, atualmente, Estação Piauí Dirceu I.⁵³ Novamente, advertimos o significado da história oral, como nos alerta Alberti,⁵⁴ porque ela constitui elementos necessários, quando o entrevistado descreve sua vivência e transformação na sua linguagem, pertinente, e estabelecendo ocorrências de ajuste com deliberada definição.

Essa direção pertence somente ao indivíduo, que consegue guardar em sua memória informações, sem que isso interfira no seu cotidiano. Assim, Pierre Nora,⁵⁵ nos diz que, a memória é sempre um acontecimento de nosso tempo, uma ligação vivida no interminável presente. Podemos então, compararmos a um quadro que pintamos sem escolher as cores, pois estas aparecem no transcorrer da pintura, ou seja, conforme os acontecimentos. A senhora Maria Nazaré, quando repassa mais um instante de sua vida de trabalho em Teresina, menciona sua irmã, que trabalhou um período no 25º Batalhão de Caçadores, e as várias atividades que ambas desempenhavam, até mesmo durante o período de resguardo gestacional:

⁵² NASCIMENTO, Maria Nazaré Oliveira. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência do entrevistado. Teresina, 26 jul. 2018.

⁵³ Sob a responsabilidade da Agência de Tecnologia da Informação do Estado do Piauí (ATI). Inaugurada em 30/01/2008, a Estação Digital Dirceu Arcoverde I, que visa capacitar pessoas com deficiência, seus familiares e a comunidade em geral.

⁵⁴ ALBERTI, op. cit., 2010, p. 77.

⁵⁵ NORA, op. cit., 1981.

Bia trabalhava no Quartel, e eu dava de mamar aos meninos de minha irmã, porque ela só chegava à noite, e eu estava de resguardo, aí eu dava de mamar ao meu Arão, dava de mamar a outra menina dela, dava de mamar ao outro menino dela, que era o Gonzaga. [...], e quando sai da casa do Doutor Lucídio, eu fui lavar roupa para o Doutor Alberico Lemos Leal, lavava roupa no Poti, e ia deixar de manhã, lavava quase quatro horas da tarde, até as cinco horas, aí nós chegava, enxugava, gomava e ia deixar com uma trouxa na cabeça, e o terno aqui na mão, eu e a Bia para poder comprar o que comer, nós comia arroz branco com torresmo, porque não tinha carne, e nossa casa era coberta de palha no terreno do Doutor Madeira Campos, na Rua 24 de Janeiro, e era cercado de talo, nós sofremos demais.⁵⁶

Seguindo o caminho das lavadeiras, encontramos a senhora Gregória do Espírito Santo, que exerceu esta atividade de maneira inusitada, diferente das demais, ela somente lavava as roupas de seu marido e filhos nos rios Parnaíba e Poti, só que já eram moradores do Conjunto, enfatizando o péssimo sistema de abastecimento d'água existente que ficava a cargo da Águas e Esgotos do Piauí (AGESPISA). A entrevistada era obrigada a uma jornada em duas direções, chegando inclusive a usar o transporte coletivo, para se deslocar ao cais do rio Parnaíba, ou se dirigir a Fazenda Redonda, a beira do rio Poti, por isso, ela recorda que, “eu pegava a roupa e ia lavar no rio, porque aqui não tinha água, ou então ia lavar no Poti, entendeu? Bem onde tem o Redonda [...], ou ia lavar no cais, ou no Poti, botava a trouxa no ônibus e ia, aqui não tinha água. Jorge era o motorista do coletivo, era um velho moreno”.⁵⁷ Esse deslocamento para lavar roupa estava presente em boa parte das primeiras famílias, como relembra o senhor Marcos Venicio, “a maioria das pessoas iam lavar roupas lá no Parnaíba, botava as trouxas dentro do ônibus, e ia lá para o Parnaíba lavar roupas, na beira do Rio”.⁵⁸

Portanto, existia esse agravante da falta de um sistema eficiente de abastecimento d'água, dificultando ainda mais o cotidiano dos moradores, que buscavam formas, no intuito do acesso a este líquido, numa cidade, que tem, entre outras características, a alta temperatura durante o ano inteiro, e, por vezes, até a água que tinha acesso, ainda contava com a péssima qualidade, “porque a água daqui ela era tão salobra que cortava e beijo do pote, ela cortava o beijo do pote, mas nós não tínhamos pra onde ir, tinha que beber a água daqui, não tinha dinheiro pra comprar”.⁵⁹

⁵⁶ NASCIMENTO, M. op. cit., 2018.

⁵⁷ BANDEIRA, op. cit., 2018.

⁵⁸ SOUSA, M. op. cit., 2018.

⁵⁹ BANDEIRA, op. cit., 2018.

Portanto, o ambiente vivido por estes indivíduos foi registrado por periódicos, a exemplo do Jornal *O Estado*, que, em julho de 1979, destacava:

Mais de 500 pessoas do conjunto Dirceu Arcoverde (ex-Itararé) na zona Leste de Teresina estão passando sede, porque a encanação da Agespisa não tem força para levar água até as torneiras das casas, principalmente as pertencentes às quadras de número 50 a 100. Em consequência desse problema, os moradores tiveram que fazer uma escavação da Agespisa, para quebrar o cano e, dessa forma, obter água, pois o problema, embora tenha sido reclamado diversas vezes junto ao setor competente da Agespisa, não foi solucionado. Os arcoverdenses passaram a tomar a água sem a menor condição de higiene, pois fica completamente suja que é retirada da encanação que foi quebrada. No buraco escavado a água forma um pequeno poço, de onde é retirada pelos moradores do conjunto. O abastecimento das casas estava sendo feito normalmente até o início desse mês, mas devido a um problema técnico que não foi explicado aos moradores, que já fizeram várias reclamações, mas não foram atendidos.⁶⁰

Essa necessidade de obter água provocou atitudes inusitadas, como essa de escavar locais onde passavam os canos de abastecimento d'água, correndo riscos de consumir água sem as devidas condições de higiene, pois ficavam sujas ao se misturarem com a areia, onde segundo a matéria, a AGESPISA não dava uma resposta concreta para solucionar este problema, e os moradores ficavam à mercê da sorte, e buscando por si próprios as soluções para ter acesso à água como vemos abaixo na imagem:

⁶⁰ MORADORES do Itararé quebram canos para obter a água. **O Estado**, ano X, n. 1936. Teresina, 18 jul. 1979, p. 07.

Imagem 13 – Moradores do Dirceu Arcoverde quebram canos da AGESPISA



Fonte: MORADORES do Itararé quebram canos para obter a água. **O Estado**, ano X, n. 1936. Teresina, 18 jul. 1979, p. 07.

Constata-se na imagem, o sufoco provocado pela falta d'água entre os moradores, um desenho do cotidiano da comunidade neste período. Vemos o poder atribuído, especificamente, a imagem, pois, Pierre Achard,⁶¹ adverte que, ela é um instrumento pertencente a uma tática de informação; instrumento capaz de ajustar o tempo e as qualidades de recebimento em seu contexto ou a manifestação de significado, um objeto de recordação do caráter duradouro no tempo, um período de problemas do acesso á água, enfrentado diariamente por estas pessoas.

Por isso, foram incontáveis as vezes que a senhora Maria Nazaré, era obrigada a fazer grande esforço físico para a obtenção da água, se deslocando até a Usina Livramento,⁶² “nós

⁶¹ ACHARD, Pierre. **Papel da memória**. / Pierre Achard... (et al); Tradução e introdução José Horta Nunes. – Campinas, SP: Pontes, 1999.

⁶² Fundada por JOÃO COSTA DE ALMENDRA FREITAS, natural de Teresina, Piauí. Sua origem foi o comércio na empresa familiar Almendra Irmãos Ltda. Entretanto, sua vocação industrial já era percebida nas iniciativas de industrialização da cera de carnaúba, atividade maior da família até o início dos anos 60. Em setembro de 1963, surgiu a oportunidade de adquirir uma empresa que operava na atividade de descaroçamento e extração de óleo de sementes de algodão. Da aquisição, surgiu uma nova sociedade denominada FREITAS LEAL S/A. Os novos empreendedores sentiram a oportunidade de redirecionar o negócio para a nova atividade, então em crescimento, que era o esmagamento de sementes de babaçu, palmácea nativa da região. Possibilitou-se, assim, a implantação da primeira refinaria de óleos da região com foco no mercado interno, antes consumidor exclusivo de gorduras animais e óleos de algodão. Surgia, então, o óleo da marca DUREINO para babaçu e ALMENDRA para algodão. O novo negócio mostrou-se promissor e a sociedade manteve-se até 1974, com a saída do sócio DITOSO LEAL. Nascia, assim, a USINA LIVRAMENTO IND. COM. LTDA. O desempenho positivo da nova empresa possibilitou a expansão nas áreas de cerâmica, agricultura, avicultura, construção civil, distribuição de combustíveis, de forma a facilitar futuras divisões societárias decorrentes dos naturais processos sucessórios. Nos anos 80, o ingresso da soja, gerou uma competitividade entre o extrativismo do babaçu e a agroindústria. A oferta para consumo em

íamos buscar na Livramento, aqui por dentro do córrego, tinha um córrego onde passa o metrô, só era água no mato, eu ia buscar água na cabeça”.⁶³ Ressalta-se aqui a capacidade de um indivíduo para enfrentar dificuldades, neste caso específico, a falta de sistema de abastecimento d’água eficiente nos deixa à mostra o papel importante desempenhado pelas mulheres no Conjunto. A senhora Teresa Cristina Oliveira do Nascimento, de cinquenta e três anos,⁶⁴ teresinense, reforça-o, destacando o que se segue:

Nós passávamos o dia todinho carregando água para poder botar [...] dentro de casa, porque aqui não tinha água, aí muitas vezes o homem da usina livramento fechava, porque tinha muita briga, fechava o chafariz lá e não davam água pra nós, o terminal de petróleo, o homem fechava também, porque tinha briga, era briga de mulher por causa de água, aí nós íamos para o mercado, porque tinha um chafariz, aí a gente passava a manhã todinha para pegar um baldinho d’água [...].⁶⁵

A narrativa da senhora Teresa Cristina demonstra sua capacidade de descrever com detalhes este período, visto que chegou ao Conjunto com doze anos de idade, ainda adolescente. Em seu relato, vemos a presença de três lugares onde se podia pegar água para o consumo, sendo que se faziam muitas incursões para obter o líquido, que, por vezes, provocava desentendimentos entre os moradores. A esse respeito, a senhora Maria de Fátima, como as demais moradoras, faz o seguinte relato: “a gente pegava água lá no chafariz, uma fila enorme, pegava um galão d’água”.⁶⁶ Assim como à senhora Teresa Cristina, ela menciona as brigas:

Presenciei várias, só não fui alvo de nenhuma, mais todas as vezes eu estava no meio olhando, olhava mesmo! confusão braba, essas mulheres pegavam nos cabelos, era lata d’água, uma ia furava a fila, davam mãozada, davam tapada, derramava a água da outra, aí vinha o pai com o cambu na mão e pipocava nas costas, era desse jeito, foi assim.⁶⁷

grande escala desta oleaginosa, redirecionou o óleo de babaçu para consumo industrial e institucional. As INDÚSTRIAS DUREINO S. A. é hoje dirigida pelo sucessor de seu criador JOÃO DE ALMENDRA FREITAS FILHO que exerce função diretiva desde o ano de 1980. Disponível em: <http://www.dureino.com.br/novo/quemsomos.asp>. Acesso em: 27 mai. 2020.

⁶³ NASCIMENTO, M. op. cit., 2018.

⁶⁴ Natural de Teresina, filha de Maria Nazaré Oliveira Nascimento e Raimundo Rodrigues Oliveira Nascimento, a terceira de seis irmãos, e servidora estadual.

⁶⁵ NASCIMENTO, Teresa Cristina Oliveira do. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência da entrevistada. Teresina, 3 ago. 2018.

⁶⁶ JESUS, op. cit., 2018.

⁶⁷ JESUS, op. cit., 2018.

Com base nesses acontecimentos singulares, convém assinalar que a narrativa é de grande importância para o historiador,⁶⁸ uma fonte de informações a respeito de algo simples, como o ato de apanhar água no chafariz diariamente, e ocorrência de confusões pela disputa da água, confirma os dias difíceis enfrentados pelos moradores, uma vez que essas lembranças são como partículas que formam nossa identificação dentro de uma narração.⁶⁹ Destacamos, outra reportagem tratando deste assunto, desta vez, seguindo os passos de Certeau,⁷⁰ com as *táticas de sobrevivência*.

Diz a Sra. Josefa Alves de Lima, [...] que o problema d'água para o bairro Itararé tem que ser solucionado com urgência. Antigamente – conta – existiam dois chafarizes, mas um quebrou e quem quiser conseguir água no existente, ainda é preciso ir muito cedo para entrar na fila. “se deixar a panela no fogo, a comida queima”, diz ela. Com esta opinião, concorda a Sra. Maria do Carmo de Sousa, mãe de cinco. Ela conta como os problemas enfrentados pela comunidade, num humor especial – quando falta água no chafariz a coisa se complica mais ainda: a gente tem que ir pegar no terminal de petróleo, numa distância grande, chega doer o pescoço da gente. Tem gente já careca, de tanto carregar lata d'água na cabeça. As crianças não crescem de tanto botar água.⁷¹

Percebe-se, entretanto, um sensor de humor dessas moradoras diante deste cenário caótico, quando descrevem a forma utilizada para obtenção da água no Conjunto. Assim, com esse cotidiano atribulado, nos deparamos com o caso da senhora Adalgisa Dorneles de Oliveira Sousa,⁷² de setenta e dois anos, casou-se muito jovem, e posteriormente, foi morar no Dirceu Arcoverde, em 17 de agosto de 1977, com seu marido e filhos. A respeito desse acontecimento ela descreve, “eu tinha que comprar um ninho pra mim, porque eu só vivia de aluguel, aí Graças a Deus eu consegui esse cantinho aqui, daqui só pra o cemitério”.⁷³ Novamente presenciamos a atitude de ir à busca de uma casa própria para fugir do aluguel, ao mesmo tempo, a entrevistada conta como ficou sabendo do Conjunto. Foi:

A assistente social Terezinha Sandra, ela chamou a gente, a gente trabalhava na lavanderia lá na Ilhotas, aí ela chamou a gente pra fazer a ficha, aí eu fui e

⁶⁸ ALBERTI, op. cit., 2007.

⁶⁹ CANDAU, op. cit., 2018.

⁷⁰ CERTEAU, op. cit., 1998.

⁷¹ NO ITARARÉ o povo reclama da falta d'água. **O Dia**, ano XXVII, nº 5030. Teresina, 05/06 mar. 1978, p. 08.

⁷² Natural do Campo Maior (PI), filha de Benedito Dorneles de Oliveira e Paula Borges de Oliveira, terceira filha de vinte irmãos, viúva de Pedro Nonato de Sousa, e mãe de onze filhos.

⁷³ SOUSA, Adalgisa Dorneles de Oliveira. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência do entrevistado. Teresina, 31 jul. 2018.

fiz na Legião Brasileira de Assistência (LBA), perto do quartel do CFAP (Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças).⁷⁴

A senhora Adalgisa Dorneles, relata que fez o cadastro para receber a casa do Conjunto, na Legião Brasileira de Assistência (LBA),⁷⁵ nos fornecendo a informação da atuação desta entidade entre as famílias do Dirceu Arcoverde. A respeito do seu ofício de lavadeira, diferente de algumas entrevistas, ela utilizava somente o Rio Poti, mencionando seu dia a dia, e o fato de ser retirada deste, para trabalhar numa lavanderia inaugurada pelo Governador Alberto Silva, no bairro Ilhotas, próxima ao Comando Geral da Polícia Militar, “criei meus filhos lavando e gomando, de dia e de noite, lavava de dia, e gomava de noite. O Alberto tirou a gente do rio e colocou a gente ali na Ilhotas, bem em frente ao Quartel general”.⁷⁶ Essas palavras da entrevistada refletem a posição de Halbwachs,⁷⁷ ao propor que a lembrança guarda as descrições do tempo que lhe pertence, e quiçá, somente traga do recordado, porque enxergamos esses sinais, e refletimos no instante em que aconteceu. Assim, ao fazermos um deslocamento direcionado ao passado, levamos geralmente alguns resquícios de tal período vivido. Merece destacar que, o trabalho da senhora Adalgisa Dorneles, lhe trazia a certeza de manter sua família com dignidade, e incrementando sua renda aos demais moradores da comunidade.

Trazemos agora à senhora Conceição de Maria Silva,⁷⁸ de sessenta e nove anos, veio morar em Teresina com apenas dois anos de idade, numa residência na Rua São João, no Centro da cidade. Exerceu o ofício de carregar roupas, ela e sua irmã, eram ajudantes de sua mãe, lavadeira do Rio Parnaíba, prestando serviço, “todo dia [...], quem botava roupa pra casa era nós, ela lavando e nós carregando, todo santo dia, de segunda a sábado”.⁷⁹ Passou por momentos difíceis durante seu tempo de juventude, acometida várias vezes por diversas doenças, “quando eu dei o Sarampo, eu passei um ano sem andar, foi Sarampo, Catapora,

⁷⁴ SOUSA, A. op. cit., 2018.

⁷⁵ Criada através do Decreto-Lei 4.830, de 15 de outubro de 1942, instituída na conformidade dos Estatutos aprovados pelo Ministério da Justiça e Negócios Interiores, e fundada com o objetivo de prestar, em todas as formas uteis, serviços de assistência social, diretamente ou em colaboração com instituições especializadas, fica reconhecida como órgão de cooperação com o Estado no tocante e tais serviços, e de consulta no que concerne ao funcionamento de associações congêneres. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De14830.htm : Acesso em: 31 mai. 2020.

⁷⁶ SOUSA, A. op. cit., 2018.

⁷⁷ HALBWACHS, op. cit., 2003

⁷⁸ Natural de São Francisco do Maranhão (MA), filha de Manoel Francisco Lopes, e Maria da Cruz Lopes, segunda de quatro irmãos, casada com Melquiades Santos Silva, mãe de oito filhos.

⁷⁹ SILVA, Conceição de Maria. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência do entrevistado. Teresina, 25 ago. 2018.

Tosse Braba, e Papeira, tudo de uma vez, aí me alastrei. Assim fui levantando de uma, e caindo de outra, e aquilo me debilitou, fiquei muito abatida.⁸⁰

Após se recuperar dessas doenças, a entrevistada chegou a trabalhar como cobradora na Empresa de Ônibus Auto Viação Rio Poty.⁸¹ Sobre este assunto, sua narrativa trás os nomes de vários funcionários, pois trabalhou na empresa sediada no bairro Piçarra, entre os 19 aos 26 anos de idade, fazendo o seguinte relato:

[...] eu trabalhei na Rio Poty, você sabe onde é ali a São Raimundo, onde é bem na esquina, do outro lado tinha dois ou três cabarés, e eles ficavam um de frente, e outro na esquina, e aqui era a empresa [fazendo a descrição na mesa], eu trabalhava como cobradora [...], eu trabalhei bem uns sete anos na Rio Poty, onde eu me casei e deixei. O dono dela era o Antônio Venâncio Leite, e o gerente Wilson Escancela de Carvalho. Eu saí porque eu me casei, era meu ganha-pão, e na época quando eu trabalhava na empresa [...], meu pai vivia adoentado, aí eu tinha que subsistir, ele não podia ficar trabalhando [...]. [Os motoristas eram o] João Merola, era o que trabalhava no carro doze, tinha o João Campos, ele mora parece que hoje no Saci [...], tinha o Salomão, Salomãozinho, e Salomão virabrequim que era um que tinha uma pazinha alta, [...], tinha o Ribamar ele era fogoiozado.⁸²

E assim, após contrair matrimônio, o desejo de sair do aluguel fez com que, no “dia 16 de julho de [19] 77”,⁸³ ela, seu marido, e filhos, fossem residir no Conjunto Dirceu Arcoverde, após ficar sabendo da existência das casas através do seu marido, o senhor Melquiades Santos Silva, que trabalhava para Construtora Lourival Parente, e tinha feito inscrição para o bairro Saci, deixando evidente ao nos contar que, “quando começou as inscrições, o Melqui, que trabalhava nas firmas [...], ele era pedreiro, aí ele disse que iriam construir, aí ele fez pro Saci, e eu fiz pra cá, só que o Saci saiu primeiro, mas nós não fomos sorteados”.⁸⁴

Cabe ressaltar que os conjuntos habitacionais, erguidos durante a década de 1970, em Teresina, procuravam atender a uma renda mínima, e, no caso específico do Conjunto Saci, exigia-se renda mínima acima de dois salários mínimos.⁸⁵ Por outro lado, no Dirceu

⁸⁰ SILVA, C. op. cit., 2018.

⁸¹ Propriedade do empresário Antônio Venâncio Leite, a empresa passou a operar a partir de 1967 nas ruas da capital piauiense. Disponível em: <http://www.fortalbus.com/2018/11/um-pequeno-historico-do-transporte.html>. Acesso em: 06 jun. 2019.

⁸² SILVA, C. op. cit., 2018.

⁸³ SILVA, C. op. cit., 2018.

⁸⁴ SILVA, C. op. cit., 2018.

⁸⁵ SOUSA NETO, Marcelo de. **Nasce um bairro, renasce a esperança, resiste a cidade**: história e memória de moradores do Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde (Teresina-PI, décadas de 1970 e 1980). Artigo apresentado no VII Simpósio Nacional de História Cultural. In: **História Cultural**: escritas, circulação, leituras e recepções. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP, 2014.

Arcoverde, exigia-se apenas um salário mínimo, ou seja, padrões diferentes de renda familiar. Isso possibilitou sua família ir morar no Dirceu Arcoverde, portanto, começou sua trajetória dentro dessa comunidade.

Na trajetória de chegada da moradora, e das demais ao Conjunto, e das demais, observamos que essas mulheres desempenharam funções que contribuíram para a permanência de sua família na região, mesmo passando por grandes dificuldades ao longo dos primeiros anos, mas isso também foi uma ferramenta para consolidar seu desejo de residir em uma casa própria.

2.2 Labor feminino: trabalhadoras dentro e fora de casa

No Dirceu Arcoverde, as mulheres exerciam todas as funções possíveis, que iam além dessa de tomar conta de casa, do marido, e filhos; muitas saíam do Conjunto para exercer suas atividades. Inclusive as mais jovens, vendo a possibilidade de aumentar a renda da família, geralmente composta por vários membros, que ocupavam com dificuldade o pouco espaço existente nas moradias. Segundo a historiadora Luiza Margareth Rago,⁸⁶ a sociedade brasileira, em determinado momento, a conquista no espaço urbano pelas mulheres, não demonstrava um enfraquecimento das cobranças éticas, admitindo a continuação de velhos preconceitos como, o da castidade. A autora acrescenta:

Quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho. Todo discurso moralista filantrópico acena para ela, de vários pontos do social, com o perigo da prostituição e da perdição diante do menor deslize.⁸⁷

Certamente trata-se de preconceito quanto à força de trabalho da mulher assalariada, pois, em vez de causar admiração, por ser capaz de trabalhar tanto quanto o homem, ela tinha, ainda, que procurar defender a sua reputação por causa de mentes maliciosas,⁸⁸ em que o

⁸⁶ RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

⁸⁷ RAGO, op. cit., 1985, p. 63.

⁸⁸ FONSECA, Cláudia. **Ser mulher, mãe e pobre**. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil** /Mary Del Priore (Org.). Carla Bassanezi Pinsky (Coord. de Textos). 10. ed. 6. reimp. São Paulo: Contexto, 2018.

*machismo*⁸⁹ buscava meios para não aceitar essa capacidade de a mulher atuar com desenvoltura em qualquer ambiente de trabalho.

Embora esse tipo de pensamento em relação à mulher ainda seja habitual, não impedia que ela fosse à luta para manter sua família com dignidade. A senhora Adalgisa Dorneles, por exemplo, não tinha pessoas para cuidar de seus filhos, por isso os “levava para a lavanderia [...], a gente saía era cedo, eles caminhando, e eu sentava no caminho esperando até quando chegavam, mas, sete horas a gente estava lá”.⁹⁰ Para a entrevistada, a decisão de levar os filhos do Dirceu Arcoverde para a Lavanderia do Bairro Ilhotas, através da ponte da linha férrea, correndo risco de morte, pela passagem diária do trem cargueiro da Rede Ferroviária Federal S/A (RFFSA), era justificada por que:

A situação da lavanderia não era boa, era ótima, tinha de tudo pra gente e para nossos filhos, todo dia ele trazia os meninos pra lá, passava o dia trabalhando lá, de noite eu ia pra casa e levava leite, levava massa, e o açúcar de fazer o mingau dos meninos, de noite, e de manhã, e os outros estavam no maternal, ficaram tudim, nós tinha merenda, nós tinha todo direito, era bom, assim que começou era bom demais.⁹¹

O valor que a entrevistada confere ao espaço de trabalho justifica o porquê, apesar da distância percorrida com os filhos diariamente, de levá-los até a Lavanderia. Michelle Perrot,⁹² ao descrever que mulheres sempre exerceram funções, destaca que os afazeres constituíam a estrutura familiar, da reprodução, sem valorização e remuneração. As sociedades nunca conseguiriam ter existido, se multiplicado e incrementado sem o serviço familiar das mulheres.

Na comunidade, as mulheres trabalhavam de faxineira, empregada doméstica, feirante, cozinheira, vendedora ambulante etc., tudo para atender as necessidades de sua família. O trabalho delas teve um peso significativo para a permanência familiar no Conjunto, porque com o labor ajudavam na renda familiar, e no custeio das despesas de casa. Portanto, algumas mulheres tinham jornada dupla, pois se dedicavam aos afazeres dentro de sua casa e fora dela, numa segunda atividade.

⁸⁹ Atitude ou comportamento que uma pessoa implanta e por onde prevalece a discriminação e a desvalorização do universo feminino, como resultado de considerar as mulheres inferiores aos homens. No entanto, vale destacar que embora tradicionalmente este comportamento seja exibido pelos homens, também é possível encontrar sinais e expressões do machismo em mulheres, especialmente naquelas criadas em torno de uma cultura machista, considerada superior ao homem. Disponível em: <https://conceitos.com/machismo/>. Acesso em: 01 mai. 2020.

⁹⁰ SOUSA, A. op. cit., 2018.

⁹¹ SOUSA, A. op. cit., 2018.

⁹² PERROT, op. cit., 2019.

Ressalte-se que nem sempre as mulheres desempenharam profissões conhecidas, que resultassem em salários. Não passavam de simples auxiliares de seus cônjuges.⁹³ Logo, é preciso ter esta cautela com nossos entrevistados, pois ao escolher esses indivíduos, precisamente as mulheres, é necessário ficarmos atentos para também não questionar suas narrativas. Ao ouvir atentamente, vamos compreender como a história oral traz recursos essenciais para a pesquisa de campo:

Uma entrevista de história oral não apenas fornece relatos de ações passadas, mas é ela mesma um conjunto de ações que visa determinados efeitos – efeitos que pretende que ajam sobre o interlocutor na própria entrevista, e efeitos que se pretende que repercutam para além da relação de entrevista, no público que a consulta e eventualmente na sociedade como um todo.⁹⁴

Ao colocar à disposição esse material coletado, é possível verificar, por exemplo, a senhora Adalgisa Dorneles, que era vizinha de Irmani Veloso, e como conseguiu lidar com seu cotidiano no Dirceu Arcoverde, enfrentando dificuldades com determinação e jogo de cintura, para se adaptar aos recursos oferecidos. Assim, ela nos relata novamente as *táticas de sobrevivência*,⁹⁵ quando temos a oportunidade de comprovar sua luta cotidiana:

Um período de aperreio bom, porque a gente se aperreava, mas dava tudo certo, eu pelo menos me aperreava com um horror de filho, mas dava tudo certo, a Irmani dizia assim, ‘mulher, o que tu faz a noite todinha, só vejo tu mexendo nas coisas’, mulher, até minha casa eu lavo é de noite, meus filhos são pequeno, eu tenho que deixar tudo feito, aí me levanto e às vezes nem me deito, na hora de deitar já é a hora de pegar e ajeitar os meninos pra ir, era o jeito. A gente levava tudo na esportiva.⁹⁶

A senhora Adalgisa Dorneles, relata seu cotidiano cansativo, e como seus dias eram encarados como uma batalha de sobrevivência, apesar disso, não se deixou amargar na condição em que vivia, nem pela quantidade de filhos. Ia à luta para trazer sempre o alimento a sua casa; era o suficiente naquele momento de sua vida. Contudo, precisamos esclarecer a existência de uma lavanderia comunitária no CSU desde sua inauguração em 1978, até o início da primeira metade década de 1980. A recorrência constante ao CSU pode ser relacionada à definição de *lugar e espaço* de Certeau,⁹⁷ visto que, o primeiro, é uma norma

⁹³ PERROT, op. cit., 2019.

⁹⁴ ALBERTI, op. cit., 2010, p. 114.

⁹⁵ CERTEAU, op. cit., 1998.

⁹⁶ SOUSA, A. op. cit., 2018.

⁹⁷ CERTEAU, op. cit., 1998.

com a qual distribuimos noções e vinculações de convivência. Logo, um aspecto imediato de atitudes. Insinua uma recomendação de equilíbrio. Enquanto, o segundo:

Sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidade de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de imóveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada. [...]. Em suma, o *espaço é lugar praticado*.⁹⁸

Portanto podemos mencionar que, a casa própria é um lugar almejado, uma necessidade de vida. Por isso, devemos enaltecer a disposição, e coragem, da senhora Adalgisa Dorneles, ao tempo que se desdobrava no seu cotidiano, tendo em vista que passava a semana quase toda fora de sua residência, trabalhando, retornando ao anoitecer com seus filhos, e que mesmo diante dessa realidade, observamos, durante a narrativa da moradora, o quão significativo é o peso de um lar.

Aqui as famílias se reúnem para celebrar os ritmos do tempo, confrontar a experiência das gerações, acolher os nascimentos, solenizar as alianças, superar as provas, todo aquele longo trabalho de alegria e de luto que só se cumpre “em casa”, toda aquela lenta paciência que conduz da vida à morte no correr dos anos.⁹⁹

Enfim, nossa residência carrega um significado que vai além da estrutura física, existe um sentimento que nos leva a ter a sensação de um espaço em que se abrem e se reproduzem o cotidiano e os sinais rudimentares das “artes de fazer”, é antes de qualquer coisa o ambiente, a nossa moradia,¹⁰⁰ é o lugar onde podemos chegar a qualquer hora para descansar, refletir, e viver, no recinto aconchegante que chamamos de lar.

Este lugar pode ser visto, e descrito pela senhora Adalgisa Dorneles, em sua narrativa, cita a importância de ter uma casa, mesmo demandando extremo sacrifício por sua parte e de sua família; rememora o cenário precário à época: “tinha poeira, não tinha luz, não tinha água, a gente pegava no chafariz, eu passava quase a noite toda carregando água para deixar para os

⁹⁸ CERTEAU, op. cit., 1998, p. 202.

⁹⁹ CERTEAU; GIARD; MAYOL, op. cit., 2013, p. 206.

¹⁰⁰ CERTEAU, op. cit., 2013.

meninos no outro dia, era subindo na escada e colocando na caixa, aí deixava eles com água”.¹⁰¹

Este cenário ainda contava com a dificuldade de alimentação entre os moradores, como descrito pela senhora Maria Nazaré:

Nós não tínhamos condição, o INAN [...] dava o arroz, um arroz com leite, o óleo, o feijão, macarrão, dava de tudo, nós íamos pegar, isso eu não vou negar, eu tava pegando, e quem despachava era a Toinha do gaúcho [...], a Dona Irene [...], bem aqui [...] no Centro Social, que hoje é a UESPI.¹⁰²

A referência da senhora Maria Nazaré, ao especificar a cesta de alimento que recebia, descrevendo inclusive seus itens, faz com que possamos conferir, nessa memória, algo bem além de um simples depósito de informações, uma vez que a lembrança é um trabalho permanente de procura de significados, que seleciona os resquícios da vivência, confere ao ato de esquecer aquilo que tenha sentido na contemporaneidade,¹⁰³ como também é uma forma de preservar o máximo de dados, até mesmo aqueles que geralmente rejeitamos. Deste modo, como bem salienta Halbwachs,¹⁰⁴ é difícil que dois sujeitos que testemunhem um mesmo evento o citem com descrições iguais, quando o relata algum período após a ocorrência do episódio. Por isso, a narrativa da senhora Teresa Cristina, acrescenta:

A gente começou a receber o INAN no posto de saúde no mercado, aí ela dava feijão, arroz, aquele leite pau de índio, era o que a gente comia, e dava graças a Deus, pois não tinha outra coisa, aí fizeram o Centro Social e foi transferido o posto de saúde para o Centro Social, e o posto do INAN também foi pra lá, aí passou, e a Irmani, conseguiu trazer o leite do Sarney, aí a gente recebia o leite, o INAN, aí trocava os tickets por um pedacinho de carne, porque tinha um rapaz que cortava carne [açougueiro], ele recebia os tickets do leite para trocar em carne para a gente poder comer, senão, carne aqui era a coisa mais difícil, a gente passava era semanas sem comer carne.¹⁰⁵

Essa reminiscência reitera a seriedade de utilizarmos a história oral, já que ela não faz referência somente ao acontecimento. Também relata a consideração ao espaço e ao sentido do acontecimento dentro da biografia dos entrevistados.¹⁰⁶ A entrevistada, ao mencionar o papel do açougueiro que trocava o ticket que recebia, por uma porção de carne, deixa-nos

¹⁰¹ SOUSA, A. op. cit., 2018.

¹⁰² NASCIMENTO, M. op. cit., 2018.

¹⁰³ PORTELLI, op. cit., 2016.

¹⁰⁴ HALBWACHS, op. cit., 2003.

¹⁰⁵ NASCIMENTO, T. op. cit., 2018.

¹⁰⁶ PORTELLI, op. cit., 2016.

ciente de que era vantajoso para este comerciante a permuta. Quando observamos seguidamente referência a cesta de alimentos do INAN, que era necessário complementar a alimentação de muitas famílias do Conjunto, pois nem todos tiveram acesso a essa cesta de alimentos. Ressaltamos que a entrevistada ao citar Irmani Veloso durante sua narrativa, é importante entendermos o quanto isso reflete na nossa memória, pois segundo Candau,¹⁰⁷ atualmente, não recordar do nome de um indivíduo poderá ser considerado ofensivo, principalmente se o esquecimento é visível na comunidade. E quando este quadro de esquecimento é o contrário:

Chamar alguém por seu nome – mesmo escrever corretamente seu sobrenome – é lembrar-se da atribuição e do reconhecimento social de uma identidade. Igualmente, “fazer o nome” é agir para a posteridade, ter a esperança estéril de não desaparecer no esquecimento.¹⁰⁸

A memória, portanto, cumpre este desafio de preservar estes nomes que fizeram parte de nossa biografia. Um *lugar de memória*¹⁰⁹ bastante citado na comunidade era o, CSU, e, dessas memórias, uma requer atenção especial, estamos falando da senhora Conceição de Maria, que esteve presente na cerimônia de inauguração desse prédio, e descreve um fato trágico durante o evento:

Teve até uma morte de um rapazinho, ele era especial, ele caiu e o pessoal estava numa danação grande, e pisotearam ele, não teve aquela consciência de afastar para levantar, muitos pelejaram muito pra levantar e o pessoal em cima, até que ele veio a óbito, foi bem na portaria ali, eu acho [...] que na época abafaram isso aí, que aconteceu, aconteceu.¹¹⁰

Quanto a essa recordação trágica, que infelizmente não pôde ser encontrado nenhum tipo de menção em jornais locais, fica o registro informal, tendo-se em vista que a moradora foi enfática em relatar que presenciou o fato. Assim, fica guardado em sua memória, com uma indignação pelo esquecimento dessa fatídica ocorrência. Por isso, vimos que a maioria dos indivíduos guarda determinadas memórias que, ao serem recobradas, liberam emoções intensas.¹¹¹ A senhora Conceição de Maria, exercia atividades dentro da comunidade, por exemplo, lavava roupa para os vizinhos, e vendia carvão em sua residência, mas, não estava

¹⁰⁷ CANDAU, op. cit., 2018.

¹⁰⁸ CANDAU, op. cit., 2018, p. 69.

¹⁰⁹ NORA, op. cit., 1981.

¹¹⁰ SILVA, C. op. cit., 2018.

¹¹¹ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

sozinha nessa jornada, outras vizinhas também a acompanhavam em direção a atual Avenida Joaquim Nelson, onde existia uma propriedade rural:

Eu trabalhava assim, eu ia fazer carvão certo, eu ia cortar madeira para fazer carvão, [...] de bem daí da avenida pra lá, tinha uma quinta [...], era pra ali que a gente cortava madeira. [...] era a Júlia, [...] a Chagas, nós se ajuntava, nós três, e ganhava o mato, [...] às vezes eu lavava roupas para alguém, quem precisava.¹¹²

Nota-se, portanto, que o sacrifício da senhora Conceição de Maria, tinha como principal objetivo, a comprar do alimento para sua família; por sua vez, sabia conscientemente do próprio valor nesta comunidade; era respeitada por sua luta diária, e encontrando meios para sobreviver aos problemas do Conjunto. Percebe-se então, que as famílias precisam da diária das mulheres, até quando o classifica somente como um dinheiro miúdo.¹¹³

Com base na pesquisa, percebemos esse olhar único da mulher a respeito da formação do Conjunto Dirceu Arcoverde, que ganha maior definição quando se alia à questão religiosa, como foi o caso da senhora Maria de Fátima, ao fazer menção de sua participação no Grupo de Jovens da Igreja de São Francisco de Assis, onde seus pais também faziam parte “desde o início, desde a fundação, que eles eram casais de evangelização, casais encontristas, casais de oração, do grupo da Legião de Maria, tudo isso eles eram engajados”.¹¹⁴

Eu participei dos grupos Pescadores de Homens e EJC (Encontro de Jovens com Cristo). Nos Pescadores de Homens, foi antes de formar o Grupo Encontro de Jovens com Cristo, então os Pescadores de Homens foi numa faixa dos cinco anos, aí veio o EJC que eu passei mais cinco anos, aí eu frequentei esse tempo todo como coordenador, membro mesmo da frente, de grupo de frente, sempre gostei.¹¹⁵

O envolvimento da senhora Maria de Fátima nestes grupos católicos, aponta que existia seu interesse em participar de momentos agradáveis junto aos demais integrantes, neste período de sua juventude no Conjunto. Assim, ao longo desta ação da memória podemos novamente identificar o poder que exerce o lugar onde moramos, o bairro, que, segundo Pierre Mayol,¹¹⁶ é definido como uma disposição grupal de movimentos particulares.

¹¹² SILVA, C. op. cit., 2018.

¹¹³ PERROT, op. cit., 2019.

¹¹⁴ JESUS, op. cit., 2018.

¹¹⁵ JESUS, op. cit., 2018.

¹¹⁶ MAYOL, Pierre. **A convivência**. In: CERTEAU; GIARD; MAYOL, op. cit., 2013.

Com ele ficam postos à disposição dos seus usuários “lugares” na proximidade dos quais estes se encontram necessariamente para atender a suas necessidades cotidianas. Mas o contato interpessoal que se efetua nesses encontros é, também ele, aleatório, não calculado previamente; define-se pelo acaso dos deslocamentos exigidos pelas necessidades da vida cotidiana: [...], na mercearia, no supermercado.¹¹⁷

Enfim, é preciso manter sempre um convívio adequado, e internamente usarmos um sistema social claro,¹¹⁸ tendo como objetivo o fato de reconhecermos este ambiente ao mesmo tempo individual e coletivo. Cabe lembrar que esta convivência é ainda maior quando fazemos amizades, neste caso, o vizinho ganha visibilidade ao adentrarmos também por seu cotidiano, pois até mesmo sem perceber conhecemos seu dia a dia. Assim, vemos o caso da senhora Maria da Conceição, que foi, por vários anos, vizinha do líder comunitário, vereador e já falecido José Anselmo Dias. Ela relembra outra faceta desta liderança do Conjunto quando era integrante do Juventude Franciscana (JUFRAN), que se reunia na Igreja de São Francisco de Assis.

Ele ainda fazia daqueles grupos de Jesus, de botar Jesus na Cruz, [...] fazia teatro, tudo ele fazia, bem aí nessa Igreja, ele ainda fez muitas vezes representação [...], botaram ele na Cruz na Paixão de Cristo (na) Semana Santa, eu me lembro como se fosse hoje, o José Anselmo, de Jesus.¹¹⁹

Ao rememorar esse convívio próximo de José Anselmo Dias, destaca o outro lado, de ator, interpretando Jesus Cristo, deixando clara sua proximidade deste líder comunitário. Essa sutileza da senhora Maria da Conceição, de querer narrar, foi possível somente pela confiança prestada ao entrevistador, um componente primordial, porque entendemos ser essencial a vontade do entrevistado de dialogar e de se abrir, de certa forma, permitindo que os historiadores realizem seu ofício. E a fissura dos historiadores com relação a eles próprios e sobre o objetivo de seu ofício são elementos decisivos na concepção desse ambiente.¹²⁰ Precisamos deixar bastante nítido que o trabalho de um historiador que lida com fontes orais é minucioso, deixando transparecer que nossa intenção é sempre realçar as narrativas que dificilmente seriam ouvidas diante de outras fontes históricas, essencialmente aquelas escritas, decorridas dos discursos oficiais.

¹¹⁷ MAYOL, Pierre. **A convivência**. In: CERTEAU; GIARD; MAYOL, op. cit., 2013, p 46.

¹¹⁸ MAYOL, Pierre. **A convivência**. In: CERTEAU; GIARD; MAYOL, op. cit., 2013.

¹¹⁹ SILVA, M. op. cit., 2019.

¹²⁰ PORTELLI, op. cit., 2016.

A esses personagens importantes, e por vezes esquecidos, é que fazem com que aconteça a história, pois como qualquer casa que construímos, não é feita de cima para baixo, e sim, o contrário, onde o discurso vencedor pertence apenas a aqueles que formam a elite tradicional.¹²¹

Portanto, as fontes orais nessa situação, nos auxiliam a discutir os limites do que diz ou não respeito à História.¹²² Desta forma, diante do analisado no processo de desenvolvimento do tema proposto, com a utilização dos entrevistados, que, neste caso em especial, tem relação com o modo de vida no Conjunto Dirceu Arcoverde. A maneira de viver destas moradoras, em algumas ocasiões, submetia-se a pequenas modificações no seu dia a dia, geralmente ocasionadas pelo emprego de festividades promovidas pelo Governo do Piauí. Tais festividades, neste caso, ficavam sob o encargo da Primeira Dama do Estado, Myriam Portella Nunes,¹²³ que promovia ação comemorativa do Dia das Mães, dando ênfase a quantidade de mulheres que deveriam comparecer, como destacado por periódico à época:

O Bairro Dirceu Arcoverde vai viver hoje a homenagem da comunidade às mães. É que a Comissão de Assistência Comunitária decidiu realizar as festas comunitárias em dias diferentes em todos os bairros, para que pudesse contar presença da presidente da CAC (Comissão de Assistência Comunitária), Dona Myriam Portella Nunes. Cerca de 150 mães deverão estar presentes hoje no Centro Social Urbano do bairro, para ouvir palestras, e assistir à apresentação de teatrinho de fantoches, dos palhaços e participar de lanche e distribuição de presentes.¹²⁴

Percebe-se, nesta ação realizada para homenagear as mães do Conjunto, certa demonstração de interesse em propagar o que se fazia por elas, mesmo de modo incipiente. Trata-se de mulheres que geralmente se ocupavam com serviços de limpeza, de lavar roupas, fazer as compras e as refeições, se desdobrando para baratear o custo de vida, atuando,

¹²¹ BARROS, Elisnauro Araújo; SOUSA NETO, Marcelo. **Sob o olhar feminino**: Teresina e o processo de ocupação do conjunto Dirceu Arcoverde (1977-1979). In: NASCIMENTO, Francisco Alcides; BRITO, Fabio Leonardo Castelo Branco; SÁ ALVARENGA, Julio Eduardo Soares de. **Caleidoscópio de histórias**: cultura, gênero, políticas e cidades. Teresina: EDUFPI, 2020, p. 211.

¹²² PORTELLI, op. cit., 2016.

¹²³ Primeira Deputada Federal (Constituinte), 1987-1991, (PDS/PI). Dt. Posse: 01/02/1987. Presidente da Federação das Bandeirantes do Brasil, Teresina, PI. Diploma do Conselho Nacional da Mulher do Brasil - planejamento Familiar, Rio de Janeiro, 1979; Presidente de Honra do MDS, 1983. Em setembro de 1978, seu marido [Lucídio Portela Nunes] elegeu-se indiretamente governador do Piauí. A partir de março do ano seguinte, na condição de primeira-dama do Estado, tornou-se presidente da Comissão de Assistência Comunitária 1979 - 1983, e presidente da Comissão Estadual do Ano Internacional das Pessoas Deficientes da Secretaria de Educação do Piauí, 1981. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividadelegislativa/legislacao/Constituicoes_Brasileiras/constituicao/cidadada/constituicoes/parlamentaresconstituicoes/constituicao20anos_bioconstituicoes?pk=103965. Acesso em: 23 abr. 2019.

¹²⁴ ARCOVERDE vive o dia das mães hoje. **O Dia**, ano XXVIII, n. 9029. Teresina, 28 maio, 1979, p. 01.

inclusive, como o médico de sua família;¹²⁵ múltiplas funções que destacam sua capacidade de gerenciar tudo o que está a sua volta, por vezes nunca valorizado. Nesse dia, ainda tiveram que ouvir um sermão do passado, como observar Rago:

Especialmente de cunho moral, este discurso pretende fundar um novo modelo normativo de feminilidade e convencer a mulher de que se deve corresponder a ele. Na verdade, [...] o centro de todo um esforço de propagação de um modelo imaginário de família, orientado para a intimidade do lar, onde devem ser cultivadas as virtudes burguesas.¹²⁶

Mais uma vez, fazia-se o emprego da ciência para legitimar esse discurso, e convencer aquelas mulheres que essa seria sua forma de contribuir para manter o seio familiar longe de qualquer ameaça. Rago afirma que:

No discurso médico, dois caminhos conduzirão a mulher ao território da vida doméstica: o instinto natural e o sentimento de sua responsabilidade na sociedade. Enquanto o homem é designado a esfera pública do trabalho, para ela o espaço privilegiado para a realização de seus talentos será a esfera privada do lar. Tudo o que ela tem a fazer é compreender a importância de sua missão de mãe, aceitar sem campo profissional: as tarefas domésticas, encarnando a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família.¹²⁷

Seria um ser feminino constituído por múltiplas tarefas, fundamental na formação dessa comunidade. Mas “nem tudo são flores”; aconteciam ocorrências lamentáveis quando a principal vítima era a mulher, sendo comum os casos de agressão física e assédio sexual, em que, para se obter êxito, existiam ameaças, a exemplo de episódio que um periódico à época registrou:

Um soldado da Polícia Militar, de nome Juarez, agrediu ontem às cinco e meia da tarde no Bairro Dirceu Arcoverde (Itararé), a corretora de seguros Maria Sousa dos Santos, porque não correspondeu às suas conquistas. A vítima compareceu à Central de Polícia para registrar queixa e lá, lhe informaram que o caso deveria ser registrado na Delegacia do 8º Distrito Policial no Itararé. Maria Sousa dos Santos, 18 anos, solteira, reside na quadra 105, casa 6, no antigo Itararé e o soldado também reside naquele conjunto, em frente ao mercado. O soldado é casado e há cerca de um mês vem perseguindo Maria Sousa, tentando conquistá-la de qualquer maneira. Ontem, perdeu a calma e partiu para a agressão.¹²⁸

¹²⁵ PERROT, op. cit., 2019.

¹²⁶ RAGO, op. cit., 1985, p. 83.

¹²⁷ RAGO, op. cit., 1985, p. 83.

¹²⁸ SOLDADO agride mulher que não entrou no papo. **O Dia**, ano XXVIII, n. 7080, Teresina, 01 jun. 1979, p. 08.

A notícia retrata um episódio de machismo no Conjunto, já que o abuso físico e o assédio sexual constituíam ameaça a muitas camadas de senhoritas e de senhoras,¹²⁹ em razão do estigma de que mulheres devem aceitar caladas, e até mesmo corresponder aos cercos que os homens fazem como se fosse algo natural. Esquecem-se, contudo, de que o respeito deveria ser o principal item da convivência entre homens e mulheres, principalmente nesta comunidade que ainda ganhava um corpo social em Teresina. Convém assinalar que casos como esses refletiam o modo de ver essa comunidade, geralmente pelo aspecto negativo da violência que sempre vitimava a mulher.

Entretanto, o enfoque desejado é evidenciar o quanto este Conjunto deve enaltecer o trabalho árduo do sexo feminino, posto que seu cotidiano através de uma constante batalha pela sobrevivência, à procura de formas de combater o desemprego, sempre com o objetivo de permanecer dignamente na região. Por isso, desde cedo muitas jovens começaram a trabalhar acompanhando suas mães na arte de ser crianças e trabalhadoras ao mesmo tempo, impressões manifestadas pela senhora Teresa Cristina que, “naquele tempo não havia caldo de cana, a mãe fazia quisuki, e nós íamos vender ali na fábrica de castanha do Antônio Machado, nós vendíamos pão com suco”.¹³⁰ Lembramos que essa fábrica de castanha, era a forma como alguns moradores se referiam a Usina Livramento.

Apesar dessa descrição, notamos ainda que a lembrança não segue um caminho metódico, podemos classificar quase de forma unânime que a disposição para ver as coisas pelo lado positivo predomina sobre o pessimismo.¹³¹ Observe-se, neste relato, com que orgulho a entrevistada conta esta passagem de sua vida, quando ela e sua mãe, também se deslocavam para vender seus lanches durante a construção do Dirceu Arcoverde II:

Minha tia fazia pastéis, só a massa mesmo, nós saía e ia vender às 9h e 3h da tarde, nós ia vender lanche porque estavam construindo, ali o outro, o Dirceu II, nós ia pra lá vender as coisas, com a bacia na cabeça, hoje o pessoal tem isopor, nós levava era mesmo o suco que era quente, porque não tinha geladeira, mas era quisuki mesmo, quisuki de uva para comer com pão, com pão massa grossa, nós vendia tudim, aí quando nós voltava, a mãe já tinha feito a comida, aí a gente botava dentro das vasilhas, e ia vender comida, minha infância todinha foi trabalhando, e até hoje eu trabalho.¹³²

Ao enfatizar esse cotidiano, destaca sua batalha para se sustentar com distinção trabalhando de sol a sol, atrelado ao desejo contínuo de buscar formas para que isso

¹²⁹ PERROT, op. cit., 2019.

¹³⁰ NASCIMENTO, T. op. cit., 2018.

¹³¹ CANDAU, op. cit., 2018.

¹³² NASCIMENTO, T. op. cit., 2018.

acontecesse, demonstrando sua força de vontade e de sua família de continuar na comunidade, apesar das carências existentes, onde a precariedade era regra e não exceção, mesmo cercado por tantos problemas, valia a pena ficar para construir sua vida na região. Assim, algumas vezes, para que possamos invocar nosso passado, geralmente se faz necessário recorrer às recordações de outros.¹³³ Desta forma, nos transportamos:

A pontos de referências que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. Não é menos verdade que não conseguimos lembrar senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, ou seja, nossa memória não se confunde com a dos outros.¹³⁴

Sabendo disso, é preciso trabalhar de forma, a atendermos, essas questões que envolvem nossa memória, informações indispensáveis para podermos visualizar fatos ocorridos, que deixaram marcas, na forma de agir de alguns moradores. Por isso, presenciamos no Dirceu Arcoverde, a atuação de parteiras, auxiliando às gestantes, antes durante, e após o trabalho de parto, objetivando trazer ao mundo, crianças, legítimos filhos do Conjunto, quando o nascimento deixou evidente, a íntima relação que se formava entre os residentes, e o Conjunto naquele momento.

Procuramos evidenciar o atendimento precário da saúde pública, e higienização, encontrada nesta região de Teresina, e como isso é retratado através da memória dos moradores, que enfrentaram esses obstáculos com dignidade, e persistência, para conquistar seu espaço na sociedade teresinense. Por isso, no capítulo a seguir, buscamos discutir o atendimento, através da oralidade dos entrevistados, reportagens, e documentos oficiais.

¹³³ HALBWACHS, op. cit., 2003.

¹³⁴ HALBWACHS, op. cit., 2003, p. 72.

3 DIRCEU ARCOVERDE: UM OLHAR SOBRE A PRECARIEDADE NO ATENDIMENTO À SAÚDE

O homem como um ser produtivo na sociedade contemporânea precisa estar sempre em dia com sua saúde, pois qualquer atividade que venha a desempenhar requer estar saudável com o corpo e a mente. Contudo, atualmente nos deparamos com questões relacionadas aos problemas causados pela precarização deste atendimento público no Brasil, em que elementos como saneamento básico precário, e higienização deficitária, colaboram para que este quadro fique aquém do desejado.

Desta forma, as condições de saúde pública encontradas pelos moradores do Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde, desde seu surgimento na segunda metade da década de 1970, há mais de quarenta anos, não diferem muito do que vemos hoje, uma vez que esses habitantes tiveram que passar por várias situações ruins, por causa das péssimas condições de estrutura do conjunto, que se refletiram diretamente no bem-estar, marcando seu modo de viver neste espaço.

Assim, ao fazermos um recuo no tempo, sabemos que a criação da Junta Central de Higiene no Rio de Janeiro, então Capital do Brasil, na segunda metade do século XIX, até o início da primeira década do século XX, apesar de algumas vezes ter modificado o nome, continuou com a mesma função; seu principal objetivo era a inspeção dos conjuntos residenciais daquele período, pois se entendia que nestes lugares se encontravam as “classes perigosas”, ou seja, basicamente escravos, ex-escravos e ex-detentos, e “classes pobres”, pessoas que podiam até ser trabalhadoras, mas não conseguiam poupar nem prosperar,¹ uma vez que estas habitações ficavam no centro da cidade, surgindo alegações de sua precariedade que poderia gerar enfermidade aos demais que moravam nas proximidades.

Havia deste modo, a necessidade da interferência dos higienistas nas políticas públicas de saúde, cujo foco era combater as doenças, objetivando deixar o espaço urbano saudável para uma determinada classe social,² aqueles que pertenciam à classe dominante, formada essencialmente pela Corte brasileira, altos funcionários e pessoas com alto poder econômico.

A medicina social, através de sua política higiênica, reduziu a família a este estado de dependência, recorrendo, o que mais é mais significativo, a argumentos semelhantes aos atuais. Foi também a pretexto de salvar os

¹ CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial/** Sidney Chalhou. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

² CHALHOUB, op. cit., 2017, p. 11.

indivíduos do caos em que se encontravam, que a higiene insinuou-se na intimidade de suas vidas.³

Ressaltamos, que no início o século XX, a medicina ainda se encontrava distante do ideal quanto ao atendimento eficaz, principalmente a população de baixo poder aquisitivo, um quadro que ao longo deste século, se modificou lentamente, reflexo visto durante a década de 1970. Essa situação foi vista de perto pelas famílias do Dirceu Arcoverde, que, desde o processo de formação do Conjunto, sofreram com o péssimo atendimento dos responsáveis pela saúde pública, que, mesmo após a inauguração de um Posto de Saúde, e entrega de uma ambulância à comunidade,⁴ ainda continuava precário. Percebe-se que o Governador Dirceu Arcoverde tinha primeiramente a demanda de colocar o mais breve possível as famílias para ocuparem as casas, deixando até mesmo o tema de higienização em segundo plano.

Convém assinalar que os primeiros residentes fichados, para a obtenção das casas, não apresentaram interesse em ocupá-las, motivados justamente pela situação de deficiência de habitação insalubre no Conjunto.⁵ Mesmo que estas famílias tivessem o desejo de ter uma casa própria, ao se depararem com a visão de que faltavam condições mínimas de moradia, onde teriam que conviver neste ambiente, e logo desistiam do sonho da casa própria.

Teresina neste período apresentava um processo de moldar lugares para abrigar famílias carentes, o desejo de adequar as famílias em espaços propícios, retirando-as de lugares considerados insalubres, sem higienização, em que as casas existentes não ofereciam as mínimas condições, como o próprio Dirceu Arcoverde, mas que era o local para a remoção dessas famílias. Era, à época, uma capital que almejava a ampliação urbana, para retirar os indivíduos necessitados de áreas que começavam a se tornar valorizadas.

Deste modo, durante as décadas de 1970 e 1980, acontece uma ampliação da malha urbana de Teresina, no sentido zona Leste,⁶ algo visto como necessário, por causa da implantação do Campus Ministro Petrônio Portela, da Universidade Federal do Piauí, na região do Planalto Ininga, e principalmente da construção de grandes conjuntos habitacionais

³ COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar** / Jurandir Freire Costa. Rio de Janeiro: Graal, 2004, p. 12.

⁴ DIRCEU homenageado no Conjunto Itararé. **O Dia**, ano XXVI, n. 4926. Teresina, 26 out. 1977, p. 01.

⁵ FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva; SOUSA NETO, Marcelo de. **Nasce um bairro, renasce a esperança: história e memória de moradores do Conjunto Dirceu Arcoverde**. Teresina: EDUFPI, 2017.

⁶ Para fins administrativos, foi criada através da Lei Nº 2.960 e 2.965, de 26 de dezembro de 2000. Na região da SDU Leste existem: Número de Bairros: 29 (vinte nove), representa 23,6% do total; Área Territorial: 62,87 km², representa 26,2% da área urbana; População Residente: 167.443 pessoas, representa 21% da população urbana; Densidade Demográfica: 2.663 hab/ km². Disponível em: <https://semplan.teresina.pi.gov.br/sdu-leste/>. Acesso em: 08 jun. 2020.

e do velho Hipódromo do Jóquei Clube.⁷ Interpretar este contexto histórico é essencial para que possamos fazer uma ilustração do que significou a falta de condições salubres presenciada neste Conjunto, através de seus habitantes quanto à precariedade vista no cotidiano, como mais um obstáculo à formação urbanística deste espaço.

No Conjunto, a passividade diante dos problemas não fazia parte da comunidade, tanto que eram constantes as reivindicações de atendimento médico adequado, sendo alvo de reclamações, e denúncias, devido às más condições encontradas na comunidade. Essa insatisfação foi presenciada em matéria realizada por periódico local. Observe-se:

No Bairro Itararé, ou Dirceu Arcoverde, o povo está reclamando contra o sistema de atendimento do posto médico local. Funcionando com apenas um médico, que dedica algumas horas de seu atarefado dia ao atendimento para a comunidade, o posto médico do bairro tem uma outra gravíssima deficiência: funciona apenas até às 20 horas. Daí em diante qualquer emergência local tem que vir para o centro de Teresina, Hospital Getúlio Vargas, para ser mais preciso.⁸

A matéria denuncia a precariedade do atendimento médico, prestado no Posto de Saúde, que causava constrangimento, pelo fato de que se deslocar até o Hospital Getúlio Vargas naquele instante era uma tarefa difícil, pela distância e falta de transporte. Em razão disso, a matéria continua a veicular que as reclamações levariam os moradores a tomarem outras providências, já que estavam:

Preparando ‘um abaixo-assinado para as autoridades’, não especificamente qual, mas deve ser o Governo do Estado. Os moradores do Dirceu Arcoverde não querem apenas que o posto médico do bairro fique aberto durante a noite, mas sim que ‘o posto fique aberto e que tenha médico para a consulta do povo’. – O problema de saúde aqui é sério [...]. Mas falta muita coisa no posto médico, recursos para seu bom funcionamento [...].⁹

Observamos, que as queixas da deficiência, no atendimento, a saúde, vivida pelos habitantes do Conjunto, eram frequentes; vale ressaltar que, mesmo diante deste cenário problemático, esses moradores demonstravam a determinação de buscar melhorias, tendo a consciência que poderia ser algo trabalhado ao longo dos anos, por isso, deviam ter disposição para enfrentar estes obstáculos, e realizar o sonho de morar numa casa própria.

⁷ FAÇANHA apud VIANA, Débora Silva. **Entre o concreto e o etéreo:** trabalho e memória dos trabalhadores da construção civil em Teresina na década de 1970. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – UFPI, 2013.

⁸ POSTO médico recebe críticas de moradores. **O Dia**, ano XXVIII, n. 7045. Teresina, 15 abr. 1979, p. 09.

⁹ POSTO, op. cit., 1979, p. 9.

Assim, perante estes limites, impostos aos habitantes do Conjunto, por sua condição social, a saúde, passou a ganhar maior importância, visto que, as enfermidades, se tornaram um “habitante indesejável” na região, e vivendo com as constantes promessas de avanços no atendimento, que esporadicamente tinha algum resultado satisfatório, mas, a demanda crescia dia após dia, demonstrando a urgência de combater a precariedade do atendimento.

Essa condição será exposta ao invocarmos, principalmente, as formas adotadas por seus moradores, para burlar essa situação, que dificultara o sonho da casa própria. Assim, ao recorrermos àquilo que todo ser humano idealiza como algo primordial para seu modo de vida, a saúde, pois o corpo é de fato suporte para conseguirmos os demais êxitos, sendo imprescindível superarmos as enfermidades com um atendimento médico eficiente quando necessário.

Trazemos este capítulo, com a discussão das formas utilizadas pelas famílias na tentativa de ter um atendimento adequado à saúde, abordando as questões da assistência médica e higienização da comunidade, destacando, o acompanhamento das parteiras as gestantes, antes, durante, e após, o nascimento das crianças no Conjunto. Por isso, serão disponibilizadas nossas leituras de história oral, e memória, necessárias para compreendermos nossos entrevistados, e não esquecendo-nos, de mencionarmos nossas fontes hemerográficas, e demais documentos oficiais, buscando delinear um caminho, que nos leve a compreensão deste período.

3.1 Acolher e tratar: um quadro sobre o atendimento médico aos moradores

Compreendemos que, numa abordagem envolvendo discussões íntimas como o atendimento médico, requer cautela pelo historiador, pois algumas narrativas utilizadas, carregam um significado presente na vida dos nossos entrevistados até os dias atuais, marcas que ficaram no corpo e na memória desses moradores. Assim, Etienne François¹⁰ destaca que, o valor da história oral, em primeiro lugar, é fundamental pelos seus elementos, já que dirige sua atenção especialmente aos “dominados”, silenciados, e suprimidos da história (mulheres, proletários, marginais, etc.), à história cotidiana e da vida particular, da localidade e profunda. Conforme François:

¹⁰ FRANÇOIS, Etienne. **A fecundidade da história oral**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. 6. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

Seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma “história vista de baixo”, atenta às maneiras de ver e de sentir, e que às estruturas “objetivas” e às determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente “micro-histórica”. A história oral não somente suscita novos objetos e uma nova documentação (documentos orais), como também estabelece uma relação original entre o historiador e os sujeitos da história.¹¹

Esses ingredientes estabelecem uma ligação que deve ser cultivada, primeiro, pelo respeito entre ambos, tendo o historiador a sensibilidade de trabalhar este sujeito, essencialmente por ter o conhecimento de que história oral possibilita ainda a recuperação daquilo que não achamos em registros de diferentes espécies, como eventos pouco expostos ou jamais invocados, saberes pessoais, noções individuais.¹² Essas informações nos oferecem um conhecimento riquíssimo, o simples gesto de ingerir água poderia causar doenças, como nos conta o senhor Marcos Venicio:

A água não era tratada, pegava no posto, no chafariz ali, aí vinha e jogava no pote, porque a gente não tinha geladeira, poucas pessoas tinham geladeira no bairro, também não tinha energia, entendeu? Então, a doença mesmo era a diarreia, eu lembro da diarreia.¹³

Essa narrativa demonstra que, a qualidade duvidosa da água, poderia ser o gerador de casos de diarreia¹⁴ entre os moradores, ressaltando, o que fora exposto a respeito da péssima qualidade deste produto, e endossado novamente pela matéria a seguir, sobre o aspecto peculiar, e característica desta água do Conjunto:

O mais curioso, conta a comunidade, é que exames feitos na água consumida pelo o povo do Itararé, um médico constatou de cinco graus de sal e dois graus de óleo. Ora, aprende-se na escola, ainda no antigo primário, que água pura não tem sabor, cheiro ou cor. O que não acontece com a água do chafariz do bairro Itararé.¹⁵

¹¹ FRANÇOIS, Etienne. In: FERREIRA; AMADO, op. cit., 2006, p. 4.

¹² ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 22.

¹³ SOUSA, Marcos Venicio Gomes de. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência do entrevistado. Teresina, 1 ago. 2018.

¹⁴ As principais características da diarreia são o aumento do número de evacuações e a perda de consistência das fezes, que se tornam aguadas. Uma das complicações mais perigosas é a desidratação. Adultos são mais resistentes, mas bebês, crianças e idosos desidratam-se com facilidade, até em menos de 1 dia. Boca seca, lábios rachados, letargia, confusão mental e diminuição da quantidade de urina são sintomas de desidratação que, além de diminuir as reservas de água do corpo humano — constituído por cerca de 75% de água —, reduzem os níveis de dois importantes minerais: sódio e potássio. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/diarreia/>. Acesso em: 09 jun. 2020.

¹⁵ NO ITARARÉ o povo reclama da falta d'água. **O Dia**, ano XXVII, nº 5030. Teresina, 05/06 mar. 1978, p. 08.

Sabe-se, que o atendimento médico é primordial para estes casos, uma vez que muitos gostam de mencionar com frequência que a “maior riqueza do homem é a saúde”, pois é através dela que conseguimos o restante, imprescindível em sua vida, sob todos os aspectos, pessoal ou profissional. Assim, o vínculo com o bem-estar também era um fator essencial para os moradores. Durante a década de 1970, foram frequentes as discussões, a respeito da implantação de uma política pública de saúde no Brasil, sendo divulgado pelos meios de comunicação, como o jornal *O Estado*:

“Ainda não existe em nosso país, de uma forma definida, uma política de saúde. As atividades do setor, tem sido desenvolvidas localizando problemas específicos básicos e conjunturais, sem um programa integrado de prevenção das doenças e proteção da saúde”. A afirmação é do Dr. João Caetano da Silva Junior, professor de Higiene e Medicina Social da Faculdade Paulista de Serviços Sociais, que coordenará as discussões sobre “Medicina de grupo e definição de uma política de saúde”, durante o II Congresso Internacional de Medicina de Grupo, que será realizado de 10 a 15 de março do próximo ano.¹⁶

Notamos que a matéria inicia, com uma citação bastante clara, e objetiva, fazendo uma crítica, quanto a não precaução de mazelas, e assistência a saúde, que seriam alvos de debates durante um congresso que seria realizado. Nesta configuração, o desejo pela salubridade dos espaços, sobretudo, quando retornamos para falar do Conjunto, constitui, notadamente, um dos pilares fundamentais ao atendimento médico, mesmo, que esta região de Teresina, tenha sofrido com surtos de várias doenças, justamente pela falta de atenção a esse tema. À vista disso, aconteceram alguns casos de *Sarampo*¹⁷ entre os moradores, divulgados em periódico:

O Sarampo está matando as crianças no Bairro Itararé, na zona rural de Teresina, onde moram hoje mais de 4 mil famílias. Já houve casos em que morreram duas crianças por dia. Mas de trinta crianças estão agora com sarampo, pneumonia, febre, vômitos e gripe. No posto médico do bairro, a situação é de total abandono: o médico raramente aparece e não existe medicamento, ‘nem um melhora!’. As Sras. Maria Cândida da Cruz, mãe de oito filhos, dos quais uma menina de nove anos que está com sarampo, e Maria Santana do Rêgo, mãe de três filhos, dos quais um de um ano está

¹⁶ BRASIL ainda não tem uma política de saúde. **O Estado**. Ano IV, n. 134. Teresina, 13 jan. 1973, p. 07.

¹⁷ O sarampo é uma doença infectocontagiosa provocada por um *Morbilivirus* e transmitida por secreções das vias respiratórias como gotículas eliminadas pelo espirro ou pela tosse. O período de incubação, ou seja, o tempo entre o contágio e o aparecimento dos sintomas, é de cerca de 12 dias, mas a transmissão pode ocorrer antes do aparecimento dos sintomas e estender-se até o quarto dia depois que surgiram placas avermelhadas na pele. O sarampo é uma doença potencialmente grave. Em gestantes, pode provocar aborto ou parto prematuro. Sintomas do Sarampo: Manchas avermelhadas na pele (exantema maculopapular eritematoso), que começam no rosto e progridem em direção aos pés; Mal-estar; Conjuntivite; Coriza; Perda do apetite; Manchas brancas na parte interna das bochechas (exantema de Koplik); Otite; Pneumonia; Encefalite. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sarampo/>. Acesso em 10 jun. 2020.

com sarampo, afirmam que a situação do povo no Itararé é por demais triste.¹⁸

Uma situação enfrentada cotidianamente por estas pessoas, colocadas nesta condição, é consequência de pertencerem a uma classe social “inferior” economicamente, isto é, não pertenciam à classe média nem à alta sociedade teresinense, que geralmente comandavam as políticas públicas de urbanização, e mesmo de higienização dos ambientes, durante a ampliação da malha urbana da cidade. Portanto, a interferência parecia satisfazer à má declarada prática de tornar o espaço citadino saudável para determinado setor da população,¹⁹ ou melhor, aqueles de maior poder econômico, como, por exemplo, empresários, comerciantes, industriais, políticos, entre outros. Neste instante, observamos a concepção de um indivíduo higiênico, com direcionamento à atender essa classe de maior poder econômico, pois:

A educação física defendida pelos higienistas do século XIX criou, de fato, o corpo saudável. Corpo robusto e harmonioso, organicamente oposto ao corpo relapso, flácido e doentio do indivíduo colonial. Mas foi este corpo que, eleito representante de uma classe e de uma raça, serviu para incentivar o racismo e os preconceitos sociais a ele ligados. Para explorar e manter explorados, em nome da superioridade racial e social da burguesia branca, todos os que, por suas singularidades étnicas ou pela marginalização socioeconômica, não logravam conformar-se ao modelo anatômico construído pela higiene.²⁰

Assim sendo, se constituía uma diferença social segundo esses preceitos, fomentando o pobre como perigo social, desde o final do século XIX, concebido, metaforicamente, por doença contagiosa,²¹ por não atender aos requisitos descritos, promovendo o pensamento de que era necessário colocar tais indivíduos em lugares com as mínimas condições de salubridade.

Contudo, ao fazer a remoção para o Conjunto, que não contava sequer com atendimento médico, e um espaço ainda deficitário de salubridade, ficavam essas famílias à mercê da sorte de não adoecerem, o que era praticamente impossível pelas deficiências do Conjunto. Ficamos com a certeza de que a questão da necessidade da ampliação urbana entra em choque com a questão social, ao não adotar no Conjunto as mínimas condições de habitação.

¹⁸ SARAMPO é surto no Itararé. **O Dia**, ano XVII, n. 5029. Teresina, 4 mar. 1978, p. 01.

¹⁹ CHALHOUB, op. cit., 2017.

²⁰ COSTA, op. cit., 1999, p. 13.

²¹ CHALHOUB, op. cit., 2017.

Este deslocamento de famílias estaria simplesmente na alegação não velada de que os costumes de habitação dos pobres eram perigosos à sociedade, porque as casas constituiriam focos de erradicação de surtos, além de, facilmente, os terrenos serem fecundos para a proliferação de vícios de vários tipos.²² Essas condições em que algumas famílias viviam anteriormente estavam ironicamente presentes no Dirceu Arcoverde.

Com esta situação, muitos moradores recorriam a automedicação, como forma de tratar as enfermidades, mesmo que, por vezes, não surtisse o efeito desejado. Mas era o único meio que muitos tinham para tentar combater os sintomas em seus corpos, pois não sabiam quando poderiam se consultar com um médico, e a doença não escolhe dia nem local para surgir e se propagar entre as pessoas.

A discussão sobre as formas de proliferação de doenças demonstrava tratar-se basicamente de delimitar o uso do solo, havia o interesse de realocar famílias para lugares distantes de áreas que começavam a se tornar nobres em Teresina, e não havia espaço destinado aos pobres. Quanto ao Conjunto, não se viu preocupação em adequar a comunidade a tais preceitos higiênicos, tão urgentes como se propagava, onde o atendimento médico deveria ser efetivo.

A propósito, Sidney Clalhoub apresenta essas “classes pobres” descrevendo:

Se caracterizam muito mais pela fluidez, pela ambiguidade, do que por qualquer esforço consequente de precisão de conceitos. Esta ambiguidade, obviamente, é carregada de significados: como se trata de conceitos altamente estigmatizantes, a imprecisão aumenta infinitamente a possibilidade da suspeição, ampliando assim a esfera da intervenção das autoridades públicas e comprimindo, por conseguinte, a cidadania.²³

A principal finalidade dos mandatários estaria ligada a tão somente buscar, por meio do discurso médico e higienização, as formas de usar a ciência como trampolim para o que realmente queriam de fato, isto é, visando somente construir espaço privilegiado e exclusivo de convivência. Portanto, a população da região não teria outra alternativa, a não ser buscar formas de driblar a situação lamentável, ficando marcado na memória do senhor Marcos Venicio, e sabendo da existência dessa vulnerabilidade pelo fato do posto de saúde ser:

O único da região, a gente não tinha o Getúlio Vargas, porque era muito longe, não tinha, o transporte era caótico, só tinha dois ônibus, então, era aqui, ou era aqui no posto de saúde. [...], mas aqui mesmo era coisinha

²² CHALHOUB, op. cit., 2017.

²³ CHALHOUB, op. cit., 2017, p. 46.

pouca, o que dava pra resolver era aqui no posto de saúde mesmo. [...] a Francinete, na época, era enfermeira aqui, ela mora bem aqui (quadra 112 casa 2). [...] foi uma das pioneiras em termos de enfermagem [...].²⁴

Presenciamos nesta narrativa, a questão da dificuldade do deslocamento dos pacientes ao HGV, uma vez que o posto de saúde não contava com atendimento para casos mais complexos. Devemos lembrar que a enfermeira citada, Francinete, atualmente encontra-se sofrendo de transtorno mental, por isso, inacessível para fazermos uma entrevista, para tratarmos a respeito do atendimento oferecido neste posto de saúde.

Lembramos que, o Hospital Getúlio Vargas (HGV), tornou-se referência em saúde pública do Estado, de pequena e alta complexidade, desde sua inauguração em 03 de maio de 1941, idealizado pelo Interventor Leônidas de Castro Melo, e em substituição à Santa Casa de Misericórdia, que funcionara em Teresina desde 1852.²⁵ Assim, o HGV iria propiciar um avanço nas questões de atendimento de pequena, média, e alta complexidade, cuja estrutura física contava com dois pavimentos ocupados por diversas especialidades. Na imagem a seguir, se pode perceber a grandiosidade da construção, para a época, quando de sua inauguração (Imagem 14).

Imagem 14 – Fachada do HGV em 1941



Fonte: Portal do Governo do Estado do Piauí
Disponível em: http://www.hgv.pi.gov.br/acervo_historico.php

²⁴ SOUSA, M. op. cit., 2018.

²⁵ PIAUÍ, Portal do Governo do Estado do. Disponível: http://www.hgv.pi.gov.br/acervo_historico.php. Acesso em: 31 mai. 2019.

Posteriormente, a construção inicial passou por uma ampliação durante o Governo de Petrônio Portela Nunes (1963-1966), após atender as recomendações dos diretores do HGV, Dr. Francisco Ramos e Dr. Luís Fortes, para que fosse construído o terceiro pavimento para a instalação do Centro Cirúrgico, fazendo com que o hospital ganhasse ainda mais notoriedade. Observe-se (imagem 15) a fachada do HGV.

Imagem 15 – Fachada do HGV na década de 1970



Fonte: Portal Folha de Oeiras

Disponível em: <http://www.folhadeoeriras.com/noticia/1983/Oeirense-ganha-premio-e-lanca-livro-em-Teresina>

Com base nas imagens, observa-se que este centro médico da capital teve considerável ampliação no período. Por isso, é referência para uma população muito mais ampla que a teresinense, importância que se expandiu ainda mais com o passar dos anos. Para os moradores do Dirceu Arcoverde, mesmo com a dificuldade de atendimento no HGV em razão da distância, havia a persistência para que o quadro mudasse, já que este abandono da saúde pública refletiu na memória dos moradores. Vejamos o relato da senhora Maria Nazaré, acerca da situação encontrada no posto de saúde:

Péssima, não tinha saúde, a saúde era assim [...], se a mulher vinha para parir tinha umas camas [...], recebia uma coisa e outra, um remédio e pronto. O médico vinha uma vez por semana, ou de mês em mês, [...]. A gente chegava lá, para o médico vir era uma luta.²⁶

²⁶ NASCIMENTO, M. op. cit., 2018.

Entretanto, uma pequena modificação aconteceu, quando o Posto de Saúde saiu das instalações da Quadra 96 Casa 01, indo para o Centro Social Urbano (CSU), no início da década de 1980.²⁷ Neste prédio, a população contava com uma melhoria estrutura, e o atendimento era feito pelo “Doutor Ivan, que foi aqui o médico do Dirceu, que sempre consultou os idosos, e todo mundo gostava dele, ele morreu [...], ele se matou [...] o Doutor Ivan”,²⁸ e as enfermeiras eram, “a Dona das Dores, Dona Helena, a Rosa”,²⁹ informações dão conta que estás também já faleceram. Nota-se com essas duas narrativas, o valor da memória, pois sem a mesma:

O sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si.³⁰

Necessitamos enfatizar que, essa noção é inerente ao indivíduo, e deve ser observada no desenrolar de uma pesquisa, quando trabalhamos diretamente com um público diversificado, tratando de pontos que necessitam de recuo, ao passado, através da reminiscência. Consequentemente, tais ações se investem de importância indispensáveis, visto que, ao resgatar uma lembrança, enfatizamos a identidade daquela pessoa na sociedade. Deste modo, os moradores estavam diante de uma realidade onde era necessário melhorar o atendimento a população, e vimos que inauguração do Hospital do Dirceu Arcoverde II, em 10 de dezembro 1981,³¹ significou a ampliação de espaços de atendimento à Saúde no Conjunto, espaços que permaneceram fortemente gravados nas memórias de seus moradores, no que se refere à questão do bem-estar. Assim, a memória é um componente fundamental do que nos habituamos a nomear *identidade*, particular ou coletiva,³² onde observamos sua atuação dentro da comunidade, moldando cotidianamente este espaço urbano de Teresina.

²⁷ BARROS, Elisnauro Araújo. **A saúde no Dirceu: discurso médico e higienização do Bairro Dirceu Arcoverde.** Monografia (Graduação em História) - UESPI, 2012.

²⁸ JESUS, Maria de Fátima de. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência da entrevistada. Teresina, 28 mai. 2018.

²⁹ SILVA, Maria da Conceição Santos e. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência da entrevistada. Teresina, 6 abr. 2019.

³⁰ CANDAU, Joël. **Memória e identidade.** 1. ed. 4. reimp. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018, p. 59-60.

³¹ BARROS, op. cit., 2012.

³² LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 7. ed. rev. [Tradução Bernardo Leitão et al.] Campinas, SP: Unicamp, 2013.

É importante esclarecermos que o comparecimento de autoridades de âmbito federal, Jair Soares,³³ e Waldyr Arcoverde,³⁴ denotam a relevância política do evento, e deixando a impressão que, dali em diante, haveria um salto de qualidade no atendimento aos moradores. Lembramos, que mesmo após a implantação deste hospital, infelizmente, os quadros mais graves eram sempre direcionados ao HGV, deixando novamente margem para queixas ao atendimento prestado.

Entendemos que é inegável a importância do ambiente onde vivemos a nossa saúde, e que o homem é suscetível as doenças que o cercam, ressaltando que as condições sanitárias são essenciais para uma vida saudável, sendo um tema de discussão e interesse da sociedade ao reconhecer sua relação quanto à instalação de um sistema sanitário que atenda a necessidade da população, buscando resolver a péssima qualidade no Brasil, agravada principalmente durante o século XX com o desenvolvimento das grandes cidades.

Por isso, sabemos que Teresina vislumbrou o processo de ampliação urbana durante a década de 1970, mas, essa expansão não atendeu a todos na questão sanitária, e que o Conjunto Dirceu Arcoverde sendo um reflexo deste cenário, onde seus moradores padeceram pela deficiência do serviço. Assim, iremos discutir como tais elementos causavam o desconforto aos moradores deste residencial, tornando-se mais um obstáculo a ser enfrentado no seu cotidiano.

3.2 Higiene e saneamento: a deficiência do sanitarismo no Conjunto Dirceu Arcoverde

Ao discutir as questões sobre o sanitarismo,³⁵ somos levados a perceber o contraste entre as promessas feitas às famílias e ao ambiente presenciado, principalmente por sabermos que foi usada a metodologia da higienização deste espaço para a vinda desses habitantes. Argumento como este era uma prática comum para convencer aqueles que ainda relutavam em vir morar no Conjunto, onde o mesmo serviço de coleta de lixo era ineficiente, pois não existia uma fiscalização para identificar o descarte irregular feito na região. A respeito deste

³³ Dentista, advogado e político gaúcho, que se licenciou do mandato de Deputado Federal na Legislatura 1979-1983, para exercer o cargo de Ministro da Previdência Social, de 1979 a 1982. Governador (a), RS, Partido: PDS, Período: 1983 a 1987; Vereador(a) , RS, Partido: PFL, Período: 1993 a 1995. Renunciou, em 1995, ao mandato de Vereador de Porto Alegre, RS, na legislatura 1993-1997, para assumir o mandato de Deputado Federal... Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/73899/biografia> . Acesso em: 14 jun. 2020.

³⁴ Nascido em Amarante, ele foi o primeiro piauiense a ocupar a pasta, no governo João Figueiredo, de 30 de outubro de 1979 a 15 de março de 1985. Waldyr era irmão do ex-governador do Piauí, Dirceu Arcoverde. Formou-se em medicina pela Universidade Federal do Paraná e foi médico sanitário no Rio Grande do Sul. Faleceu em 30 de novembro de 2017, aos 85 anos. Disponível em: <https://180graus.com/noticias/morre-waldyr-arcoverde-primeiro-piauiense-ministro-da-saude>. Acesso em: 14 jun. 2020.

³⁵ São medidas que visam garantir a conservação da saúde pública, especialmente a higiene, e o saneamento básico.

assunto, a senhora Maria de Fátima esclarece que, “era precário, [...] jogava no meio da rua, o antigo CSU, bem na frente era o lixão, e a galeria também. [...] colocava o lixo [...] onde eram os colégios, e o Almeidão, ali se fazia a coleta de lixo de coisa e construção, e era jogado ali pra lá”.³⁶ Assim, a moradora expõe que os espaços onde seriam construídos as escolas, o campo de futebol, e o prédio do CSU, eram utilizados como pontos de descartes de lixo pelos moradores, ou seja, locais de proliferação de doenças e a prova da deficiência deste serviço público de coleta do lixo domiciliar.

Notadamente vemos uma espécie de separação de espaços de convivência na cidade, e o atendimento diferenciado quanto a estas questões, quando o afastamento do centro da capital deixava margem a este tipo de tratamento excludente, e ao mesmo tempo sabendo que a questão habitacional brasileira no começo da República, segundo Paulo Martins, fez aumentar a preocupação com:

A diferenciação entre ruas e casas, entre espaços “públicos e privados”, devia ainda ser necessariamente acompanhada pela geografia de exclusão e segregação social, que acabasse separando em bairros distintos os diversos segmentos da sociedade.³⁷

Assistimos entre os moradores algumas atitudes de lidar com esta distinção, como, buscar amenizar essa questão da eliminação do lixo dos quintais das residências, simplesmente colocava fogo no entulho que se acumulava, e isso muitas vezes criava até mesmo atrito entre vizinhos pela fumaça que saía do lixo. Mas, Norbert Elias³⁸ destaca que o processo civilizador criou normas de conduta social ao indivíduo. Desta forma:

A teia de ações tornou-se tão complexa e extensa, o esforço necessário para comportar-se “corretamente” dentro dela ficou tão grande que, além do autocontrole consciente do indivíduo, um cego aparelho automático de autocontrole foi firmemente estabelecido. Esse mecanismo visava a prevenir transgressões do comportamento socialmente aceitável mediante uma muralha de medos profundamente arraigados, mas, precisamente porque operava cegamente e pelo hábito, ele, com frequência, indiretamente produziam colisões com a realidade social.³⁹

³⁶ JESUS, op. cit., 2018.

³⁷ MARTINS, Paulo. **Habitação e vizinhança**: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 136.

³⁸ ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: Formação do estado e civilização. Vol. 2 [Tradução da versão inglesa, Ruy Jungmann; revisão, apresentação e notas, Renato Janine Ribeiro]. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

³⁹ ELIAS, op. cit., 1993, p. 196.

Neste caso, o choque da realidade existente no Conjunto, provocava a utilização desse método de eliminação de materiais que fazia parte do cotidiano dessas famílias, que buscavam alternativas pela falta de saneamento básico.⁴⁰ Segundo Ana Cristina Augusto de Sousa,⁴¹ os reconhecidos resultados do saneamento sobre a diminuição das causas de doenças e mortes por causas contaminadoras e parasitárias, transformaram a política de saneamento, fundamental ao bem estar social e à saúde pública.

Mesmo sabendo dessa informação importante, as particularidades do Conjunto, a exemplo das más condições de higienização encontrada pelos habitantes do Dirceu Arcoverde, nos ajudam a entender o processo de organização, e de carência sanitária, a que estavam submetidos seus moradores. Esse quadro, ainda ficou mais transparente, pois até:

As fossas do conjunto Dirceu Arcoverde (Itararé) já começaram a estourar de acordo com denúncias recebidas pelo vereador Kleber Carvalho, da Arena, que pediu ontem uma nova infraestrutura para evitar que “aquele conglomerado de casas” se torne em breve um grande foco de doenças. Para Kleber Carvalho, que por diversas, já se pronunciou na Câmara de Teresina contra a construção das casas –, “ou melhor, embriões” – em condições tão precárias e em grande número, a Companhia de Habitação do Piauí, tem que se preparar para fazer a construção de novas fossas os próximos quatro anos. Segundo ele, algumas fossas das primeiras casas ocupadas estão estourando, devido à sobrecarga, e porque não existe um sistema de esgoto ou canalização que possa fazer com que os dejetos dos moradores dos conjuntos sejam jogados em outro ponto muito afastado do bairro.⁴²

A realidade desse residencial estava bem distante da ideal, fazendo com que várias famílias utilizassem o método de escavar fenda no quintal para enterrar os dejetos.⁴³ Fontes, como os periódicos, noticiaram, à época, a triste realidade enfrentada pelos indivíduos formadores dessa comunidade; e a notícia mais amedrontadora se tratava do risco de disseminação de doenças, por causa da falta de esgotamento adequado das fossas. Sabia-se que, em lugares onde havia saneamento básico, isso dificilmente aconteceria.

Assim, contando que a comunidade não existia uma fiscalização para prevenir a falta de higiene, onde quem de fato exercia essa inspeção, eram os próprios vizinhos, seja por meio de discussões ou reclamações, que, por vezes, chegavam a criar inimizades. Pode-se,

⁴⁰ De acordo com a Lei 11.445/07, podemos definir como saneamento básico, o conjunto de serviços, infraestruturas, e instalações operacionais de abastecimento de água potável, esgotamento sanitário, limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos e drenagem e manejo das águas pluviais urbanas. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/biologia/o-que-e-saneamento-basico.htm>. Acesso em: 22 nov. 2019.

⁴¹ SOUSA, Ana Cristina Augusto de. **Política de Saneamento no Brasil: atores, instituições e interesses**. Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2011.

⁴² DENÚNCIAS: fossas estouram e Itararé será foco de doenças. **O Estado**, ano X, n. 1917. Teresina, 24, 25 jun. 1979, p. 07.

⁴³ BARROS, op. cit., 2012.

inclusive, fazer uma analogia com o cenário ocorrido no Rio de Janeiro, com a chegada da Corte Portuguesa no século XIX,⁴⁴ quando o quadro apresentado de falta de higiene era tão precário, a ponto de ser necessário que a administração portuguesa tivesse que contar com o auxílio de *almotacés*⁴⁵ de higiene para enfrentar esta situação.⁴⁶ Se fazia necessária:

Ação vigilante da justiça operava no mesmo universo de punição que caracterizava a represália aos marginais. Ela era descontínua, fragmentar e, acima de tudo, não sabia prevenir. A própria relação numérica almotacé-população excluía a possibilidade de um controle permanente. A medicina, servindo-se de técnicas análogas às da militarização, contornou esta situação. Suscitou o interesse do indivíduo por sua própria saúde. Cada habitante tornou-se seu próprio almotacé e, em seguida, almotacé de sua casa e da vizinhança.⁴⁷

Deste modo, acontecia uma vigilância quanto aos cuidados com a higienização dos ambientes comuns, tudo em nome do bem-estar. Bem, é verdade que a cidade se transformou na sede do Governo Português, portanto, deveria ter seu ambiente condizente com a importância que lhe fora dada com a chegada da Corte portuguesa. Contudo, quando falamos a respeito de higienizar o espaço do Dirceu Arcoverde, já havia, entre outros, um empecilho à população, como, por exemplo, a intensa presença de cães, propagadores de mazelas, causadas pela não ação preventiva de recolher aqueles que apresentavam *zoonoses*,⁴⁸ na comunidade, sendo motivo de reportagem que enfatizavam a situação:

Moradores do conjunto residencial Dirceu Arcoverde estão alarmados com o número de cachorros doentes naquele bairro, com muitas chagas muito vivas, perambulando pelas ruas juntos com as crianças. Esses moradores se queixam da ausência da carrocinha da Prefeitura e alegam que quando os cães eram sadios ela passava quase que diariamente arrastando os mesmos pelo pescoço. “Bairro de pouca urbanização, com fossas que já começaram a rebentar, dentro de pouco tempo estará se transformando numa perigosa favela” – observam os moradores.⁴⁹

Ressalvamos que, essa denúncia contra a má atenção do poder público, em relação aos vetores de doenças, como é caso, dos cães vadios, que circulavam pelo Conjunto, cães doentes, demonstra a insegurança quanto a higiene deste espaço, onde existia a presença de

⁴⁴ COSTA, op. cit., 2004.

⁴⁵ Oficial municipal responsável por fiscalização.

⁴⁶ COSTA, op. cit., 2004.

⁴⁷ COSTA, op. cit., 2004, p. 29.

⁴⁸ Palavra de origem grega, cujo *zoon* significa animal e *noses* doença. Nome genérico das doenças dos animais que podem ser transmissíveis ao homem.

⁴⁹ CÃES no Itararé. **O Dia**, ano XXVIII, n. 8096. Teresina, 20 jun. 1979, p. 01.

outros animais soltos, como porcos, que circulavam pelas ruas, se alimentando geralmente de materiais em decomposição encontrado no lixo. Havia discussões entre moradores, já que muito se incomodavam com estes animais transitando pela comunidade. Por isso, reclamações a respeito dos constantes perigos, aos quais os moradores estavam expostos, tornavam essa região, um lugar que não atendia as mínimas condições de higienização.

A deficiência estrutural contava com mais um agravante, a precariedade do saneamento e higiene encontrada no cenário brasileiro, já que as condições ambientes vinham de encontro à política vigente, tendo-se em vista que o País contava com o Plano Nacional de Saneamento (PLANASA), criado pelo Estado em 1970. Por isso, devemos lembrar que antes do PLANASA:

Até 1970, o setor do Saneamento Básico no Brasil havia se caracterizado por: 1. Projetos isolados, no âmbito de cada comunidade; 2. Ausência de um sistema racional de tarifas de deterioração das mesmas pela inflação; 3. Política de empreguismo das operadoras; 4. Escassez de recursos financeiros, humanos e técnicos; grande número de organismos atuando, sem coordenação.⁵⁰

Assim, este setor se encontrava atrasado, e ainda sem contar com recursos financeiros suficientes para investimentos, ou seja, um setor que sofria pela ineficiência. Portanto, com a criação deste plano teve enorme importância de organizar pela primeira vez, uma política à longo prazo para zerar o déficit, e estabelecer a acessibilidade de água e esgoto, baseando-se em ideais que ainda hoje são válidos.⁵¹

1. Eficiência e Eficácia na Operação; 2. Planejamento; 3. Estudo de Viabilidade Global (EVG); 4. EVG com 5 anos de horizonte e revisão anual; CAPACITAÇÃO e QUALIFICAÇÃO dos Recursos Humanos, com 117 mil oportunidades de treinamento entre 1973 e 1986; 5. Redução de Custos, através de Ganho de Escala e Desenvolvimento Institucional; 6. Subsídio Cruzado; e - os Fundos de Água e Esgotos; 7. FAE's em cada estado, alimentados com até 5% da Receita Tributária Estadual (RTE), e projetados para tornar auto suficiente o financiamento do setor dentro de 20 anos.⁵²

Compreendemos que estas metas buscava nortear o sistema de saneamento básico, e ao mesmo tempo, retirar o atraso deste setor no Brasil. Apesar disso, O PLANASA (1970-

⁵⁰ Artigos Saint-Gobain Canalização. Disponível em: <https://www.sgpam.com.br/artigos/do-planasa-ao-plansab-os-ultimos-50-anos-da-agua-e-do-esgoto-no-brasil>. Acesso em 13 jun. 2020.

⁵¹ Artigos Saint-Gobain Canalização. Disponível em: <https://www.sgpam.com.br/artigos/do-planasa-ao-plansab-os-ultimos-50-anos-da-agua-e-do-esgoto-no-brasil>. Acesso em: 13 jun. 2020.

⁵² Artigos Saint-Gobain Canalização. Disponível em: <https://www.sgpam.com.br/artigos/do-planasa-ao-plansab-os-ultimos-50-anos-da-agua-e-do-esgoto-no-brasil>. Acesso em: 13 jun. 2020.

1986), nunca chegou a investir 1% do Produto Interno Bruto (PIB). No entanto, conseguiu aumentar, na década de 1970 e 1980, de 54,4% para 76%, o número de residências atendidas com abastecimento de água da rede pública, e de 22,3% para 36% a quantidade de residências que tinham instalação sanitária de uso exclusivo.⁵³

No entanto, apesar desse aumento na rede sanitária, ainda existia um déficit de cerca de 64% que não foi contemplado, ficando a qualidade sanitária brasileira aquém do desejado. Assim, Teresina refletia este cenário, e o Dirceu Arcoverde não estava imune, pois, sendo uma área afastada do centro administrativo da capital, dificultava a implantação do saneamento básico na região, fazendo parte de questões de matérias de periódicos locais, expondo a situação do acúmulo das águas de chuva no Conjunto, publicando:

Quanto ao aspecto sanitário, a situação está abaixo de zero: quando é a época de inverno, as águas acumulam nas ruas servem de piscina para os porcos, além de focos de doenças infecto-contagiosas, muriçocas e similares. Quando é na época do verão, é a imensa massa de poeira, provocando gripes, e irritando as pessoas, “sujando tudo dentro de casa”.⁵⁴

Presencia-se, então, a ausência de atitudes do poder público quando está demanda do Conjunto, pois em qualquer das estações do ano, sempre existia graves problemas pela falta de infraestrutura. Devemos ressaltar que esta região era um reflexo da falta de políticas públicas que vinham desde o início do século XX, ocasionada pela situação sanitária precária que vivia o Estado,⁵⁵ no qual a falta de investimento neste setor se tornara recorrente, fazendo com que a população ficasse exposta a doenças, principalmente os indivíduos da “classe pobre” da cidade. É interessante sabermos que, a preocupação com as condições sanitárias:

E de suas relações com a saúde do ser humano remonta às mais antigas civilizações humanas. Egípcios, gregos e romanos cuidavam de suas águas e dejetos. Ruínas de uma civilização que se desenvolveu ao Norte da Índia há aproximadamente 4.000 anos evidenciam indícios de hábitos sanitários, incluindo a presença de banheiros e esgotamento sanitário nas construções civis, além de drenagem nas ruas.⁵⁶

⁵³ COSTA, Nilson Rosário da. **Infraestrutura urbana, saneamento e qualidade de vida**. *Revista Saúde em Debate* n. 29, 1990.

⁵⁴ NO ITARARÉ o povo reclama da falta d'água. **O Dia**, ano XXVII, nº 5030. Teresina, 05/06 mar. 1978, p. 08.

⁵⁵ ALVARENGA, Antonia Valtéria Melo. **Desenvolvimento e segregação: políticas de modernização e isolamento compulsório de famílias afetadas pela lepra no Piauí (1930-1960)**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense – UFF, 2011.

⁵⁶ SOUSA, Ana Cristina Augusto de. **Por uma política de saneamento básico: a evolução do setor no Brasil**. *Achega. net*. v. 2, 2006.

Notamos, a inexistência da preocupação com um sistema sanitário para o Dirceu Arcoverde, citada algumas vezes por moradores, e periódicos, já que as águas servidas eram despejadas nas sarjetas das ruas, sem um tratamento adequado, aumentando a proliferação de insetos, e mazelas na comunidade; situação que foi aumentando, com o crescimento do número de famílias que chegavam ao Conjunto. Durante o período chuvoso, por exemplo, existiam casas invadidas pelas águas da chuva, trazendo lixo e detritos, colocando em risco as famílias, ocasionando assim, a geração de doenças. Situação que poderia ser evitada, pois os gastos com manutenção de assistência médica poderiam ser diminuídos à metade, se apresentássemos uma infraestrutura de saneamento, agindo como prevenção.⁵⁷

Precisamos lembrar, sem contar com estas condições básicas de saneamento, existia entre crianças e jovens, uma “brincadeira de corredeira”, quando estes indivíduos deslizavam, aproveitando as águas da chuva, que desciam pela galeria pluvial,⁵⁸ localizada ao lado do CSU, sem que acontecesse nenhum tipo de orientação, sob os riscos desta prática à saúde, repetida sempre no período chuvoso, quando o volume d’água era enorme neste local.

Deste modo, a formulação de políticas públicas que se direcionam ao atendimento social das famílias – onde o Estado deve promover uma proteção – merecendo ser discutidas constantemente, pois compreendemos a grande carência existente na questão da moradia nas cidades brasileiras, que, mesmo assim na década 1970, os investimentos mais intensos em saneamento no setor apresentaram médias anuais de 0,34 do PIB, e durante os anos 1980 a taxa caiu para 0,28%.⁵⁹ O pouco investimento neste campo deixava a população exposta as doenças, principalmente famílias carentes, como as existentes no Dirceu Arcoverde.

As políticas sanitárias no Brasil buscaram superar os problemas durante o processo de instalação, pois as propostas de combater a proliferação de doenças tinham como fator negativo, a falta dos recursos financeiros, fazendo com que as discussões chegassem às elites política e intelectual, fomentando o tema da reforma urbano-sanitária,⁶⁰ como uma necessidade para atender a todos, inclusive mesmo aqueles com maior poder econômico. Sendo inclusive uma forma de controle social, uma vez que poderíamos diferenciar a classe

⁵⁷ ROQUE, Odir Clésio da Cruz. In: SOUSA, Ana Cristina Augusto de. **Por uma política de saneamento básico: a evolução do setor no Brasil.** *Achega. net.* v. 2, 2006.

⁵⁸ Que têm como objetivo captar, transportar e drenar a água da chuva das áreas urbanas até rios, córregos ou canais. A sua instalação e manutenção é de responsabilidade do poder público municipal. Disponível em: <https://blog.brkambiental.com.br/galerias-pluviais-e-rede-de-esgoto/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

⁵⁹ ABICALIL, Marcos Thadeu. In: SOUSA, Ana Cristina Augusto de. **Por uma política de saneamento básico: a evolução do setor no Brasil.** *Achega. net.* v. 2, 2006.

⁶⁰ HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

de maior poder econômico das demais. Vimos que o país passou por uma mudança de pensamento sobre o saneamento durante o século XX, visto que:

Para os membros da campanha pelo saneamento, loucos seriam aqueles que, conhecedores do diagnóstico do *Brasil doente*, e participantes das arenas capazes de produzir decisões que modificassem o quadro sanitário do país, pouco ou nada fizessem; mais ainda, se não adequassem a ordem político-constitucional às exigências de nova sociabilidade criada pela doença transmissível. [...] A política da *doença que se pega* derivada da *sociabilidade do micróbio* [...].⁶¹

Reflexo dessa política foi visto no transcorrer do século XX, admitindo-se as dificuldades para estruturar o sistema sanitário brasileiro, devido a sua complexidade, já que o país apresenta dimensões continentais, e a implantação desse sistema requer um alto, e contínuo investimento de recursos. Verifica-se que a casa própria, é apenas um dos vários elementos que compõem o quadro necessário para habitar-se um espaço, e que o saneamento é essencial para que isso ocorra.

Desta forma, as manifestações que aconteceram no Conjunto, na tentativa de colocar à disposição dos moradores algo mais do que uma simples casa, e sim, condições dignas de moradia, deixam à mostra o desejo de permanecer na região perante um quadro de incertezas quanto às soluções sanitária que ainda hoje se encontra distante de atender as necessidades dos moradores, principalmente devido ao processo de expansão da região entorno do Conjunto.

Mesmo assim, destacamos a existência de mulheres que desempenhavam a tarefa de ajudar as gestantes a “dar à luz” uma criança – a parteira. Essa moradora e sua forma de lidar com as futuras mães, por vezes fazia atendimento para saber o estado de saúde da gestante e da criança, numa ação preventiva, pela falta de atendimento médico especializado que atendesse a região, e a distância para Maternidade Dona Evangéline Rosa (MDER).

Assim, esta situação demonstra novamente o quanto serviços básicos de atendimento à população era inexistente, marcando profundamente as lembranças de algumas moradoras quando trouxeram ao mundo filhos, e, ao mesmo tempo, fincaram suas raízes com a vinda destes legítimos filhos do Conjunto, amparados pelo cuidado de parteira que residiam na comunidade.

Destarte, os casos de crianças que nasceram na comunidade através do conhecimento das parteiras, são essenciais para compreendermos o respeito por este “dom” e cuidados ao

⁶¹ HOCHMAN, op. cit., 2012, p. 88-89.

próximo, enaltecendo essa contribuição para a formação do Conjunto, que mesmo diante da carência estrutural era generoso de favores entre seus moradores. Deste modo, iremos destacar o papel das parteiras que com suas mãos ajudaram literalmente a trazer à vida alguns moradores, e constituem o tema para a próxima sessão.

3.3 A vida através de mãos abençoadas: a atuação das parteiras no Dirceu Arcoverde

Ao tratarmos da relação entre a parteira e a gestante no Conjunto, é necessário esclarecermos que durante o Período Colonial brasileiro, aconteceu à constituição maternal arquitetada e desenvolvida pela Igreja e o Estado como uma das ferramentas de ajustamento da mulher a relação conjugal, em função disso, criou-se um perfil ideal de mãe relacionada ao cumprimento de princípios e normas,⁶² do qual:

A adequação ou não das mulheres ao quadro normativo acabava por distingui-las, por separá-las entre aquelas modelares e as inadequadas. Tal processo taxionômico permitia, assim, que se instaurassem relações de poder e desigualdades, entre as populações femininas, que se afirmasse toda uma escala de gestos e comportamentos cujo paradigma era o modelo da santa-mãezinha. Neste cenário, o relacionamento entre mães e filhos também se constituía chão para sementeira de práticas pedagógicas, quer para adestrar a mulher, quer para fazê-la adestrar seus filhos. A mãe modelar tinha, pois, quer ser abnegada, devota, obediente ao pai e ao marido, obrigada às leis de Deus e da Igreja e em tudo dedicada à doutrinação da sua prole.⁶³

Uma família iniciada pelo dom de “dar à luz”, pertencente à concepção do sexo feminino, uma dádiva designada à mulher e talvez a mais expressiva diferenciação em relação ao ser masculino. Por esse motivo, durante a Colônia no Brasil vimos à presença da assistência de outras mulheres que auxiliavam a gestante durante o ato de nascimento, conhecidas como:

Parteiras-leigas. Estas detinham um saber empírico e assistiam domiciliariamente as mulheres durante a gestação, parto e puerpério (como também nos cuidados com o recém-nascido). Estas mulheres eram de inteira confiança do mulherio e eram consultadas sobre temas vários, como cuidados com o corpo, doenças venéreas, praticavam o aborto ou mesmo colaboravam com o infanticídio. Na sua maioria, eram mulatas ou brancas e portuguesas e pertenciam aos setores populares.⁶⁴

⁶² DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

⁶³ DEL PRIORE, op. cit., 2009, p. 266.

⁶⁴ BRENES. Anayansi Correa. **História da Parturição no Brasil**, Século XIX. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 2, 1991, p. 135.

Depreende-se que, a crença no trabalho dessas mulheres parteiras, é uma forma de entender o momento pelo qual passará a gestante, por se tratar quase de um ritual em que o sentimento maternal é um período e uma condição, que vai além do ato de nascer, visto que perdura por toda a vida da mulher,⁶⁵ quando seu instinto atua decisivamente para defender aquele ser vivo, que carrega o sentimento do amor maternal. Dentro deste parâmetro considerado natural, vemos o quanto evoluiu a técnica usada para realizar um parto ao longo do tempo, pois o parto era a principal motivo de mortes de mulheres durante o período colonial no Brasil, e o primeiro fator de sua frágil expectativa de vida,⁶⁶ onde as gestantes:

[...] corriam grandes riscos, e muitas delas eram vítimas das sangrias que se realizavam habitualmente durante o trabalho de parto. Como se não bastasse se submeter às três sangrias tradicionalmente recomendadas durante a gestação, [...] eram sangradas no intuito de se prevenir a febre e a perda de sangue que poderia ocorrer por causa de seus esforços ao dar à luz.⁶⁷

Essa forma de lidar com este estado gestacional deixavam a mulher a mercê de passar por este *martírio*, através de um tratamento que usava técnicas rudimentares, mas, as únicas possíveis naquele período, quando seu corpo teria que suporta tamanho sacrifício, onde:

Sangramentos somados a hemorragias uterinas provocadas pelo parto era o risco mais imprevisível e brutal por que passavam as mulheres, e isso levava, muitas vezes, à morte por esgotamento. Marcada por síncope, entrecortada por espasmos, convulsões e gritos de sofrimento, essa forma horrível de morrer esvaindo-se em sangue lembrava uma espécie de rito sacrificial em que a mãe dava a vida pelo rebento.⁶⁸

Esse sofrimento que a mulher passava durante o parto, provocou constantes estudos, procurando o aperfeiçoamento da técnica para evitar a forma indelicada usada, que poderia inclusive, levar a óbito à gestante. Por essa razão, a partir do progresso acontecido no século XVIII, principalmente na Europa, quando:

Graças aos médicos das Luzes, e às parteiras, como Louise Bourgeois, que elaborou manequins para ensinar os melhores métodos de parto, muitas vidas

⁶⁵ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres** / Michelle Perrot; [tradução Angela M. S. Côrrea]. 2. ed. 6. reimp. São Paulo: Contexto, 2019.

⁶⁶ PERROT, op. cit., 2019.

⁶⁷ DEL PRIORE, Mary. **Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino**. In: DEL PRIORE, Mary (org); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed., 6. reimp. São Paulo: Contexto, 2018, p. 98.

⁶⁸ DEL PRIORE, op. cit., 2018, p. 98.

foram salvas. A medicalização crescente do parto revestia-se por vezes de aspectos ambíguos; desencadeava conflitos de saber, e de poder que opunham médicos e parteiras.⁶⁹

Enaltecermos a artista Louise Bourgeois,⁷⁰ que esculpiu o corpo da gestante, facilitando o treinamento, e ampliando o conhecimento, neste período de colisão de saberes, entre médicos e parteiras. Essa sabedoria das parteiras estava presente entre as moradoras gestantes do Dirceu Arcoverde, bem como o único recurso disponível para muitas, que tiveram seus filhos, por meio, dessa conhecedora de como se trazer um ser humano ao mundo, já que a região não dispunha de atendimento as grávidas, nem de atendimento Pré-natal.⁷¹ As gestantes de famílias carentes não tinham condições financeiras para pagar um táxi, ou outro tipo de transporte, que pudessem levá-las ao atendimento na distante Maternidade Dona Evangelina Rosa (MDER), que fora entregue a população em 15 de julho 1976, e segundo o jornal *O Estado*:

Atendendo inicialmente a problemas sociais de maior urgência e gratuitamente, a nova Maternidade de Teresina, construída pelo Governo do Estado, está desde ontem prestando serviço ao público, através dos seus diversos, modernos e bem equipados setores de atendimento hospitalar. Construída com material importado da Inglaterra, e em estilo prático e convencional, a Maternidade Evangélica Rosa, possui 260 leitos, quatro salas de operação, CTI, Raio-X, Laboratório, Banco de Sangue, 10 salas de partos e todos os demais equipamentos necessários ao funcionamento de uma casa de saúde do seu porte.⁷²

Mesmo contanto com essa estrutura de atendimento, as gestantes do Conjunto, ainda ficavam sujeitas aos cuidados das parteiras, sendo isso encarado por vezes como o suficiente. Neste instante novas técnicas sugeriram, como, a desenvolvida pela psicóloga Clarice Derizans,

⁶⁹ PERROT, op. cit., 2019, p. 74.

⁷⁰ Louise Bourgeois (1911-2010) foi uma das artistas mais emblemáticas da história da arte de grande parte do século XX e começo do XXI: quebrou a barreira, até então existente no plano da teoria, entre a vida e a arte. Ela usou suas emoções como matéria-prima da sua obra, percorrendo temas como a sexualidade e a memória. Sua carreira foi fortemente influenciada pelos eventos psicológicos traumáticos de sua infância, particularmente a infidelidade do pai. O tema principal abordado por Bourgeois, frequentemente chocante e sexualmente explícito, e o seu foco nas formas tridimensionais eram raros para as mulheres de sua época. [...] A arte de Louise Bourgeois é conhecida pelo seu conteúdo temático altamente pessoal envolvendo o desejo inconsciente, sexual e do corpo. Os temas se baseiam em eventos da sua infância para os quais ela se apropriou da arte para realizar um processo terapêutico ou catártico. Transformou suas experiências em uma linguagem visual altamente pessoal, por meio do uso de imagens mitológicas e arquetípicas, adotando objetos como espirais, gaiolas, ferramentas médicas e as famosas aranhas para simbolizar a psique feminina, a beleza e a dor psicológica. [...]. Disponível em: <http://iberecamargo.org.br/louise-bourgeois-uma-vida-que-entrou-para-historia-da-arte/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

⁷¹ É a assistência médica proporcionada à gestante durante os nove meses de gravidez, que visa evitar problemas para a mãe, e a criança nesse período, e no momento do parto.

⁷² EM FUNCIONAMENTO a nova maternidade de Teresina. *O Estado*, ano XXV, n. 4535. Teresina, 16 jul. 1976, p. 03.

alvo de matéria do jornal *O Dia*, metodologia que empregava, principalmente, os fatores patológicos, visando uma gestação mais tranquila para a mulher, com a participação do pai da criança.⁷³

Imagem 16 – Foto de divulgação de nova técnica de parto em 1978



Fonte: PARTO sem dor – Trabalho corporal: nesse método o pai também participa. **O Dia**. Teresina, 12,13 mar. 1978, p. 17.

Essa nova técnica não modificaria a situação vivida no Conjunto Dirceu Arcoverde, pois a realidade dos moradores dependia especialmente de sua condição financeira, refletido neste caso, na maneira de atendimento das gestantes, assim, não tivemos notícias de que esta técnica de parto foi utilizada por alguma gestante do Conjunto. Compreendemos que os fatores sociais exerceram forte impacto nesta comunidade, e essa carência pode ser vista na próxima imagem.

⁷³ PARTO sem dor – Trabalho corporal: nesse método o pai também participa. **O Dia**, ano XXVII, n. 5036. Teresina, 12,13 mar. 1978, p. 17.

Imagem 17 – Moradores do Conjunto Dirceu Arcoverde em 1979



Fonte: ARCOVERDE tem nome no Itararé. **O Dia**, 05 abr. 1979, p. 01

Com base na imagem, percebe-se, o cotidiano de escassez de recursos que viviam os moradores, apresentado com as três crianças nuas, e o sorriso abatido da mulher, demonstrando, mais um obstáculo para vencer no dia a dia, isto é, a falta de uma assistência adequada no Conjunto, principalmente, pelo fato das famílias serem constituídas de pessoas de baixo poder aquisitivo, e que viviam de subempregos ou mesmo desempregadas. Mas, ressaltamos segundo Pierre Achard,⁷⁴ aquele que examina uma imagem aperfeiçoa uma ação de produção de significado; esta não lhe é comunicada ou oferecida totalmente concluída. Assim sendo, temos que primeiramente, conhecer o contexto da foto, em seguida, refletir sob o significado da imagem.

A entrevistada Maria da Conceição, recorda da senhora Geralda, parteira que atuava no Conjunto Dirceu Arcoverde, que residia na quadra 91 casa 15, “a comadre Geralda pegava menino, era parteira, se ainda hoje estiver precisando ela faz a mesma coisa [...], ela era uma parteira muito boa [...], ela até está morando lá em Altos [...], ela vendeu aqui, e foi embora pra lá”.⁷⁵ A sua narrativa demonstra a importância dessa parteira, ao descrever que seu atendimento era realizado sempre que alguém viesse a lhe pedir ajuda. Essa percepção é possível pelo uso adequado da história oral, pois:

⁷⁴ ACHARD, Pierre. **Papel da memória**. / Pierre Achard... (et al); Tradução e introdução José Horta Nunes. – Campinas, SP: Pontes, 1999.

⁷⁵ SILVA, M. op. cit., 2019.

Ao preservar na escritura, tanto quanto possível, a linguagem vernacular e coloquial com a qual as histórias geralmente são contadas insistiram que o significado de um evento não pode ser separado da linguagem na qual ele é lembrado e narrado. [...] A oralidade, então, não é apenas o veículo de informação, mas também um componente de seu significado. A forma dialógica e narrativa das fontes orais culmina na densidade e na complexidade da própria linguagem. A tonalidade e as ênfases do discurso oral carregam a história e a identidade dos falantes, e transmitem significados que vão bem além da intenção consciente destes.⁷⁶

Deste modo, ao rememorar esse período importante da atuação das parteiras, apresentamos o relato da senhora Conceição de Maria, que teve dois filhos nascidos no Dirceu Arcoverde, na sua residência na quadra 72 casa 05, reconhecendo o valor da parteira, ao se referir como, comadre Odete, que residia na quadra 90, casa 19, localizada em frente ao Condomínio Guanabara, na Avenida Joaquim Nelson:

Nasceram aqui em casa mesmo, foi à comadre Odete que morava bem aqui na Avenida, bem ali de frente aos condomínios. Antônio José Lopes (23 out. 1978), e Antônia Inês Lopes (21 out. 1979), [...] o Antônio, durou mais ou menos umas três horas, [Antônia] durou mais de 24 horas.⁷⁷

Ressalta-se que, ao lembrar o evento do nascimento desses dois filhos, a entrevistada, conforme Jöel Candau,⁷⁸ acaba provocando que sua memória tenha o desejo de aderir a uma maneira que assegure o perpetuamento da família ao se alimentar de uma recordação íntima de longa data. Assim sendo, o ato de nascer alguém da nossa família faz com que possamos relacionar isso com o prosseguimento de nosso “sangue” por várias gerações, isto é, seria uma perpetuação familiar.

Fatos que acontecem durante o curso de nossa vida carregam sentimentos que provocam um processo de acúmulo de lembranças boas ou ruins, em que geralmente as mais significativas são preservadas em nossa memória, e são a melhor forma de compreender-se como se dá nosso modo de agir no meio social. À vista disso, existem outros elementos que não são biológicos, ou seja, diversos apoios que também contribuem, como:

Os documentos de família, os lugares e paisagens que envolvem a propriedade, mas também os múltiplos suportes de lembranças íntimas, objetos tidos como antigos, árvores plantadas por ocasião do nascimento de

⁷⁶ PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 20-21.

⁷⁷ SILVA, Conceição de Maria Lopes. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência da entrevistada. Teresina, 25 ago. 2018.

⁷⁸ CANDAU, op. cit., 2018.

tal ou tal ancestral, mantas do século passado cuidadosamente dispostas nos armários, filmes e fotografias de família, sepulturas, itinerários etc.⁷⁹

O distanciamento do centro de referência para este atendimento médico, neste caso, a MDER, deixava Dona Conceição de Maria, preocupada com os filhos menores, por ficarem desacompanhados em casa. Por isso, teve que recorrer à parteira, “eu só podia recorrer a ela, porque eu não queria ir para o hospital, e deixar todos os meus filhos aqui pequenos, não tinha quem ficasse com eles”.⁸⁰ Entretanto, essa preocupação de não deixar as crianças sozinhas, confirma o apego e dedicação a sua família, manifestado aos seus filhos menores, numa construção de sentimento materno, uma sensibilidade inerente a mãe. Michelle Perrot, destaca que a maternidade:

É o grande caso das mulheres. [...] É uma realidade multiforme, [...], é uma fonte de identidade, o fundamento da diferença conhecida, mesmo quando não vivida. Uma mulher gera uma mulher, [...]. A maternidade é um momento e um estado. Muito além do nascimento, pois dura a vida toda da mulher. [...] é o pilar da sociedade e da força dos Estados, torna-se um fato social. A política investe no corpo da mãe e faz do controle da natalidade uma questão em evidência.⁸¹

Por isso, compete ao Estado dar assistência equivalente a importância que a figura materna tem na sociedade, pelo menos as mínimas condições de “dar à luz” dentro de um espaço saudável, tanto para a mãe quanto para o bebê. Contudo, essas prerrogativas não foram vistas no Dirceu Arcoverde, uma vez que as mulheres precisavam utilizar as parteiras, somente para partejar,⁸² isto é, auxiliá-las no trabalho de parto. É perceptível a ausência desses cuidados, ressaltados algumas vezes durante a discussão.

Em razão disso, a senhora Conceição de Maria, relembra que seu “descanso” era muito rápido, pois “com vinte e quatro horas eu ia fazer minhas coisas”,⁸³ ou seja, voltava a sua rotina como dona de casa. Recorda-se que o material utilizado para realizar o parto “era uma tesoura, era assim um cordãozinho [...] para amarrar o umbigo [...], era um algodão, álcool para esterilizar as mãos”.⁸⁴ Materiais simples que faziam muita diferença neste momento delicado.

⁷⁹ CANDAU, op. cit., 2018, p. 117.

⁸⁰ SILVA, C. op. cit., 2018.

⁸¹ PERROT, op. cit., 2018, p. 68-69.

⁸² PIMENTA, Tânia Salgado. **Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX**. In: CHALHOUB, Sidney et. al. (Org). **Artes e ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

⁸³ SILVA, C. op. cit., 2018.

⁸⁴ SILVA, C. op. cit., 2018.

É importante lembrarmos que durante o trabalho de parto, somente a senhora Conceição de Maria, e Dona Odete, ficavam no quarto. Assim, Michelle Perrot,⁸⁵ menciona que, este ato inclusivo da mulher, praticado no lar, entre mulheres, afastando os homens, quase sempre conservados no exterior da casa, e fora do evento. Percebe-se que, o conhecimento e o cuidado da parteira envolviam estímulos reservados, determinando uma espécie de colaboração mútua. A entrevistada ressalta que, “[...] ser parteira é um dom que a pessoa tem, por que ela faz com todo carinho, então é o dom que a pessoa tem”.⁸⁶ Vale lembrar que essa parteira não exigia nenhum pagamento pelo serviço prestado, “nunca cobrou nada da parte de ninguém, pelo menos de mim ela nunca cobrou, eu acho que com os outros também não, a gente dava o que a gente quisesse, e era quando podia, ainda tinha mais essa”.⁸⁷ Por isso, Halbwachs propõe:

Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.⁸⁸

Entendemos que, ao rememorar as parteiras no atendimento, as gestantes de alguma forma procuram dar a importância e gratidão ao trabalho exercido por essas mulheres, pois, através deste “dom” essencial à vida, esta benfeitora, fez nascer no Conjunto alguns moradores que até hoje são legítimos filhos dessa comunidade, isto é, naturais do Conjunto Dirceu Arcoverde. Assim sendo, as parteiras merecem esse reconhecimento, porque contribuíram para a formação dessa região de Teresina.

Acreditamos que ao fazer esse acompanhamento das gestantes, amparando-as, elas contribuíram para deixar o sentimento de pertencimento ainda maior a este lugar. Essa condição pode também se encaixar no conceito de *tática do fraco* de Certeau,⁸⁹ pois intuitivamente essas mulheres conseguiram manter-se através dessa troca de favores, onde os valores afetivos, foram essências em meio aos vários hábitos que cada família trazia para o

⁸⁵ PERROT, op. cit., 2019.

⁸⁶ SILVA, C. op. cit., 2018.

⁸⁷ SILVA, C. op. cit., 2018.

⁸⁸ HALBWACHS, op. cit., 2003, p. 39.

⁸⁹ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes do Fazer. 3. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

Conjunto. E, dentre estes costumes, encontrava-se a rezadeira,⁹⁰ praticado por Dona Odete, “[...] era rezadeira, [...] porque, quando os meninos adoeciam, a gente corria pra ela, era obração, quebrante, essas coisas, febre [...], aí resolvia, pelo menos os meus sempre que precisava dela, e que ela rezava, resolvia”.⁹¹ Novamente, vimos que essas formas de lidar com seu cotidiano, nos deixam a certeza de que essas moradoras foram, e são, essenciais para o desenvolvimento desta comunidade ao longo dos anos.

Finalmente, o atendimento da saúde pública oferecido às famílias, desde o princípio, foi constantemente alvo de reclamações por causa de sua precariedade, nos deixando com a impressão de que a regra era exceção, isto é, o bom atendimento não fazia parte do cotidiano dessa população, haja vista a falta de equipamentos e corpo médico suficiente para prestar um serviço de qualidade, persistindo com maior intensidade até o início dos primeiros anos da década de 1980, quando o produto das constantes reivindicações das famílias ao poder público,⁹² fez com que acontecesse uma melhora significativa, mas, distante do ideal.

Mesmo quando observamos essa época problemática da região em estudo, notamos a capacidade desses moradores de irem sempre em frente, mesmo diante da omissão do Estado, buscando atitudes positivas com a intenção de tornar esse espaço o mais aprazível e saudável, enfrentando algumas vezes situações difíceis, que deixavam evidências de que o caminho para residir neste Conjunto seria marcado pelo enfrentamento diário em busca de melhorias para o atendimento médico.

⁹⁰ As rezadeiras também conhecidas como benzedoras possuem uma importante função na parcela da sociedade que mantém usos e costumes tradicionais: estabelecer relações com o sagrado. [...]. Detentoras de um grande saber religioso são capazes de, por meio das rezas e dos rituais, curar males e devolver o equilíbrio emocional e físico àqueles que as procuram. O ofício que exercem é transmitido de geração a geração, de maneira que a pessoa que aprendeu ou foi escolhida para exercer tal ofício também repassará, algum dia, seus saberes a seu sucessor ou sucessora. A continuidade dessa cultura contribui para a preservação do patrimônio cultural, configurado em suas dimensões intangíveis. In: NASCIMENTO, Danielle Gomes do; AYALA, Maria Ignez Novais. **As práticas orais das rezadeiras**: um patrimônio imaterial presente na vida dos itabaianenses. *Revista Nau Literária*. Universidade Federal do Rio Grande (UFRG) [ISSN 1981-4526]. vol, 9, n. 1, p. 01, jan-jun, 2013.

⁹¹ SILVA, op. cit., 2018.

⁹² SOUSA NETO, Marcelo; BARROS, Elisnauro Araújo. **Os filhos excluídos da cidade generosa**: o processo de ocupação do Conjunto Dirceu Arcoverde em Teresina-PI (1976-1980).). In: LIRA, Clarice Helena Santiago; MARINHO, Joseanne Zingleara Soares; MENESES, Livia Suelen Sousa Moraes; FONTINELES FILHO, Pedro Pio. **História Profusa**: sujeitos, espacialidades e temporalidades. Teresina, PI: EDUFPI, 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compor uma narrativa sobre cidades requer constantemente pensarmos sobre suas transformações, principalmente quando se busca delimitar os espaços de convivência, à procura de atender os interesses de seus administradores, seja o por meio do Poder Executivo municipal, estadual ou federal. Neste entendimento, às vezes, o elemento humano fica subjugado à condição de números entre os demais que compõem o espaço urbano.

À vista disso, criou-se o perfil para aqueles que ocupam estes espaços, onde, sobretudo, usa-se a condição social para prometer, ou mesmo oferecer um ambiente adequado de moradia, fomentando o discurso da melhoria da vida, prioritariamente para famílias de baixa renda, buscando convencê-las de que assim poderão viver dignamente, mesmo que esta promessa deixa-se muita a desejar quando se deparava com a realidade encontrada nestes espaços.

Assim, para satisfazer essa necessidade de moradias, Teresina passou por um processo de urbanização durante a década de 1970, processo que fez surgir alguns conjuntos habitacionais, e, dentre estes, o Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde, tendo surgido para atender uma demanda de famílias com o aumento da população, reflexo da ação migratória naquele período no qual a capital piauiense passava por um processo de ampliação de sua malha urbana.

Portanto, naquele contexto havia a necessidade de promover ações para que essas famílias fossem colocadas neste Conjunto. Logo, os discursos empregados davam ênfase a alojar o quanto antes esses indivíduos, geralmente condicionando-os a habitar espaços sem infraestrutura, que lentamente foram disponibilizados ao longo dos anos a estas famílias. Deste modo, a precariedade também se tornou uma “moradora” indigesta, por conviver diariamente entre os moradores do Conjunto, moldando desde cedo a maneira de ser da comunidade.

Entendemos a existência de fatores que solidificam muito mais do que o concreto, nos quais os componentes essenciais são modelados pela memória numa dimensão superior as estruturas físicas, indo adiante até chegarmos ao sentimento de identificação do espaço escolhido para vivermos, pois as dificuldades podem abrir caminhos para desenvolvermos modos criativos de nos adaptarmos em nome de um sonho de ter uma casa própria, um objetivo de vida que faz parte da maioria dos indivíduos, principalmente aqueles mais carentes que encontram dificuldades, em razão do baixo poder aquisitivo, quando são atraídos pelos programas sociais de habitação.

Por isso, a ampliação da estrutura urbana de Teresina fez com que esses moradores tivessem que se adaptar às péssimas condições do Conjunto, seja pela ineficácia do atendimento do equipamento público, seja por sequer poder contar com ele. Desta forma, vivendo entre a poeira e a falta d'água, com o transporte público e o atendimento à saúde deploráveis, mesmo assim, a população fez brotar o desejo de todos os dias vencerem esses problemas, observados especialmente durante as entrevistas feitas com os moradores, e notícias de jornais locais, tudo para viver com dignidade neste ambiente da periferia de Teresina.

Entretanto, essa comunidade aos poucos foi ganhando forma e importância, seja econômica ou política, visto que após passar esse período inicial de maior precariedade, o Conjunto começou a ter seu próprio cotidiano com a presença fundamental das mulheres que se desdobravam em diferentes funções para atender a família, uma vez que algumas chegaram para residir já tendo experiências de vida difíceis, como também atuando no mercado de trabalho, desenvolvendo atividades formais e informais.

Por isso, vimos que o protagonismo feminino constituiu-se essencial para que boa parte das famílias permanecesse na comunidade, mesmo enfrentando o preconceito social de uma parte da sociedade teresinense, pelo estigma de serem vistos apenas como indivíduos carentes de ajuda por parte do Poder Executivo municipal e estadual. Essas mulheres e suas famílias enfrentaram as mazelas causadas pelo descaso quanto à situação do aparelho público de saúde. Diante deste cenário, muitas dessas protagonistas recorreram durante o período de gestação, ao atendimento de parteiras do Conjunto, sendo a única forma de poderem ter filhos, pela distância e condição financeira, que não permitia o deslocamento para a Maternidade Evangelina Rosa, isso aliado ao medo de deixar seus filhos menores em casa sem os devidos cuidados.

No entanto, a carência se transformou em “fortuna familiar”, com essas mulheres, e suas famílias, que não desistiram de possuir uma casa própria, não obstante as dificuldades enfrentadas, simplesmente pela vontade de realizar este sonho marcado através do suor diário do trabalho e de luta por melhorias estruturais. Melhorias que hoje pode ser vista na instalação da Maternidade Wall Ferraz em 05 de agosto de 1995,⁹³ e sua excelência no atendimento a gestante, fez com que fosse declarada como “Hospital Amigo da Criança” pelo Fundo das Nações Unidas pela Infância (UNICEF) em agosto 1996.⁹⁴

⁹³ SANTOS, Mirella Paz. **Revitalização da casa de saúde e maternidade Sigefredo Pacheco em Campo Maior-PI**. Monografia (Arquitetura e Urbanismo) – UNINOVAFAPI, 2018.

⁹⁴ HOSPITAL da PMT ganha prêmio da Unicef. **O Dia**, ano XLV, n. 11257. Teresina, 14 ago. 1996, p. 11.

Notamos que o reconhecimento pela UNICEF deste centro de atendimento a gestante e criança, marcam exatamente duas décadas desde aprovação do “Projeto Itararé” em 1976, nos provocando o desejo de continuarmos a discussão desta comunidade, usando o recorte de 20 anos. Deste modo, temos a intenção de trazeremos mais elementos que ajudaram a constituir este conjunto habitacional, conseqüentemente sua história moldada pela sentimentalidade e conquistas estruturais.

Por isso, ressaltamos a importância dos moradores que construíram suas memórias por meio da convivência habitual, e com o respaldo de saberem que participaram do surgimento do Conjunto Dirceu Arcoverde. Em nosso ofício de historiador, conforme Marc L. B. Bloch⁹⁵, ao lapidar os problemas do Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde, focando na questão de saber lidar com os entrevistados, especialmente, buscando respeitar suas memórias como também compreender o quanto este lugar tem importância em suas vidas, quando frequentemente, nas narrativas feitas com essas fontes orais, chegamos também a voltar a esse passado, haja vista que também fui morador desta comunidade, e hoje, apesar da distância, ainda tenho vínculo afetivo, pois minha família reside na região, circunstância que justifica plenamente o meu interesse em contar essa história.

⁹⁵ BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador** / Prefácio Jacques Le Goff. Apresentação à edição brasileira Lilia Moritz Schwarcz. Tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

REFERÊNCIAS

Livros

ACHARD, Pierre. **Papel da memória**. / Pierre Achard... (et al); Tradução e introdução José Horta Nunes. – Campinas, SP: Pontes, 1999.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ARÓSTEGUI, Júlio. **A pesquisa histórica**. Teoria e método. Tradução: Andréa Dore. Edusc. Bauru, SP, 2006, p. 491. Apud LACERDA, Benilton Torres. **O altar politizado: o bairro Parque Piauí (Teresina - PI) e a ação da Igreja Católica na organização dos movimentos populares (1968 - 1985)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

BARROS, Elisnauro Araújo; SOUSA NETO, Marcelo. **Sob o olhar feminino: Teresina e o processo de ocupação do conjunto Dirceu Arcoverde (1977-1979)**. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides; BRITO, Fabio Leonardo Castelo Branco; SÁ ALVARENGA, Julio Eduardo Soares de. **Caleidoscópio de histórias: cultura, gênero, políticas e cidades**. Teresina: EDUFPI, 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, [1949] 2019.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador** / Prefácio Jacques Le Goff. Apresentação à edição brasileira Lilia Moritz Schwarcz. Tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORBA, Sheila Villanova. **A produção de equipamentos urbanos como alternativa de política social - o programa nacional de centros sociais urbanos**. Porto Alegre: Ensaio, 1991.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. 1. ed. 4. reimp. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes do Fazer**. 3. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Michel de Certeau; Luce Giard; Pierre Mayol. 12. ed. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**/Sidney Chalhoub. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço, um conceito-chave da geografia**. In: CASTRO, Iná Elais de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Jurandir Freire Costa. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DEL PRIORE, Mary. **Magia e medicina na Colônia**: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, Mary (org); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed., 6. reimp. São Paulo: Contexto, 2018.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: Formação do estado e civilização. Vol. 2 [Tradução da versão inglesa, Ruy Jungmann; revisão, apresentação e notas, Renato Janine Ribeiro]. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

FAÇANHA, Antonio Cardoso. **Desmistificando a Geografia**: espaço, tempo e imagens. Teresina: UFPI, 2004.

FONSECA, Cláudia. **Ser mulher, mãe e pobre**. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (Org.). Carla Bassanezi Pinsky (Coord. de textos). 10. ed. 6. reimp. São Paulo: Contexto, 2018.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva; SOUSA NETO, Marcelo de. **Nasce um bairro, renasce a esperança**: história e memória de moradores do Conjunto Dirceu Arcoverde. Teresina: EDUFPI, 2017.

FRANÇOIS, Etienne. **A fecundidade da história oral**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. 6. ed. Rio de Janeiro: F.G.V., 2006.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O conceito de região e sua discussão**. In: CASTRO, Iná Elais de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Maurice Halbwachs. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento**: as bases da política de saúde pública no Brasil. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. /Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão et al. 7. ed. rev. Campinas, SP: Unicamp, 2013.

LIMA, Antônia Jesuíta de. **Favela COHEBE**: uma história de luta por habitação popular. Teresina: EDUFPI, 1996.

LIMA, Nísia Trindade. **Habitação e infraestrutura urbana**. In: IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatística do século XX**. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Centro de Documentação e Disseminação de informações. Rio de Janeiro, 2006.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “**Pouca saúde e muita saúva**”: sanitário, interpretações do país e ciências sociais. In: HOCHMAN, Gilberto (Org.). **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Organizado por Gilberto Hochman. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

MARTINS, Paulo. **Habitação e vizinhança**: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MAYOL, Pierre. **A convivência**. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. 12. ed. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres** / Michelle Perrot; [tradução Angela M. S. Côrrea]. 2. ed. 6. reimp. São Paulo: Contexto, 2019.

PIMENTA, Tânia Salgado. **Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX**. In: CHALHOUB, Sidney et. al. (Org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

PINTAUDI, Silvana Maria. **Mercados públicos**: vestígios de um lugar. CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUSA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. 1 ed. 6. Reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais./ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUSA NETO, Marcelo; BARROS, Elisnauro Araújo. **Os filhos excluídos da cidade generosa**: o processo de ocupação do Conjunto Dirceu Arcoverde em Teresina-PI (1976-1980). In: LIRA, Clarice Helena Santiago; MARINHO, Joseanne Zingleara Soares; MENESES, Livia Suelen Sousa Moraes; FONTINELES FILHO, Pedro Pio. **História Profusa**: sujeitos, espacialidades e temporalidades. Teresina, PI: EDUFPI, 2020.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 16. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. **A cidade contemporânea** (Org.). 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2018.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-Chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução de Sandra Gardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

WOODWARD, Kathryn. **Identificação e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais./ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MONOGRAFIAS, ARTIGOS, DISSERTAÇÕES E TESES

ALVARENGA, Antonia Valtéria Melo. **Desenvolvimento e segregação**: políticas de modernização e isolamento compulsório de famílias afetadas pela Lepra no Piauí (1930-1960). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011.

BARROS, Elisnauro Araújo. **A saúde no Dirceu**: discurso médico e higienização do Bairro Dirceu Arcoverde. Monografia (Graduação em História) – UESPI, 2012.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Diferenciação socioespacial. Cidades**. Presidente Prudente, v. 4, n. 6, p. 45-60, jan./dez., 2007.

MACIEL, Jéssica de Souza. **A campanha das “diretas já” na perspectiva dos jornais *O Estado e O Dia* em Teresina (1983-1984)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

MONTE, Regianny Lima, **A cidade esquecida [manuscrito]**: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970 / Regianny Lima Monte. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Sonhos e pesadelos dos moradores da periferia de Teresina nas décadas de 1960 e 1970**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25, 2009, Fortaleza. **Anais** do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009.

NASCIMENTO, João Batista Sousa do. **Itararé**: um olhar histórico e social entre 1976 e 1983. Monografia (Graduação em História) – UESPI, 2005.

SANTANA, Márcia Castelo Branco. **Asilo de alienados de Teresina**: História da assistência e da institucionalização dos loucos [as] no Piauí (1880-1920). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

SANTOS, Mirella Paz. **Revitalização da casa de saúde e maternidade Sigefredo Pacheco em Campo Maior-PI**. Monografia (Arquitetura e Urbanismo) – UNINOVAFAPI, 2018.

SOUSA, Ana Cristina Augusto de. **Política de Saneamento no Brasil**: atores, instituições e interesses. / Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2011.

SOUSA NETO, Marcelo de. **Com poucos tijolos e muitos votos**: o Conjunto Habitacional Itararé e as eleições de 1978 (Teresina-PI). Artigo apresentado no **XIII Encontro Nacional de História Oral**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRG, 2016a.

SOUSA NETO, Marcelo de. **Nasce um bairro, renasce a esperança, resiste a cidade**: História e memória de moradores do conjunto habitacional Dirceu Arcoverde (Teresina-PI,

décadas de 1970 e 1980). Artigo apresentado no VII Simpósio Nacional de História Cultural. **História Cultural: Escritas, Circulação, Leituras e Recepções**. Universidade de São Paulo-USP. São Paulo, SP, 2014.

VIANA, Débora Silva. **Entre o concreto e o etéreo: trabalho e memória dos trabalhadores da construção civil em Teresina na década de 1970**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – UFPI, 2013.

ARTIGOS PÚBLICADOS EM REVISTAS

ABICALIL, Marcos Thadeu. In: SOUSA, Ana Cristina Augusto de. **Por uma política de saneamento básico: a evolução do setor no Brasil**. *Achega. net*. v. 2, 2006.

ABREU, Irlane Gonçalves; LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé. **Igreja do Amparo: o marco zero de Teresina**. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, n. 32, p. 20-25, out. 2000.

AMADO, Janaína. **A culpa nossa de cada dia: ética e história oral**. *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, n. 15, abr. 1997.

AMADO, Janaina. **O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral**. *Revista História: São Paulo*, v. 14, p. 125-136, 1995.

BACELAR, Olavo Ivanhoé de Brito. **Fluxos migratórios e crescimento urbano piauiense**. *Carta CEPRO*. Teresina. vol. 6, n. 1, p. 25, jan./jun. 1980.

BRENES. Anayansi Correa. **História da Parturição no Brasil, Século XIX**. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 135-149, abr./jun. 1991.

COSTA, Nilson Rosário da. **Infraestrutura Urbana, Saneamento e Qualidade de Vida**. *Revista Saúde em Debate*, n. 29, 1990.

FAÇANHA, Antonio Cardoso. **A evolução urbana de Teresina: passado, presente e...** Publicado na *Carta CEPRO*. Teresina, v. 22, n. 1, p. 59-69, jan./jun. 2003.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva; SOUSA NETO, Marcelo. **Para além das margens: o Conjunto Habitacional Itararé e as remodelações dos espaços urbanos em Teresina (década de 1970)**. *Revista de História Oral*. v. 22, n. 2, p. 192-216, jul./dez. 2019.

MACIEL, Jessica de Souza; FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. **A campanha das Diretas já na perspectiva dos jornais impressos em Teresina (1983-1984)**. *Revistas Escritas*, v. 8, n. 2, ISSN 2238-7188, p. 126-147, 2016.

NASCIMENTO, Danielle Gomes do; AYALA, Maria Ignez Novais. **As práticas orais das rezadeiras: um patrimônio imaterial presente na vida dos itabaianenses**. *Revista Nau Literária*. Universidade Federal do Rio Grande (UFRG) [ISSN 1981-4526]. vol, 9, n. 1, p. 01, jan-jun, 2013.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares. In: *Projeto História* - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1981.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

ROQUE, Odir Clésio da Cruz. In: SOUSA, Ana Cristina Augusto de. **Por uma política de saneamento básico**: a evolução do setor no Brasil. *Achega. net*. v. 2, 2006.

SOUSA, Ana Cristina Augusto de. **Por uma política de saneamento básico**: a evolução do setor no Brasil. *Achega. net*. v. 2, 2006.

SOUSA NETO, Marcelo de. **Moradia popular e eleições**: o Conjunto Itararé e as disputas eleitorais em Teresina-PI (1978-1996). *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 211, set./dez. 2016b.

ENTREVISTAS

ALVES, Francisco de Assis. **Entrevista** concedida a Cláudia Cristina da Silva Fontineles, Marcelo de Sousa Neto e Elisnauro Araújo Barros na residência do entrevistado. Teresina, 3 ago. 2018.

BANDEIRA, Gregória do Espírito Santos. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros na residência do entrevistado. Teresina, 4 ago. 2018.

COSTA, Francisco Lucas da. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência do entrevistado. Teresina, 26 jul. 2018.

JESUS, Maria de Fátima de. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência da entrevistada. Teresina, 28 mai. 2018.

NASCIMENTO, Maria Nazaré Oliveira. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência da entrevistada. Teresina, 26 jul. 2018.

NASCIMENTO, Teresa Cristina Oliveira do. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros na residência da entrevistada. Teresina, 3 ago. 2018.

SILVA, Conceição de Maria Lopes. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência da entrevistada. Teresina, 25 ago. 2018.

SILVA, Maria da Conceição Santos e. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência da entrevistada. Teresina, 6 abr. 2019.

SOUSA, Adalgisa Dorneles de Oliveira. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência da entrevistada. Teresina, 31 jul. 2018.

SOUSA, Marco Venício Gomes de. **Entrevista** concedida a Elisnauro Araújo Barros, na residência do entrevistado. Teresina, 1 ago. 2018.

FONTES HEMEROGRÁFICAS

Jornal O Dia

ARCOVERDE vive o dia das mães hoje. **O Dia**, ano XXVIII, n. 9029. Teresina, 28 mai. 1979, p. 01.

CÃES no Itararé. **O Dia**, ano XXVIII, n. 8096. Teresina, 20 jun. 1979, p. 01.

DIRCEU homenageado no conjunto Itararé. **O Dia**, ano XXVI, n. 4926. Teresina, p. 1, 26 out. 1977, p. 01.

DIRCEU visita obras de 912 casas da Cohab. **O Dia**, Ano XXV, nº 4524. Teresina, 03 jul. 1976, p. 07

EMPRESA Gomes coloca novos ônibus no Arcoverde II. **O Dia**, ano XXIX, n. 7383. Teresina, 19/20 out. 1980, p. 13.

FEIRA de habilidade no Dirceu Arcoverde. **O Dia**, ano XXVIII, n. 7075. Teresina, 25 maio 1979, p. 09.

GOVERNO não quer queda da inflação com crise social. **O Dia**, ano XXIX, n. 7382. Teresina, 18 out. 1980, p. 03.

HOSPITAL da PMT ganha prêmio da Unicef. **O Dia**, ano XLV, n. 11257. Teresina, 14 ago. 1996, p. 11.

ITARARÉ: uma cidade está se erguendo em Teresina. **O Dia**, ano XXVI, n. 4868. Teresina, 20 ago. 1977, p. 05.

NO ITARARÉ o povo reclama da falta d'água. **O Dia**, ano XXVII, nº 5030. Teresina, 05/06 mar. 1978, p. 08.

PIAUI inteiro comovido chora a morte prematura de seu senador. **O Dia**, ano XXVIII, n. 7022. Teresina, 19 mar. 1979, p. 04.

POSTO médico recebe críticas de moradores. **O Dia**, XXVIII, n. 7045. Teresina, 15 abr. 1979, p. 09.

SARAMPO é surto no Itararé. **O Dia**, ano XVII, n. 5029. Teresina, 4 mar. 1978, p. 01.

TERESINA vai ter mais 3 mil casas populares. **O Dia**, ano XXV, n. 4523. Teresina, 3 jul. 1976, p. 03.

Jornal O Estado

BRASIL ainda não tem uma política de saúde. **O Estado**. Ano IV, n. 134. Teresina, 13 jan. 1973, p. 07.

CARVALHO fará festa no Itararé dia 1º. **O Estado**, ano XI, n. 2165. Teresina, 29 abr. 1980, p. 06.

CLUBE do Itararé é cercado com fios elétricos e faz vítimas. **O Estado**, ano IX, n. 1809. Teresina, 9 jan. 1979, p. 07.

DENÚNCIAS: fossas estouram e Itararé será foco de doenças. **O Estado**, ano X, n. 1917. Teresina, 24, 25 jun. 1979, p. 07.

EM FUNCIONAMENTO a nova maternidade de Teresina. **O Estado**, ano XXV, n. 4535. Teresina, 16 jul. 1976, p. 03.

FAMÍLIAS são instruídas sobre relacionamento. **O Estado**, ano VIII, n. 1355. Teresina, 20 jul. 1977, p. 05.

MERCADO central vai ser ampliado. **O Estado**, ano IV, n. 329. Teresina, 29 set. 1973, p. 07.

MORADORES do Itararé na câmara pedindo mudança. **O Estado**, ano X, n. 1851. Teresina, 3 abr. 1979, p. 04.

MORADORES do Itararé quebram canos para obter a água. **O Estado**, ano X, n. 1936. Teresina, 18 jul. 1979, p. 07.

PRAÇA e hotel vão ser inaugurados em 15 dias. **O Estado**, ano IV, n. 146. Teresina, 27 jan. 1973, p. 01.

WALL manda pavimentar todo Itararé. **O Estado**, ano VIII, n. 1362. Teresina, 28 jul. 1977, p. 05.

SITES

Acervo do Jornal O Globo. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/opep-mergulha-mundo-na-crise-do-petroleo-nos-anos-70-causando-recessao-10230571#ixzz5lpTFhhLO>

ALBUQUERQUE, Alcília Afonso; TAVARES, Iago. Itararé – A república dos desvalidos. Extensão e Pesquisa. Disponível em: <http://extensaoepesquisa.blogspot.com/2011/12/esta-pesquisa-realizou-uma-investigacao.html>

Artigos Saint-Gobain Canalização. Disponível em: <https://www.sgpam.com.br/artigos/do-planasa-ao-plansab-os-ultimos-50-anos-da-agua-e-do-esgoto-no-brasil>

Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social (BNDES). Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/quem-somos/nossa-historia>

Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/73899/biografia>

Caos Planejado: Disponível em: <https://caosplanejado.com/os-corticicos-eram-melhores-que-as-favelas/>

Cento e oitenta graus. Disponível em: <https://180graus.com/noticias/morre-waldir-arcoverde-primeiro-piauiense-ministro-da-saude>

Conceitos.com. Disponível em: <https://conceitos.com/machismo/>

Dicionário Informal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/cabe%E7a-de-jacar%E9/>

Diário de Leis. Disponível em: <https://www.diariodasleis.com.br/legislacao/federal/61818-institui-o-programa-nacional-de-alimentauuo-e-nutriuuo-pronan-aprova-o-i-pronan-e-da-outrasprovidencias.html>

Drauzio Varella. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/diarreia/>

Drauzio Varella. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sarampo/>

Ebiografia. Disponível em: https://www.ebiografia.com/paulo_maluf/

Faculdade Cearense. Disponível em: <http://www.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca>

Folha de Oeiras. Disponível em: <http://www.folhadeoeiras.com/noticia/1983/Oeirense-ganha-premio-e-lanca-livro-em-Teresina>

Fortalbus. Disponível em: <http://www.fortalbus.com/2018/11/um-pequeno-historico-do-transporte.html>

Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/atila-freitas-lira>

Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/djalma-martins-veloso>

Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/freitas-neto>

Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pedro-de-almendra-freitas>

Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/banco-nacional-do-desenvolvimento-economico-e-social-bndes>

Fundação Iberê. Disponível em: <http://iberecamargo.org.br/louise-bourgeois-uma-vida-que-entrou-para-historia-da-arte/>

G1 – O Portal de Notícias da Globo. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2019/05/05/suspeito-de-assaltos-e-morto-a-tiros-na-zona-sudeste-de-teresina.ghtml>

Memória fotográfica. Disponível em: <https://storgram.com/tag/MemoriaFotografica>

O Estudo Gospel. Disponível em: <https://estudos.gospelmais.com.br/avivamento-o-chamamento-divino.html>

Patrimônio Cultural do Piauí. Disponível em: <https://crcfundacpiaui.wordpress.com/2016/12/16/praca-da-costa-e-silva-praca-da-cepisa/>

Políticadinâmica.com. Disponível em: <https://www.politicadinamica.com/noticias/politica/mae-de-julio-arcoverde-morre-aos-86-anos1529257972-10971.html>

Portal Brasil Escola: Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/biologia/o-que-e-saneamento-basico.htm>

Portal Cidade Verde: Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/229181/ponte-anselmo-dias-e-inaugurada-e-transito-sera-liberado-nesta-quinta-feira-8>

Portal de notícias viagora. Disponível em: <https://www.viagora.com.br/noticias/ex-vereador-de-teresina-anselmo-dias-morre-vitima-de-cancer-52494.html>

Portal do Governo Brasileiro. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/jb-figueiredo/discursos/1980/84.pdf/view>

Portal do Governo do Estado do Piauí. Disponível em: http://www.hgv.pi.gov.br/acervo_historico.php

Portal do Governo do Estado do Piauí. Disponível em: <http://www.pm.pi.gov.br/8bpm.php>

Portal econodata. Disponível em: <https://www.econodata.com.br/lista-empresas/PIAUI/TERESINA/A/07695521000150-ASSOCIACAO-DOS-MORADORES-DO-BAIRRO-ITARARE-AMI>

Portal Fortalbus: Disponível em: <http://www.fortalbus.com/2018/11/um-pequeno-historico-do-transporte.html>

Portal O Dia. Disponível em: <https://www.portalodia.com/noticias/piaui/dirceu-arcoverde>

Portal São Francisco. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/alimentos/babacu>

Presidência da República: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del4830.htm

Presidência da República: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1970-1990/L6261.htm

Recanto das Letras: Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/3555407>

Revista Interdisciplinar Uninovafapi: Disponível em: https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/revistainterdisciplinar/v4n1/pesquisa/p6_v4n1.pdf

Saneamento em pauta. Disponível em: <https://blog.brkambiental.com.br/galerias-pluviais-e-rede-de-esgoto/>

SEMPPLAN, Secretária Municipal de Planejamento. Disponível em: <https://semplan.teresina.pi.gov.br/teresina-em-bairros-1993/>.

SEMPPLAN, Secretária Municipal de Planejamento. Disponível em: <https://semplan.teresina.pi.gov.br/pracas/>

SEMPPLAN, Secretária Municipal de Planejamento. Disponível em: <https://semplan.teresina.pi.gov.br/sdu-leste/>

Teresina Antiga. Disponível em: <https://teresinaantiga.com/onibus-antigos-de-teresina.htm>

Wikipédia: a enciclopédia livre: Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jofre_do_Rego_Castelo_Branco

APÊNDICE

APÊNDICE - ROTEIRO BÁSICO UTILIZADO PARA ENTREVISTAS

1. Qual seu nome completo?
2. Onde e quando o (a) senhor (a) nasceu?
3. Qual o nome dos seus pais?
4. Qual a profissão deles?
5. Seus pais eram alfabetizados?
6. Quantos filhos eles tiveram?
7. Qual sua posição de nascimento?
8. O (A) senhor (a) pode citar o nome dos seus irmãos?
9. O (A) senhor (a) conheceu seus avós paternos ou maternos?
10. Chegou a morar com algum deles?
11. Da sua lembrança de infância, tem algo que lhe tenha marcado?
12. O (A) senhor (a) é alfabetizado?
13. O (A) senhor (a) estudou até que ano ou série?
14. O senhor (a) lembra o nome de algumas dessas escolas?
14. O (A) senhor (a) lembra o ano de sua formatura?
15. O (A) senhor (a) é casado (a)?
16. Quantos filhos o (a) senhor (a) tem?
17. Quais os nomes deles?
18. O senhor (a) exerceu alguma profissão antes de vir morar no Itararé (Dirceu Arcoverde)? Se sim, quais foram?
19. Quando foi que o (a) senhor (a) ouviu falar pela primeira do Itararé (Dirceu Arcoverde)?
20. Antes do Itararé (Dirceu Arcoverde), o (a) senhor (a) morou aonde?
21. O (A) senhor (a) pode contar qual foi o motivo de sua vinda para morar no Itararé (Dirceu Arcoverde)?
22. Qual foi o mês e o ano, que o (a) senhor (a) chegou ao Conjunto Dirceu Arcoverde?
23. O (A) senhor (a) poderia descrever como foi seu primeiro impacto ao ver a estrutura do conjunto?
24. O (A) senhor (a) gostou da estrutura da casa, e qual foi o tipo que o senhor (a) recebeu?
25. O (A) senhor (a) lembra se existia algum morador insatisfeito com as casas?
26. O (A) senhor (a) pensou em desistir de morar no Conjunto, e quais foram os motivos que fizeram ficar?
27. O (A) senhor (a) lembra quem foi os primeiros moradores que conheceu no bairro?
28. O (A) senhor (a) pode citar algum ponto de referência de sua residência?
29. Quando o (a) senhor (a) veio morar aqui já existia o CSU (Centro Social Urbano)?

30. O (A) senhor (a) lembra de algum fato da construção do CSU (Centro Social Urbano)?
31. O (A) senhor (a) lembra quais os serviços oferecidos no CSU (Centro Social Urbano)?
32. O (A) senhor (a) recorda que administrava o CSU (Centro Social Urbano)?
33. A respeito do sistema educacional do Conjunto, existiam escolas funcionando quando o senhor (a) chegou ao Conjunto?
34. O (A) senhor (a) pode citar os nomes dessas escolas?
35. O (A) senhor (a) lembra quem foram (primeiros) diretores, diretoras?
36. O (A) senhor (a) lembra de algum professor dessas escolas?
37. O (A) senhor (a) recorda se existia alguma atividade cultural nestas escolas?
38. O (A) senhor (a) recorda da associação de moradores?
39. O (A) senhor (a) lembra se a associação oferecia algum serviço aos moradores?
40. A respeito do movimento político do Conjunto, o (a) senhor(a) recorda a existência de alguma liderança política?
41. O (A) senhor (a) recorda se havia muito conflito na época de eleição no Conjunto?
42. O (A) senhor (a) chegou a presenciar algum fato neste período que possa contar?
43. O (A) senhor (a) recorda se existia alguém ou grupo que fazia oposição? Se sim, quem eram essas pessoas?
44. O (A) senhor (a) participava do movimento político no Conjunto?
45. O (A) senhor (a) chegou a presenciar alguma discussão, ou agressão física entre as lideranças políticas do Conjunto?
46. O (A) senhor (a) recorda como era o ano eleitoral no Conjunto, existiam acirramento de algum grupo político?
47. O (A) senhor (a) pode contar como se deu a construção da Igreja de São Francisco de Assis?
48. O (A) senhor (a) pode descrever como era a estrutura física da Paróquia de São Francisco de Assis?
49. O (A) senhor (a) lembra de algum padre deste período?
50. O (A) senhor (a) participava de algum grupo católico da Paróquia de São Francisco de Assis?
51. O (A) senhor (a) recorda dos primeiros festejos realizados pela Paróquia, pode descrever?
52. O (A) senhor (a) pode contar se alguém de sua família realizou alguma cerimônia de casamento, ou batizado na Paróquia de São Francisco de Assis?
53. O (A) senhor (a) pode destacar o fato marcante na sua memória quando menciona a Paróquia de São Francisco de Assis?
54. Saindo agora da questão da Paróquia, e falando a respeito da infraestrutura, o (a) senhor (a) recorda se existia saneamento básico, calçamento?
55. O (A) senhor (a) recorda se durante o período chuvoso existia acúmulo de água nas casas e ruas do Conjunto, pode descrever a situação?
56. A respeito do abastecimento d'água era eficiente, ou existiam dificuldades?

57. Algumas reportagens descreveram que água distribuída no Conjunto não era de boa qualidade, é verdade?
58. O Conjunto contou com o serviço de chafarizes, existia dificuldade para conseguir a água?
59. Existem relatos que aconteciam agressões físicas nas filas para conseguir pegar água, é verdade? Chegou a presenciar alguma? O que pode contar a respeito?
60. O (A) senhor (a) se existia coleta de lixo domiciliar no Conjunto?
61. O (A) senhor (a) pode descrever a existência de terrenos baldios que eram usados pelos moradores para descarte do lixo domiciliar?
62. O (A) senhor (a) lembra como era a saúde no Conjunto, existia atendimento médico? Pode descrever a respeito?
63. O (A) senhor (a) recorda a ocorrência de doença entre os moradores?
64. Alguns jornais noticiaram a existência de algumas doenças na comunidade, alguém da sua família chegou a adoecer no Conjunto durante os primeiros meses?
65. O (A) senhor (a) lembra o nome de algum médico que atendeu no Conjunto?
66. O (A) senhor (a) lembra o nome de alguma enfermeira?
67. O (A) senhor (a) recorda se havia no Conjunto ambulância para deslocar os casos mais sérios ao Hospital Getúlio Vargas?
68. O (A) senhor (a) pode contar se existia entrega de medicação à população?
69. O (A) senhor (a) sabe como era feito o atendimento as gestantes do Conjunto?
70. O (A) senhor (a) conheceu alguma parteira que prestou seus serviços no Conjunto?
71. O (A) senhor (a) conhece alguém que tenha nascido no Conjunto através do atendimento das parteiras?
72. O (A) senhor (a) sabe dizer se alguma parteira cobrava pelo serviço de acompanhante das gestantes?
73. Qual a empresa que fazia o transporte coletivo no Conjunto?
74. Alguns jornais noticiaram a péssima qualidade do transporte coletivo, queixa dos ônibus e do tempo de espera, realmente era ruim o atendimento?
75. O (A) senhor (a) recorda de algum acidente envolvendo os ônibus no Conjunto?
76. O (A) senhor (a) fazia o que para se divertir, no conjunto tinha festas? Clubes?
77. O (A) senhor (a) lembra quem eram os proprietários desses clubes?
78. O (A) senhor (a) presenciou alguma agressão física dentro ou fora destes clubes?
79. O (A) senhor (a) lembra de alguma atração nacional que se apresentou nestes clubes?
80. O (A) senhor (a) recorda como era o período de carnaval nestes clubes?
81. O (A) senhor (a) gosta de morar no Conjunto Dirceu Arcoverde?
82. O (A) senhor (a) poderia ter imaginado que o Conjunto fosse se desenvolver tanto durante estes anos?
83. O (A) senhor (a) autoriza a utilização desta entrevista neste trabalho acadêmico?

APÊNDICE - TERMOS DE CONSENTIMENTO

(Anterior a mudança do título da pesquisa)

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre o Conjunto Dirceu Arcoverde, cujo título: DE ITARARÉ A GRANDE DIRCEU: O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DA REGIÃO DO DIRCEU ARCOVERDE ENTRE 1976 A 1993, e está sendo desenvolvida por Elisnauro Araújo Barros, do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI), sob a orientação do Prof. Marcelo de Sousa Neto.

Os objetivos do estudo são analisar o processo de ocupação do conjunto Dirceu Arcoverde. A finalidade deste trabalho é contribuir para a preservação da memória e a história dos moradores e do conjunto.

Solicitamos a sua colaboração para conceder uma entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de história e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Informamos que essa pesquisa poderá ter consequências caso algum citado queira um prova do fatos relatados, caso ocorra tal procedimento, iremos fazer uso dos meios legais disponíveis para minimizar os riscos.

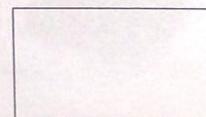
Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Elisnauro Araújo Barros

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Teresina, 04 de Agosto de 2018



Impressão dactiloscópica

Maricete de E. Tub. S. de B. Silva

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador Elisnauro Araújo Barros. Telefone: (86) 99962 1107.

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE
BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre o Conjunto Dirceu Arcoverde, cujo título: DE ITARARÉ A GRANDE DIRCEU: O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DA REGIÃO DO DIRCEU ARCOVERDE ENTRE 1976 A 1993, e está sendo desenvolvida por Elisnauro Araújo Barros, do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI), sob a orientação do Prof. Marcelo de Sousa Neto.

Os objetivos do estudo são analisar o processo de ocupação do conjunto Dirceu Arcoverde. A finalidade deste trabalho é contribuir para a preservação da memória e a história dos moradores e do conjunto.

Solicitamos a sua colaboração para conceder uma entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de história e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Informamos que essa pesquisa poderá ter consequências caso algum citado queira um prova do fatos relatados, caso ocorra tal procedimento, iremos fazer uso dos meios legais disponíveis para minimizar os riscos.

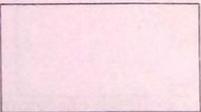
Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Elisnauro Araújo Barros

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Teresina, 03 de Agosto de 2018


Impressão dactiloscópica

Francisco Lucas da Costa

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:
Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador Elisnauro Araújo Barros. Telefone: (86) 99962 1107.

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre o Conjunto Dirceu Arcoverde, cujo título: DE ITARARÉ A GRANDE DIRCEU: O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DA REGIÃO DO DIRCEU ARCOVERDE ENTRE 1976 A 1993, e está sendo desenvolvida por Elisnauro Araújo Barros, do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI), sob a orientação do Prof. Marcelo de Sousa Neto.

Os objetivos do estudo são analisar o processo de ocupação do conjunto Dirceu Arcoverde. A finalidade deste trabalho é contribuir para a preservação da memória e a história dos moradores e do conjunto.

Solicitamos a sua colaboração para conceder uma entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de história e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Informamos que essa pesquisa poderá ter consequências caso algum citado queira um prova do fatos relatados, caso ocorra tal procedimento, iremos fazer uso dos meios legais disponíveis para minimizar os riscos.

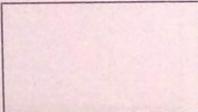
Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Elisnauro Araújo Barros

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Teresina, 07 de Agosto de 2018


Impressão dactiloscópica

Marcia de Santana de Jesus

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador Elisnauro Araújo Barros. Telefone: (86) 99962 1107.

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre o Conjunto Dirceu Arcoverde, cujo título: DE ITARARÉ A GRANDE DIRCEU: O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DA REGIÃO DO DIRCEU ARCOVERDE ENTRE 1976 A 1993, e está sendo desenvolvida por Elisnauro Araújo Barros, do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI), sob a orientação do Prof. Marcelo de Sousa Neto.

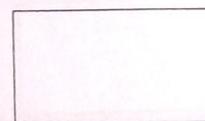
Os objetivos do estudo são analisar o processo de ocupação do conjunto Dirceu Arcoverde. A finalidade deste trabalho é contribuir para a preservação da memória e a história dos moradores e do conjunto.

Solicitamos a sua colaboração para conceder uma entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de história e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Informamos que essa pesquisa poderá ter consequências caso algum cidadão queira um prova do fatos relatados, caso ocorra tal procedimento, iremos fazer uso dos meios legais disponíveis para minimizar os riscos.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Elisnauro Araújo Barros
Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.



Impressão dactiloscópica

Teresina, 03 de Agosto de 2018

María Nozoné Oliveira Mosca
Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:
Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador Elisnauro Araújo Barros. Telefone: (86) 99962 1107.

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre o Conjunto Dirceu Arcoverde, cujo título: DE ITARARÉ A GRANDE DIRCEU: O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DA REGIÃO DO DIRCEU ARCOVERDE ENTRE 1976 A 1993, e está sendo desenvolvida por Elisnauro Araújo Barros, do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI), sob a orientação do Prof. Marcelo de Sousa Neto.

Os objetivos do estudo são analisar o processo de ocupação do conjunto Dirceu Arcoverde. A finalidade deste trabalho é contribuir para a preservação da memória e a história dos moradores e do conjunto.

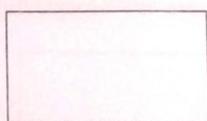
Solicitamos a sua colaboração para conceder uma entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de história e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Informamos que essa pesquisa poderá ter consequências caso algum citado queira um prova do fatos relatados, caso ocorra tal procedimento, iremos fazer uso dos meios legais disponíveis para minimizar os riscos.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Elisnauro Araújo Barros
Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Teresina, 03 de Agosto de 2018


Impressão dactiloscópica

Teresa Cristina Oliveira Rosculo
Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:
Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador Elisnauro Araújo Barros. Telefone: (86) 99962 1107.

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre o Conjunto Dirceu Arcoverde, cujo título: DE ITARARÉ A GRANDE DIRCEU: O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DA REGIÃO DO DIRCEU ARCOVERDE ENTRE 1976 A 1993, e está sendo desenvolvida por Elisnauro Araújo Barros, do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI), sob a orientação do Prof. Marcelo de Sousa Neto.

Os objetivos do estudo são analisar o processo de ocupação do conjunto Dirceu Arcoverde. A finalidade deste trabalho é contribuir para a preservação da memória e a história dos moradores e do conjunto.

Solicitamos a sua colaboração para conceder uma entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de história e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Informamos que essa pesquisa poderá ter consequências caso algum citado queira um prova do fatos relatados, caso ocorra tal procedimento, iremos fazer uso dos meios legais disponíveis para minimizar os riscos.

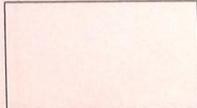
Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Elisnauro Araújo Barros

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Teresina, 25 de Agosto de 2018


Impressão dactiloscópica

Conceição de Maria L. S. Silva

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador Elisnauro Araújo Barros. Telefone: (86) 99962 1107.

Dona Conceição

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre o Conjunto Dirceu Arcoverde, cujo título: DE ITARARÉ A GRANDE DIRCEU: O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DA REGIÃO DO DIRCEU ARCOVERDE ENTRE 1976 A 1993, e está sendo desenvolvida por Elisnauro Araújo Barros, do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI), sob a orientação do Prof. Marcelo de Sousa Neto.

Os objetivos do estudo são analisar o processo de ocupação do conjunto Dirceu Arcoverde. A finalidade deste trabalho é contribuir para a preservação da memória e a história dos moradores e do conjunto.

Solicitamos a sua colaboração para conceder uma entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de história e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Informamos que essa pesquisa poderá ter consequências caso algum citado queira um prova do fatos relatados, caso ocorra tal procedimento, iremos fazer uso dos meios legais disponíveis para minimizar os riscos.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Elisnauro Araújo Barros

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.



Impressão dactiloscópica

Teresina, 06 de Abril de 2019

A R O G O : *Marina Parente da Silva*

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador Elisnauro Araújo Barros. Telefone: (86) 99962 1107.

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre o Conjunto Dirceu Arcoverde, cujo título: DE ITARARÉ A GRANDE DIRCEU: O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DA REGIÃO DO DIRCEU ARCOVERDE ENTRE 1976 A 1993, e está sendo desenvolvida por Elisnauro Araújo Barros, do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI), sob a orientação do Prof. Marcelo de Sousa Neto.

Os objetivos do estudo são analisar o processo de ocupação do conjunto Dirceu Arcoverde. A finalidade deste trabalho é contribuir para a preservação da memória e a história dos moradores e do conjunto.

Solicitamos a sua colaboração para conceder uma entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de história e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Informamos que essa pesquisa poderá ter consequências caso algum citado queira um prova do fatos relatados, caso ocorra tal procedimento, iremos fazer uso dos meios legais disponíveis para minimizar os riscos.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Elisnauro Araújo Barros

Assinaturá do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Teresina, 14 de outubro de 2018


Impressão dactiloscópica

Adalgiza Dorvaldo de P. Souza

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:
Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador Elisnauro Araújo Barros. Telefone: (86) 99962 1107.

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre o Conjunto Dirceu Arcoverde, cujo título: DE ITARARÉ A GRANDE DIRCEU: O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DA REGIÃO DO DIRCEU ARCOVERDE ENTRE 1976 A 1993, e está sendo desenvolvida por Elisnauro Araújo Barros, do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI), sob a orientação do Prof. Marcelo de Sousa Neto.

Os objetivos do estudo são analisar o processo de ocupação do conjunto Dirceu Arcoverde. A finalidade deste trabalho é contribuir para a preservação da memória e a história dos moradores e do conjunto.

Solicitamos a sua colaboração para conceder uma entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de história e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Informamos que essa pesquisa poderá ter consequências caso algum citado queira um prova do fatos relatados, caso ocorra tal procedimento, iremos fazer uso dos meios legais disponíveis para minimizar os riscos.

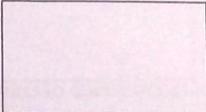
Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Elisnauro Araújo Barros

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Teresina, 25 de Agosto de 2018


Impressão dactiloscópica

Marcos Venício Gomes de Sousa

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador Elisnauro Araújo Barros. Telefone: (86) 99962 1107.